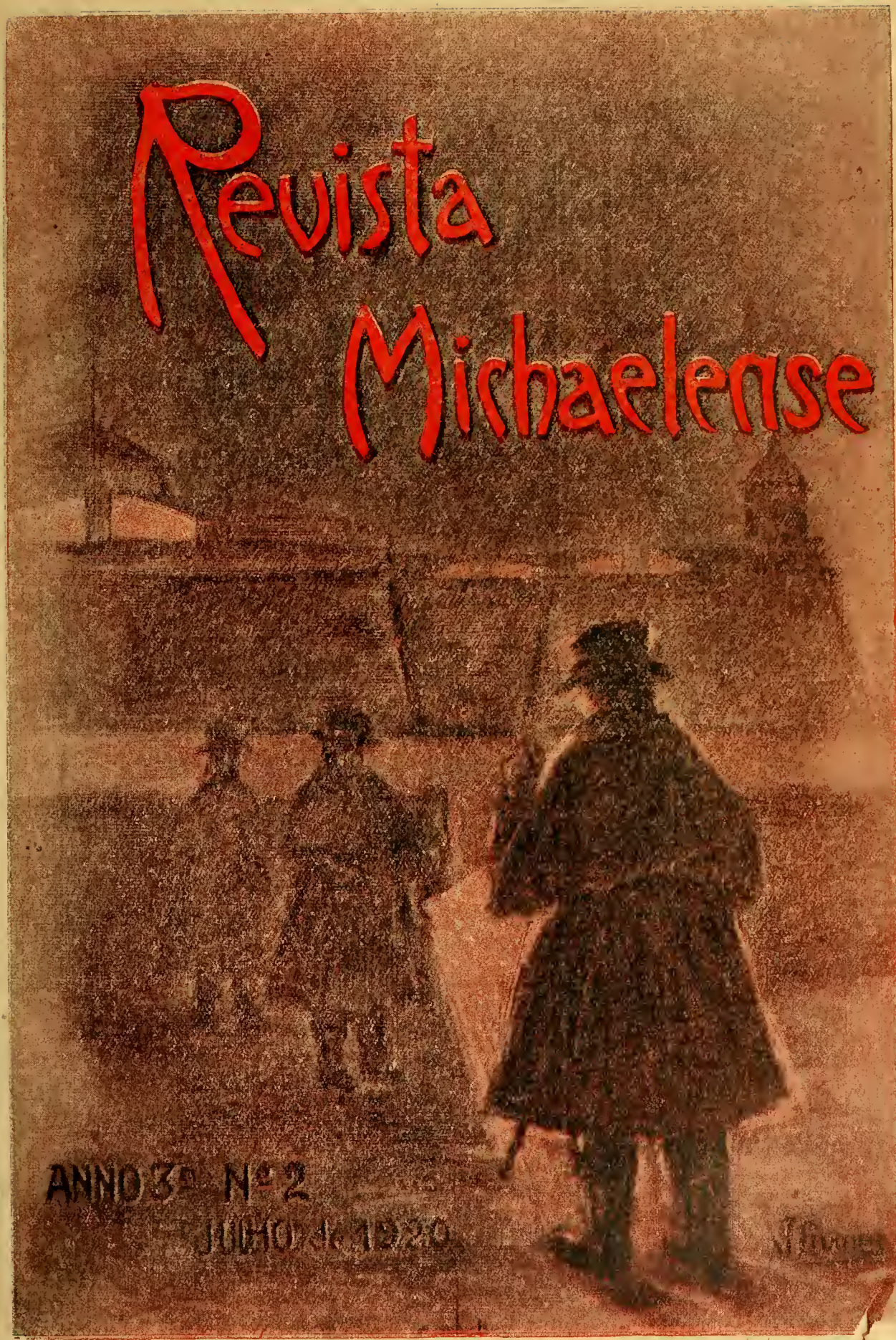
Revista Michaelense



ANNO 3º Nº 2
JULHO de 1920

INDICE

DO NUMERO ANTECEDENTE

PAG.

A PLANTAÇÃO DOS PINHEIROS BRAVOS, SILVESTRES, NEGROS OU MARITIMOS (Pinus Maritima de Lineu) 579

NOTICIA DE MEDICOS ANTIGOS E DE ARTISTAS PORTUGUEZES E EXTRANGEIROS QUE EXERCERAM A SUA ACTIVIDADE EM PORTUGAL, ACOMPANHADA DE UMA CARTA DE JOAQUIM DE ST. ROZA DE VITERBO SOBRE GRÃO VASCO —por Luiz Bernardo Athayde 590

NOTAS E ESTATISTICA DA ILHA DE S. MIGUEL—pelo Engenheiro Francisco Borges da Silva nos principios do seculo XIX (Continuação) 602

BETHENCOURT—por J. d'A. A. de Bettencourt 612

A SITUAÇÃO ECONOMICA DE S. MIGUEL DEPOIS DA PAZ E DOS ERROS DA GUERRA 619

ESTATISTICA D'IMPORTAÇÃO 651

CHRONICA CENTENARIA 657

ARMAZENS COGUMBREIRO

Esquinas das Ruas Manuel Ignacio Corrêa e Machado dos Santos

MODAS

Confecções para senhoras e creanças

Lãs e sedas nacionaes e estrangeiras

Chapeus, guarda-soes e bengalas

Louças e vidros

ARTIGOS DE RETOERZIRO

Calçado do melhor que se fabrica no paiz pelos ultimos modêlos

Variedade em artigos de aluminio e ferro esmaltado

MEIAS, PEUGAS, CAMISOLAS E OUTROS ARTIGOS DE MALHA

ARTIGOS PARA BRINDES

Tecidos para reposteiros, passadeiras, etc,

COGUMBREIRO & C.ª

PONTA DELGADA, SAM MIGUEL-AÇORES

MARCA REGIST.

Fabrica Atlantida

Andrade & Mello

Manipulação de Licores, Cognacs e Xaropes pelo sistema mais moderno e aperfeiçoado

Alguns typos de licores : Triplice Atlantida—Abaditine—Abade—Curação d'Hollanda—Anizete d'Hollanda—Menthe Glacial (verde) - Creme de Cacau e Baunilha Aniz Christalisado (escarchado) etc. etc.

Não temem confrontos nos preços nem em qualidades

Fabricantes do excelente xarope **TUTTI FRUTTI.**
O melhor entre os melhores.

Deposito e escriptorio : Rua Almirante Reis

Ponta Delgada—S. Migeul—AÇORES

LOJA NOVA

Luiz Soares de Sousa, Successores

RIBEIRA GRANDE

Com estabelecimento de atacado e retalho

Fazendas de algodão, lã e seda: Ferro, Cutelaria, Perfumaria, Guarda-soes, Chapeus, Cera, Stearina, Bijuteria, Algodões, Fitas, Utensilios para escriptorio, Assucares, Chá, Café, Arroz, Massas, Farinha, Azeite, Petroleo, Conservas, Doces, Vinhos do Porto e Madeira, Champagne, Licores, Tabacos, etc. etc,

Vendas a praso de 6 mezes para fazendas, e 3 mezes para mercearias

Das propriedades

Jacome Corrêa

Plantas d'ornamento

Sementes

Legumes

Fructas

Plantas d'abrigos e mattas

Rua do Collegio n.º 13

Carlos A. de Mendonça

Fazendas

Quinquilharias

MERCEARIAS

PREÇOS MODICOS

Povoação

Francisco de Medeiros Botelho

Commissões e Consignações

Unico depositario nesta Villa das Machinas "SINGER"

Agente das livrarias: Aillaud, Alves e C.ª, Francisco Luiz Gonçalves. Internacional

RUA RODRIGO GAMBOA

NORDESTE

S. Miguel Açores

Revista Michaelense

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR—AYRES JACOME CORRÊA

Redacção e administração
RUA DO COLLEGIO N.º 13
PONTA DELGADA, S. MIGUEL-AÇORES

PREÇO AVULSO 2$50

Composição e impressão
Oficina de Artes Graphicas
RUA JOÃO CHAGAS—P. DELGADA

Os direitos de propriedade são todos da Revista salvo para os artigos que trouxerem menção especial
COPIA E TRADUCÇÃO INTERDICTAS

ANNO 3.º | S. MIGUEL, JULHO DE 1920 | N.º 2

I

DOCUMENTOS

Trez documentos damos á publicidade sahidos do Archivo do Snr. Doutor Francisco de Mello Manuel Leite Arruda e que tem respectivamente o seu interesse, quer historico, quer litterario, quer social.

O primeiro são umas trovas dirigidas a El-Rei, em que o Conde da Castanheira é o protagonista, conhecidas pelo nome de trovas de Maria Pinheira. A satira visava o deslutre da familia dos Athaydes; elle não tem valor litterario nem tão pouco valor historico, porque ambos soffreram as mais pesadas censuras da epocha: quando se queria desprestigiar algum escriptor, attribuia-se-lhe a auctoria das trovas e é assim que Damião de Goes, quando veiu a Portugal em 1533 para assumir o cargo de thezoureiro na Casa da India, foi attingido nos seus meritos e dado como auctor das trovas; quanto ao valor historico, as allusões que a poesia encerra foram provadas como falsas. O Senhor Dr. Theophilo Braga na sua Historia da Litteratura fez referencia em Sá de Miranda (pag. 200 a 203) reproduzindo algumas quadras das trovas e explica o parentesco de Maria Pinheira ser avó do Conde e filha de uma Judia e do Dr. Pero Esteves de Sá. sobrinha tabem da avó de Sá de Miranda.

O segundo documento consta dos termos do testamento de Luiz de Saldanha, um d'estes nobres que os principios de moral atiraram para o desgosto vendo um meio d'embusteiros e de falsos; as suas disposições são curiosas não só pelos commentarios como pela vontade do testador quanto á indicação de verbas.

O terceiro e ultimo é um importante relato dos acontecimentos que precederam o rompimento d'hostilidades com a Hespanha na guerra da Restauração. Os nobres mostrando ironicamente o destino em que se punha a situação social e militar que occupavam foram convidados a desfilar n'uma festa da Quinta d'Alcantara armados de phantasia com motos allegoricos e humoristicos em frente de D. João IV e da côrte. E' documento inedito e desconhecido nas historias da epocha. (1)

I

TROVAS

Que se mandarão dar a El Rei. D. João III por hum Frade de St.º Antonio dous annos antes da sua morte, e as tinha na sua gaveta, e as lia algumas vezes, e as mandou queimar por Manuel de São Paio no dia que veio a Mizericordia.

(1) E' possivel que este relato fosse apenas uma pasquinada em vista da natureza das alusões.

Trez dias antes, que fallecesse que foi a 22 de Junho do anno de Christo de 1557.
Não se sabe o Author d'esta obra. Ainda que se entendem foi couza da casa do Conde de Sortelha, outros que Damião de Goes Garda mór da Torre do Tombo em odio do Conde da Castanheira.

Snr.

1

Deos sabe que esconder
A minha tenção não posso
E por seu serviço e vosso
Digo quanto a que disser.

2

Se sobre isto o dissirvo
Comclemencia que soe
Como vassallo, e cativo
Que o ama, me perdoe.

3

Hum Poeta dos Latinos
A hum seu amigo escrevera
I a agora a terra cria
Homens maus, e pequeninos.

4

Como quer, que com a idade
Tudo cança e nos esquece
A fora só a maldade
Que esta sempre prevalece,

5

Homens bons, e de muito ser
Nesta terra haver soia
Ainda outros mas haveria
Se os deixassem viver.

6

Os que metem pelos Portos
Mercadorias defesas
Com que os mortos são mortos
Se os vivos são suas prezas.

7

Elles no Reyno meterão
Mentiras e judiaria
Baixezas e Hypocrisia
Que toda terra encherão.

8

Hetanto que mas valia
Tem já isto em Portugal
Que droga, cravo trincal
Nobreza, e Cavallaria,

9

Mas de hum que tudo pende
Vos direi, Senhor hum pouco
Em que me tenhas por louco
Que Deos calar me defenda.

10

Pois diz bradassem Cessar
Por Iraias, e Canta
Como trombeta Levanta
Huma voz sem descançar.

11

E elle que tudo he tudo
Nos salva pela tenção
Ver eu tanta perdição
Me faz falar sendo mudo.

12

E com esta ouzadia
Digoa porem com febre
Que emsua feionomia
Vere vi melhor que tem lebre.

13

Começo no que se diz
Desde que o mundo se criou
Aquelle a quem Deos bem quis
No rosto lho amostrou.

14

Apos isto no cabello
Na sombra tão infernal
De estopa de ruim pelo
Nunca se faz bom saial.

15

As sombrancelhas irsutas
Mayores que o bebedouro
No meio da testa junta
Signal he de mau agouro.

16

Olheira por meio rosto
Olhos tristes encovados
Resinhos falços sem gosto
Pensamentos esfaimados,

17

Esfaimados de cobiça
De soberba e de inveja
De quantos males atiça
Que todo o mundo deseja.

18

Esfaimados de suspeitas
Enganos e falcidades
E palavras contra feitas
Onde nunca entrou verdade.

19

Esfaimado por lançar
O Reyno e terra perder
O preço, honra e ser
Dos que são para estimar.

20

Esfaimado, e Esfaimado
Por acabar de Roubar
Honra, fazenda, e estado
De quem isto lhe foi dar.

21

Em todo o seu parecer
Nas obras detanta perda
Parentesco deve ter
Com Ladrão de mão esquerda.

22

Ha hum sem fundo adverso
Do Direito, e do envez
Em ser tuivo, e perverso
Da cabeça até os pez.

23

Daquelle ouvi afirmar
A hum seu, ninguem se espante
Que artelhos, e calcanhar
São mores que pordiante.

24

São de Ladrão calcanhares
Dizem todos a huma voz
Faz com ratos nos Altares
Mais Lavoura que na foz.

25

Té quando pois durará
Senhor tão cruel engano
Sortido em tão grande damno
Trinta, e trez annos há.

26

Ponhamos em termos isto
Vejamos quem tem razão
Seja Juiz Jezus Christo
Em quem não ha suspeição.

27

Vossa Alteza que achou
Neste homem feito um pecado
Que assim o apoderou
De si, e do seu estado.

28

Entregue a sua vontade
Donde dependem Leys
Tudo podem dar os Reys
Senão sua Liberdade.

29

Este tudo tem de vos
Com que se fez Soberano
Ingrato Cruel tirano
A Deos, avós e a nós.

30

Este mais sobretodos
Este credes desde a luna
Este tem com vosco os modos
De D. Alvaro de Luna.

31

Senhor que engano he este
Como não fugies deste homem
De que tantos morrem
Por ser o seu mal de deste.

32

Que so dous, trez dias dura
Qual outro em vossa graça
Logo de vós o Rachaça
Na devoção sem cura.

33

Não podem ser todos maus
Elle so he virtuoso
Sendo hum falço Rapozo
Todo cheio de desvaus.

34

Faz quanto se lhe antoja
E dis quando adoece
Quem meventa me anoja
Quem o não faz me aborrece.

35

Olhai la pelo virote
Tomai-lhe os Cabelinhos
Criai-lhe bem os filhinhos
Governai por este Norte.

36

Em qualquer outra pessoa
Passará isto por graça
Quem não tem couza bôa
Ponha os seus bofes na Praça.

37

Malditos sejão os Pais
Que gerarão tão má couza
De que todos dão mil ais
E nenhum fallar ouza.

38

Por terem reconhecido
Ser de vos apoderado
Como Deos he adorado
Como Diabo temido.

39

Dae ao Demo este Diabo
Dae este Diabo ao Demo
Não he bom não volo gabo
De governilho, e Remo.

40

Não se lhe sabe virtude
Não vio Leão nem pelejou
Nem mortos Resuscitou
Dos vivos he ataude.

41

Pois que milagres são estes
Que sizo, e que discripção
Porque assim lhe cometestes
Toda a vossa jurisdição.

42

Se elle fora sizudo
E discreto em seus modos
Não governara alli tudo
Em escandalo de todos.

43

He de glorioza ley
Que a nos todos ensina
Inimigo de Deos, e Rey
A este quem todos malsina.

44

Se vos tem amor, ou não
Não he trato de Hipocraz
As obras volodirão
Não cureis das suas sallás.

45

Que são figuras e falsa
E estrevence a duras
Com que vos cascou, e casca
Por nossas desventuras.

46

O criado verdadeiro
Que tem verdadeiro amor
Mais que o seu e primeiro
Sente o mal de seu Senhor.

47

Nos Concelhos Vossa Alteza
Em elle somente crê
Pondo tudo em grandeza
Da perdição que se vê.

48

Por seu conselho casou
A Princesa em Castella
Vede como Deus livrou
Este vosso Reyno della.

49

Por seu concelho deixastes
Quatro lugares aos Mouros
Verdade he que poupastes.
Com isso grande tezouro.

50

Mas por seu Procurador
Por Deos boas contraditas
Que não fizessem Mesquitas.
Nos templos do Salvador.

51

Ao Duque por suspeição.
Que sempre em tudo precede.
Por ser parente de Abram
E tambem de Mafamede.

52

E que como homem antigo
Paréce que lhe sobra
A sua Geniologia
Que he este que aqui digo.

53

Mestre João Sacerdote
De Bracelos natural
Houve de Moura—tal
Hum filho de boa sorte.

54

Peró Esteves se chamou
Honradamente vivia
Por amores se cazou
Com huma famoza Judia.

55

Deste pois nada se esconde
Nasceu Maria Pinheira
Mãi da Mãi daquelle Conde
E sua Avó verdadeira.

56

Vede se esta bem provada
Esta sua suspeição
Mas não aproveita já nada
Onde há sobeja afeição.

57

E com juizo tão suspeito
Mal inclinado teimozo
Desalmado, cobiçozo
Todos perdem seu direito.

58

Factos trabalhos, receio
Lhe faz tal sentença dar.
Christão e serudo meio
Para o meu aproveitar.

59

Antes por a Deos fazenda
Receio mais trabalho
Nunca já será atalho
Mais rodeio sem emenda.

60

Veja isto Vossa Alteza
Nas couzas que tal cauzarão
Pois que todos se dobrarão
E muito mais a pobreza.

61

E como para poupar
Gastose fez a tal obra
Acrescentouse as a sobra
Dobrou-se o individar.

62

Em os tais Concelhos sãos
Vera o mais a que vejo
Nascerão mil e hum receio
De Mouros aos Christãos.

63

O trabalho era alem
Em Meritoria guerra
Agora a dão e aquem
Em todo o mar e terra.

64

Vos Senhor o não tenhais
Pouca culpa neste feito
Peço vos tudo gemais
Sempre dentro em vosso peito.

Estas trovas são feitas ao Conde. que fez mal a muitos. Pai do Mouro que o faz hoje em dia a muitos mais.

ANOTAÇÃO

Do Padre D. Manuel Caetano de Souza

Tudo isto continha aquela famosa Satira de que se não sabem vulgarmente mais que as Coplas 53-54-55 as quais a malicia e a inveja incomendou mais a memoria, por inserrarrem ensi falta que se transfunde na posteridade quando não he tão falsamente imposta como neste caso cheios andão as memorias dos Genealogicos de argumentos, que bem vencem de falso aquella impostura aos quaes eu só acrescento que não quero maior prova da sua falcidade, que ver aquellas trez coplas entre tantas tão maledicas, que dizem de hum so homem tão grande como aquelle Conde foi, tantos defeitos que não cabem em muitos homens vis e facinorosos, e ver que nas Coplas 9. 10, 11, quer o Autor com pouco respeito ás Divinas Escripturas, atribuir a impulsos do Espirito Divino a que só são effeitos do espirito malegico, e que sem duvida levaria comsigo ao inferno o Author das Coplas se elle antes de morrer senão desdicesse como affirmão se desdisse e Deus que summamente justo quiz, que aquelle mesmo Conde, cuja descendencia nesta Satira injustamente se pretendeu infamar, tivesse huma mui esclarecida descendencia cheia de Varões insignes em santidade, letras, Armas, Dignidades, Ecclesiasticas, Seculares, as maiores. que se podem conseguir em Portugal como sabem os que tem menos que mediana noticia das familias do Reyno, no qual sempre os Sezudos tiverão esta copla por huma mera falsidade—D. Manoel Caetano de Souza.

Sedula de testamento e ultima vontade de Luiz de Saldanha

O Amor da Patria o novo modo de proceder nestes nossos tempos nos negocios acçoins graves, e importantes tão differentes de como nossos passados nelles procederão, a declaração viva, observando preceito que entre nós corre, a falta de verdade, cauza de todos os malles a natureza. que sempre tive de fallar todas estas razoins a qualquer me obrigava intendendo ser chegada minha derradeira hora avos deixar Lembrança daquellas couzas, que na vida mais senti; e que em tudo são necessarias ao bem commum destes Reynos, e para castigo daquelles que são instrumento de tantos males como por avizo dos que quizerem seguir sua fortuna com os meios, e modos, que quizerem seguir ao seu Deos, e a seu Rey, e a sua Patria, são obrigados juntamente tractar do que quero que meu enterramento se faça porque como quer que nesta materia espero tractar vos fica menos pezada, o que sem vos esperei reprehender.

Peço aos Senhores Martim de Tavora, Dom João da Silveira, e o Alferes Mor sejão meus Testamenteiros e a todos juntos, e a qualquer delles peço por mercê dem a execução a esta minha ultima vontade e da sua Fidalguia confio que assim mo farão por não serem ingratos aos bons documentos que emquanto vivi lhes dei os quaes forão gram parte das suas valias, e para que este trabalho lhe seja mais facil e que nelles viva minha memoria deixo ao Senhor Martim de Tavora toda a minha graça e boa sombra porque sendo este não haverá quem pergunte que anda fazendo na Corte. Ao Snr. D. João da Silveira deixo a minha discripção porque quando quiser fallar de Seio o possa fazer. Ao Snr. Alferes Mor como versado neste Officio deixo a minha Authoridade, e gravidade que tive no proceder delles para que com mais atenção e respeito andão os ouvintes.

Mando que meu Corpo seja enterrado com toda a limpeza possivel e darme hão Sepultura onde meus Testamenteiros ordenarem. Livar me hão a ella o Vellez e Camello, o Vellez fará o pranto com os mesmos modos maneiras com que destruhe as honras dos homens quando por graça conta historias e os contra fas.

e no caso se lhe não vier o seu accidente da Gota Coral contrafalo-ha para que se lembre este homem do mau estado em que anda, que tendo seis centos mil reis de renda sem ter filho nem filha ande por Chacorrisca na Corte emperjuizo do Mundo todo a risco de huma hora o levar o Diabo para o inferno.

Ao Lopo dar-lhe-hão sua Carapuça de Gerais e pagar-lhe-hão seu trabalho como costumão aos de Mizericordia, e ir se hão embora porque minha tenção não he tratar mais particularmente desta gente.

Mando que D. Luiz de Lencastre leve a Vara da Irmandade e vá diante da tumba arremedando ao Conde Seu Sogro, e João Carvalho pelo acomodar no que ser era tangindo a Campainha, e em vos alta pedindo ao Povo sentimento da minha morte.

Mando que o Castilho me diga o responso e pesso lhe muito, que nesta Jornada para onde Portugal está de caminho sirva de Alferes de todos os engraçados e quero que a devisa da Bandeira seja esta: Huma das bandas della que será em campo verde no mais alto juntarão huma viola cercada ao redor de pinturas, que mostrem, mil effeitos tambem asombrado como eu sempre fui, e huma letra que diga:

Esta he a branda lira
Com que nosso Man...
Temperou todas as outras.

Tudo o mais que dessa banda ficar se pintará de guitarras mayores, e mais pequenas conforme aos homens, que milhor as tocão, e os nomes destes, que serão os que parecerem os meus Testamenteiros se porão nellas, e da outra banda se pintará da milhor maneira, que poder ser, e mostrar, e dar a entender a melanconia, e antonação Portugueza em campo escuro carregado de nuvens negras, e tudo cheio de personagens mal assombrados, e tristes que pela graveza mostrem a semsaboria de muitos homens que todos conhecemos, e dirá a letra

Antre extremo, e extremo
Nunca acertamos meio

No dia de minhas honras fará a oração funebre um Italiano o Putrefet e avera outro que allege como Papa Paulo. E assim o dia de meu interramento, como para elles serão chamadas todas aquellas pessoas, que parecerem a meus Testamenteiros, que se prezão do nosso officio, e asi me parece, que se ajuntará quase toda a Corte, e por conta da minha fazenda mando se dê a todos dó.

Mando se pergunte da minha parte a Luiz da Silva se chegarão seus pensamentos algum dia a ter quinhentos mil reis de renda, e lembro-lhe pois isto tanto avante de tudo o que podia desejar, que conheci a mercê que Deos lhe fez e trate aos homens em taes despachos com o respeito dos trabalhos, e fomes em que sivirão, não queira ser mais Fidalgo por Arte, e por valia do que hé por geração, porque lhe afronta que se fas e sem a malicia geral dos Silvas porque já não há ninguem paguo, e que cuida que engana e fica enganado.

Seja reprehendido da minha parte Francisco de Portugal porque entendendo quam necessario he para a vida dinheiro que o fas cesar como o banquo de Luca agora que os homens tanta necessidade tem delle para gastar no serviço de seu Rei lhe nega com salobras respostas a paga do que lhes deve porque este hé boa maça de homem confio que basta este anno porem se elle senão emendar aparecer-lhe-hei emsombra como antigamente apareceu a almas de Sameios a molher de D. João de Austria, que com tanta afronta dos homens se soffre andar entre si.

Saiba-se de Francisco de Sá e Menezes qual foi a razão, que o obrigou sendo hum Fidalgo honrado, e bem quisto dos homens aceitar com escandalo de todos a Commenda que o Duque de Aveiro pertendia, e senão dar por disculpado que o fez por persuasão de Pedro de Alcaçova, e concelho que o não deixem andar mais na Corte.

Mando, que acusta deminha fazenda se despache hum Correio a Corte de

Castella, e a meus Testamenteiros peço que em meu nome escrevão ao Duque de Alva, que me faça mercê delhes mandar dizer em que conta tem os Portuguezes, depois que o Conde de Portalegre por importancia de S. S.ª Casou sua Neta com D. João da Silva e da resposta que trouxer ficará bem entendido a Cegueira e affronta e deshonra destes nossos tempos.

Mando se saiba dos Mascarenhas porque não estrovarão cazar seu sobrinho com a filha do Coresma, e se desserem que lhe pezou doque o barão que o Barão tem a culpa, não os heide por desculpados porque o poderão mandar fora do Reyno, e em castigo deste erro mando que daqui por diante não sejão tão pontoaes, nem roncadores, e toda a geração que deste matrimonio veio não se chamarão Mascarenhas em todas as suas obras serão Lobos, e Coresmas.

Saiba-se de Luiz de Sá a que maneira teve para porvia demercancia, sendo morto tornasse aresurgir, que declare se foi desenho se de Genovezes dado como alvitre do Sal, e se acharem que hé sua mercê que osofrão, mas aconcelho ao Povo que se guarde de hum homem tão util ao seu proveito.

Peção por mim perdão ao Snr. Manoel Coresma Barreto, a ao Sr. Miguel de Moura de me esquecer delles neste Lugar.

Mando que perguntem ao Conde de Vimiozo se lhe porvê tambem os desenhos desta guerra os outros, que elle já aconcelhou e se folgara de tornar ja ao seu officio, e se disser que sim peço a S. A. me fáça a mercê de lhe tornar a dár mas com condição digo declaração que se fallar a seu filho por senhor ser pelo mesmo cazo o torna logo aperder porque de hum homem tão innocente, não proceder em seu cargo como elle sempre foi, hé a mais grave culpa em que pode cahir a certo aborto para satisfação e alivio da gente que sempre se desejou fora delle.

Deixo a Christovão de Tavora a fortuna de Ruy Gomes da Silva aconcelhando o que saiba uzar da mesma prudencia porque senão perca em sua vida, e mando que lhe perguntem porque cazou sua Irmãa com Luiz de Alcassova, e se der por razão, que o fez por conservação de sua saude, mando lhe que sofra todas as affrontas, embaraços sem se queixar deste novo parentesco. pois foi peco, que fez cabedal de herança de hum homem de que o tempo mostrou sempre, e mostra quão pouca razão tiverão emtodo o estado seus amigos e parentes para se fiarem delle.

Mando, que obriguem a João Gomes Cabral, que declare quem conhece por seu Coronel e pague a pensão desta Capitania, que lhe dérão, e isto não digo porque lhe esteja mal mas podera-lhe estar milhor.

Pergunte-se ao Vedor do Duque de Bragança que conta fazem catorze Cadiados para canastras para entre vinte e cinco mil cruzados que elle diga no ról que sua S.ª fez de despeza em sua matalotagem.

Peço ao Duque de Aveiro tome a sua custa nesta Jornada aos meus Amavos como Orfãos filhos de bom Pai, e saibase dos Officiaes de sua fazenda donde esperão aver o dinheiro para Sua S.ª dar banquetes nella.

Saiba-se de Agostinho Caldeira se espera seu amo valer-se nesta Jornada do muito que lhe deixou a Infanta sua Thia.

Peço e encomendo muito, e com muita instancia a meus Testamenteiros não perguntem nada aos officiais da fazenda do Marquez de Villa Real ainda que D. Jorge de Austria meta nella sua authoridade.

Peço ao Snr. Martim Gonçalves da Camara que como rallado que sempre foi do serviço de seu Rey e tambem do comum deste Reyno senão vá da Corte porque quando menos ficar nella passe o lugar a quem tanto deseja ver-se nelle.

Pelos mesmos respeitos lhe peço diga a El Rey Nosso Senhor da mesma parte que com Lheys Catholica incline os ouvidos as vozes, e clamores de todo o seu Povo, e Reyno, e verá quais são os effeitos que procedem dos concelhos e por elles conhecerá claramente o animo dos que o aconcelhão, e d'ahi possa mais a este Sua S. A. o bem universal de seus Vassalos que com as mesmas Lagrimas com

que o pedirão a Deus lhe pedem a elle não consinta ser maltratados nem vexados não queira arriscar sua pessoa ainda que parte pareça que lhe encontra sua vontade e que em satisfação della augmentada, e persuadida da opinião de poucos em que no modo de proceder pareça ter mais com as pretençoens particulares que com as obrigaçoins geraes de Leaes, e bons Concelheiros, e que não admita nem queira a industria de Ministros que hé hum pouco fórão por Justiça ordinaria, e por julgador Catholico, e temente a Deos publicamente reprovados porque o modo que andem buscar para aniquilar, e tirarem da opinião do Povo as culpas porque forão castigados hade ser com se fazerem validos, e adorados sem nenhum respeito da honra de S. A. com lhe aproveitarem todos os desenhos em que entenderem lhe dão gosto, ainda que notoriamente encontrem seu serviço á custa do sangue e bons vidos de seus Povos e Vassalos, e porque minha tenção he aproveitar, e não ser pro levar acabo esta Cedula com a reprovação de todas as mais, que em meu nome se fizerem porque so esta he feita, e aprovada por mim, e para satisfação do meu animo repito aquellas palavras de hum Autor Conhecido trazidas por elle na mesma materia de advertir, que dirão.

Lyo parlo por ver dire
E ne per odio altri ne por maldire

1641

Tendo os Fidalgos noticia de que S. Magestade passava a fronteira do Alemtejo tratarão de se apreceber, e preparar para o acompanhar, e passando mostra a S. Magestade na quinta de Alcantara se offerecem empr.° Lugar.

O Duque de Aveiro armado de Capellão Levava pintado no peito dous cornos, hum branco, outro preto com a letra que dizia.

Minha Mai me doutrinou
Quando estive em Penella
Que morresse por Castella.

Offerecia-se Logo o Marquez de Ferreira Sercado de seis, Lacaios descobertos calvagado em huma mula, e em lugar de Armas Levava uma Saltimbarca de Coiro a modo do Alemtejo e nella pintado hum balcato com este mote :

Não sou carne nem sou peixe
Nem colchão, nem Almofrexe

Seguia-se o Marquez de Gouveia com Vergarina forrada de peles em Lugar de Armas, e no peito hum Dormedario com este mote :

Sempre fui tido por besta
Mas com tal severidade
Conservo neutralidade
Que pareço homem de testa.

O Marquez do Monte Alvão vinha logo com humas Armas de Conchas de tartaruga, e huma que lhe servia de Rodella mostrara a pintura huma L·a cheia com estes versos :

Aparencia Portugueza
Melibertou a Marqueza
Muito em meu talento cabe
O coração Deos o sabe.

Com Licença da Marqueza sua Mãi o acompanhava o Marischal seu filho Conde de Setim, vistia huma saia de malha, e emtarca de hum burquel, que foi de Diogo Gomes Quaresma e primeiro do Deus Marte em que se lia este mote entre huns bichinhos de seda que Levava pintados :

Com o titulo de Conde
Com os tres mil de contado
Já não estarei amoado.

Armado de Coiro de Moscovia vinha o Conde de Vemioso. e no meio dos peitos se devisava hum Elefante, e no meio da tromba esta letra :

Em descobrir a tracção
Ganhei muita opinião
E se mais sedo o fizera
Retirado não estivera.

D. Luiz de Portugal seu filho lhe fazia companhia com hum vaqueiro de mangas perdidas em lugar de Armas, e na cabeça huma carapuça em que se lião estes versos juntos a huma gaiola com um passaro.

Meu Pai me tem encantado
Desejo ver-me cazado.

Seguia-se o Visconde cercado de Bacharcis, e Varas com Ropão de peles de Rapoza, e hum dos Alcaides, que o acompanhava Levava ao povo uns papeis que tinhão pintado hum lagarto com esta letra :

O Vulgo que em tudo acerta
Da minha fé duvidou
Mas já se desenganou.

Seu filho D. Diogo de Lima armado de ponto em branco entrava neste Lugar, levava pintado no peito hum Livro fechado com esta nota :

Siga as letras quem quizer
Que eu Visconde quero ser.

Mathias de Albuquerque que passou neste Lugar e tornou Logo o de Mestre de Campo sem embargo dos protestos do Conde de Vimiozo, e do sereno Marischal armava-se de paciencia contra as ballas dos Envejozos porque sabia hum facil remedio contra as do Inimigo, levava por diviza um fogio com uma Decima que fez Antonio Gomes de Oliveira o qual as distribuia ao Povo :

Com a inveja me apuro
Em o serviço de El Rey
Porque as materias sei
Não vivo muito seguro
Para o prezente, e futuro
Me sei mui bem disfarçar
Que pois eu sube escapar
Estando preso huma vez
Todo o poder do Marquez
Me não hade abalroar.

Os Lugares, que se seguião ainda não tocavão neste Lugar, digo a D. João da Costa, Alvaro de Souza, alcansou Mathias Decreto particular para o acompanharem o primeiro com as Armas brancas de prata e negro semeadas de estrellas, morrião do mesmo se offereceu muito airoso, levava no peito esta nota :

Por ser muito pedidor
Não fui por Embaixador
De Mathias a amisade
Me dá cargos nesta idade.

Repararão todos que não levava diviza mas os Lacaios deitavão ao Povo huns papelinhos com ella, que era hum Faetonte governando o carro do Sol seu Pai com este mote :

Tudo quero governar
Tudo heide embaraçar.

Alvaro de Souza vestido a Ingleza, e com Armas do Rey levava pintado nas costas por divisa defrentes instrumentos de fortificação com quadrantes, Regoas, triangulos, linhas prependiculares, e outros entre os quais se via este mote em lingua Castelhana :

De dentro tengo minal
Que de fuera no ais tenal
I con estes instromentos
Voy fundando mis intentos.

O Conde da Torre seguia logo cavalgado na Egoa Persa, que por linda trassa mandou a hum escudeiro de Alemtejo. Armava-se de hum Coiro dobrado e com muitos picadouros, e alvitares que o cercavão, Lançavão aos circunstantes alguns papeis em que se via pintado por divisa hum escudo das Armas Reais, e hum airoso Cavalo, e em campo de ouro, estes tres quartilos:

Sem honra, vida, e fazenda
Me julguei numa prisão
Estive com aclamação
Vida titulo, e Renda.

E com estes intervalos
Mais Castelhano heide ser
E furtar quanto poder
Na Commissão dos Cavallos.

E neste que por divisa
Levo pintado mostrei
Que ainda que o estudei
As Armas desauthorisa.

Acompanhavão seu filho Morgado cobertas as Armas com o Capote das atacas nelle cosido hum pergaminho em que levava pintado hum juimento com este mote:

Sou líndo, como humas flores
E com meu entendimento
Hum juimento, outro juimento.

O Conde da Castanheira por sua muita idade calvagando em huma mula desarmado, e levava pintado no peito a cabeça de Jarra, e ao pé della esta letra.

Com duas caras me vejo
E com toda esta velhice
Ha muito grande pervoisse

O Conde de Monsanto se achou nesta occasião ao Lado do Sogro vestido da Mota, elle levava as Armas de D. Queixote, e Elmo de Alambre, e no peito pintado hum Camelião com este mote.

De cor, que ao Cunha, lhe agrada
Nesta guerra me acharei
Por meu Redemptor ElRey.

Henrique Correia posto que sua muita idade o desculpava não faltar nesta occasião, e por não poder sustentar as Armas hia sem ellas em huma mula de Cóche e em hum babadoiro que levava sevia pintada uma cobra despindo a pele com este mote.

Ainda sou Bambalhão
Pois tardei na Aclamação.

Seu filho Martin Corréia hia a ilharga do Pai armado de ponto embranco, e no meio do peito hum Aniobal vendo as aguas da Piscina com hum mote que dizia

Se o Anjo se me lembrar
Tambem terei meu lugar

Dom Miguel de Almeida tambem não levava corpo de Armas mas na posta de huma pica, que lhe levava o seu Ruivo pendurado hum estandarte, e pintado nelle huma lavareda de fogo que sahião de huma cinza com esta Letra.

Das cinzas do esquecimento
Me levantei sem ter nada
E sem ter nenhum talento
Com fazenda mal ganhada
Coche liteira sentento.

Seguia-se logo o Monteiro Mor cercado de Alabardeiros com humas Armas

que mandou fazer a sua medida calvaga em hum frizão para o enxergarem e no peito das Armas tinha pintado o Cão carebro com este mote.

O Penso he o meu roteiro
E lhe vesta o seu dinheiro
Se as chaves do Ceo tivera
So abrira a quem me dera.

Pedro de Mendonça com o pretexto de se achar junto a pessoa do Rey passou Praça neste Lugar armado de Armas negras, e no peito dellas por divisa huma testa de bode com esta Letra.

Inda que sou Polifemo
Fiz bizarra pontaria
A toda a Cavallaria.

O Camareiro Mor por o não mangarem as Armas levava peito espaldar somente calvagava em huma sela da Opera de Rey obra digna do seu juizo e no peito por divisa huma nova albardeira com este mote.

El Rey se enfada de enjoe
E Sou enfadonho a todos
Enfados por varios modos.

Jorge de Mello armava-se com gibão de Ilhéo levava a fortuna por divisa com hum pé no mar, e outro na terra e huma Letra que dizia.

Para ter algumas rendas
Entrei nesta Aclamação
E a gallé, e a S. Gião
Não são mais duas Prebendas.

Antonio de Saldanha com duas Conchas de tartaruga que lhe servião de peito de espaldar se ofereceu com a divisa de hum Cão deagoa e com este.

A viagem da Terceira
Me emcheu bem a Algibeira
Tenho a torre e mais desejo
Sem ter vergonha nem peijo.

Logo seguia-se Dom Gastão Coutinho com couro, e saia de malha e Capauto em cujo semiara por divisa hum bilhafre com este mote.

Porquem tudo lhe roubei
Vasconcellos enterrei
Sempre bilhafre heide ser
Se mais governos tiver.

Gaspar de Brito se offereceu armado de Laminas, e querendo-o tirar daquelle Lugar por dizer-se o que havia de ter com outros Fidalgos penurios apresentou hum passaporte de D. Gastão, e outro de Gomes Freire com que logo o deixarão passar levava em hum grande pergaminho a sua faca com esta Letra.

Ainda que Padrinhos tenho
Não sei qual foi a razão.

O Conde de pena Guião em hum Cavalinho de algibeira vestia huma Arena de Papellão semeadas de morcegos, e na boca de hum que levava no peito se lia esta Letra.

Com o favor do crescente
Fui Cavalleiro de guerra.

O Conde de S. João vestido de pelles de Asno a modo da Armenia levava posto hum babadouro nelle por divisa Lavrada de seda negra huma Galinha chocando os ovos com este mote.

Posto que não dou cuidados
Nem de mim podem vir damnos
Choco frangos Castelhanos.

O General da Armada se vestio a Indiatico com prezença Veneranda e barre-

te vermelho, com catana dourada, na cabeça murrião Lavrado, e por divisa hum Camelo com este mote.

Sou valente General
Mas o meu entendimeuto
He de hum famoso jumento.

Seguia-se D. Pedro de Alcasova desarmado fazendo-se tonto, e ainda passou mostra dispensar S. Magestade com elle ficásse edolatrando no seu dinheiro mas levava por divisa hum Coffre de ferro de trez chaves e sobre elle este mote:

Mui bem satisfeito estou
De huma fineza que fiz
E fazer outra não quiz

Acompanhava D. Antonio de Alcasova seu filho vestido de Couro de Carmira vermelha com a divisa de huma Arvore Seca e ao pé delle este mote:

A miseria de meu Pai
Tambem a mim se pegou
Esteril em tudo sou.

Vinha Logo o Conde de Valdos Reys tão triste com humas Armas ferrugentas que levava as quais forão de seu Avô, e para se lhe poder ler o mote que levava no peito o mandou escrever em hum papel em que tambem mandou pintar huma ratoeira, e dentro um rato e dizia a letra

Soube escapar da prisão
Deos sabe minha tenção.

O Monteiro Mór quiz passar mostra ainda que fosse para Alemtejo contra sua vontade trazia a destra seis cavalos que forão del Rey a que elle aplicou o seu serviço vinha armado de Couros cruz dos vacos dos quintos e trazia hum edificio Suptuozo com este mote:

Na Embaxada que levei
Boas casas grangeei
E mostrando-me Prato
Só do meu proveito trato.

Offerecia-se o Conde de Obidos com Armas resplandecentes que lhe dava o Sol que o não esquentase levava um creado com hum chapéo de Sol da India, e lhe levava luvas de ambar, e no peito o Deos Marte prezo na rede de Vulcano com esta Letra:

A delicia, e o Regalo
E o amor de minha sobrinha
Me aprezentarão azinha

O Conde de Cantanhede passou mostra a pé por causa da sua inferinidade levava-lhe diante hum creado hum corpo de cera, que apresentou ao St.º Christo, que lhe desse saude, e tinha por mote:

Se não morro este Inverno
Sou prezidente eterno.

Acompanhava-o D. Antonio Luiz de Menezes Seu filho com calção e Colete de Anta, e morrião dourado e nelle por divisa o passaro celestre com esta Letra:

Por ser Fidalgo sezudo
Não se faz caso de mim
De Asnos, e Velhacos sim.

Tambem D. Rodrigo de Menezes acompanhava o Conde com as abas na Crista, e duas pistolas levava por divisa as trez Deozas de maçar em couros vivos com huma letra que dizia:

Ou vestidos, ou despidos
Todos me parecem bem
A mocidade tudo tem.

Seguia-se o Conde de Redondo armado com hum gibão de palha de Centeio

em o meio do qual levava pintado por divisa hum engenho de atafona, e um mote que dizia:

Um milhão de votos tenho
Para moer neste engenho.

Logo appareceu o Conde de Unhão com carrupução forrado de pelles, e ropete do mesmo levava por divisa a Unha da grão besta com huma Letra:

Eu sou o Conde de Unhão
E hum grande bestarrão.

O Conde de Atouguia se armava de cascas de Lagosta, e Santolos, e em huma que levava na cabeça tinha por divisa hum tocerinha com esta Letra:

Se meu Irmão he Atum
Eu quero ser atoninha
Porque sou huma concinha.

D. Francisco Coutinho Irmão do Conde se seguia logo armado de Laminas de ossos de Alvor fedendo muito a azeite de peixe levava por divisa o Atum de seu nome com este mote:

Huma ventreicha de Atum
Mandarei a minha Dama
Se souber que ella me ama.

Cercado de rapazes com grande grita e alarido se offerecia a morte a cavalo quero dizer D. Antonio Mascarenhas que levava a mesma divisa com este mote:

Se for meu Genro Atum
Gordura lhe pederei
Com que mais sujo serei.

Seguia-se mal posto a cavalo o Conde Cappitão, vestido e Armado á Franceza como Cão esfaimado as couzas desta Nação, e em um pergaminho que lhe levava diante hum Lacaio se via huma cateiva de Damas Francezas, Portuguezas, e doutras Naçoins com esta Letra:

Tenho pratas, e dinheiro
Para folgar, e jogar,
Reine embora quem Reynar.

Pela Libré vermelha foi conhecido ao Longe que se seguia o Conde de Villa Franca armado de pelles de Camursa, e por divisa uma Lebre com este Mote:

Porque El Rey sabe quem sou
Occupado não estou.

Seu Cunhado o Barão lhe fazia Companhia Cavalgado em hum macho de andadura armado á prova de tranca com este mote junto a hum rosim comendo em hum prado:

Eu nunca fui o Barão
Vicente da Costa sim.
Tem um grande rosim
Com este corporeirão.

D. Fernão Martins vinha logo com suas Armas muito bem douradas e porque fazia calma o seu moço o Capacete levava por divisa o roubo de Guimaraens com este mote:

Não havendo Cavallaria
Me vai de bolça mui mal
Porque não tenho real.

D. João do Souza Fronteiro Mor de Traz os Montes por não poder andar a cavalo se lhe permetio, que fosse em coche no qual vinha tambem Ruy Fernandes e Antonio Correia. D. João vinha armado a ligeira por lhe não fazer mal aos rins, e trazia por divisa hum satiro com esta Letra:

Não me achei na aclamação
Mas tenho bom coração

Com Ruy Fernandes me empenho
E não he o melhor que tenho.

Ruy Fernandes se armava á Flamenga levava por divisa a Cithara de Apolo com esta Letra :

Por dentro pau bolorento.
Por fora pau de viola.

Antonio Correia armado de barbas de Bode levava por divisa a pipa que tambem foi de seu Pai com este mote :

Eu não ando tão espertado
Por ser acastelhanado.

Hia no mesmo Coche D. Manuel de Souza com seu Pai armado com sua gola, peito, e espaldar, e colete, e levava por divisa huma egoa em osso hum homem pegando-lhe pelo rabo, e huma Letra que dizia :

Maior sou do que pareço
Asno no fim, e no Começo.

Dom Carlos de Noronha com beca e espada não levava outras armas mas por divisa huma espada que atravessava um livro com este quartete :

Ainda tenho esperança
De vir a ser Excelencia
Mas da minha consciencia
Hé só por vidente a França.

Logo vinha D. João Mascarenhas com seu Bastão de Vedor da Casa sem armas porque as não tinha, mas não lhe faltou a divisa que era huma estufa com esta Letra :

Se El Rey não fora aclamado
Ainda estivera pellado
E tão pouco juizo tenho
Que o filho alheio retenho.

Dom Antão de Almada ainda levava o mantéo de abanos, e humas Armas que trouxe de Inglaterra por divisa hum engenho de nora com tres alcatruzes e esta Letra.

Com este manteo lavado
Fiz um fato muito honrado
Viva El Rey Nosso Senhor
Que me fez Embaxador
Mas na junta em que entrei
De ter então jubilei.

Seguia-se Dom Pedro d'Alemcastro nosso de grande cara vestido a Mourisca com alfange e Barete vermelho por diviza huma cabeça de vaca que tambem foi de seu Pai e esta Letra.

Eu sou o pano damora
E asno feito, e direito.
Castella trago no peito.

O Conde de S. Miguel vestido de Armas negras levava por divisa uma rolla com este mote.

Porque sedo enviuvei
Com o Cabral me misturei.

Vinha logo Gonçalo Pires de Carvalho cercado de carpinteiros seus acredores e de seu filho defunto por divisa hum Palacio Sumptuoso com este mote.

Se meu filho não morrera
Maior disgosto tivera.

Seguião-se muitos alabardeiros e entre elles vestido de borel o Cappitam da Guarda D. Luiz de Noronha e hum, todesco bebado d'ante lançando ao Povo a divisa pintada em papel, que era hum porco espinho com esta Letra.

Em lugar de ter albarda

Sou Cappitão da Guarda.

Por maior mortificação de D. Lourenço de Souza, que teve o officio de D. Luiz se lhe mandou por hum Decreto que fosse junto a elle armado com hum Centauro e levava por divisa pintado Tantalo com seu tormento, e esta Letra.

Por ser acastellhanado
Ando ainda desterrado.

Seu Irmão João de Souza lhe fazia companhia por divisa hum Coração em sima delle este mote.

Humores de meu Irmão
Trago no meu coração.

O Provedor dos Almavez mandou fazer hum gibão de lonas que levava posto por divisa uma golla com esta Letra.

Se El Rey me não conhecera
Muito melhor mentivera.

O Conde de Atalaia levava huma carapinha vermelha, vaqueiro, e babadouro por divisa huma toupeira com esta letra.

Todos dizem que sou tolo
E discreto venho a ser
Pois que matei a mulher.

Vinha com elle seu Irmão desarmado por divisa huma Ancora com esta Letra.

Como meu Irmão morrer
Eu Conde virei a ser.

O Resposteiro Mor armado de Armas negras levava por divisa hum Abestrus com este mote.

Sou Fidalgo Saturneiro
E com minha pouca traça
Sou hum Cavalo de Raça.

D. Jorge de Mello levava Saltibaca de cordovão, e por divisa humas espadanas com esta Letra.

Com a mudança de Estados
Me dão homens Albardados.

Por ser tarde quando se principiou a mostra não poderão passar as mais antes de anoitecer, mas mandou-se a Manoel de Gallegos e a Jacinto Cordeiro que fizesse motes para os mais Fidalgos, e que lhes fosse levar Gregorio de São Martinho para quando sahissem, e erão os seguintes.

Dom Antonio de Menezes.

Sem haver sido soldado
Nem ter hum palmo de terra
Me darão cargo na Guerra.

Thomé de Souza.

A El Rey dei o meu Coche
E com os mais o aclamei
E até agora não medrei.

Dom Fernando de Menezes.

Com fumos de Senhoria
Ando ha mais de mil annos
Mas fujo dos Castelhanos.

Jorge de Albuquerque.

Mirra sou, mirra serei
Mirra he minha mulher.

Seu cunhado D. Alvaro de Athaide.

Tanto andei nesta contenda
Até que tive commenda.

Dom João de Villa Verde.

O termo já Rey Portuguez

Me tem já desenganado
E pareço velho honrado,

O Copeiro Mor.

Eu sou o Copeiro Mor
Asno, tolo, e sem sabor.

O Apozentador Mor:

Com toda a minha doçura
Sou huma linda figura,

Dom João de Castello Branco.

Com caus e ser intendido
Não se chega a minha hora
Ser asno milhor me fora.

Dom João de Menezes.

Redondo como huma bola
Sou muito bom para Cachola,

Dom Francisco de Noronha.

Amizade de Lucena
Me traz o Corpo, e alma em pena,

Dom Thomaz seu Irmão.

Por velhaco e por Noronha
No Corpo trago a peçonha.

Dom João de Almeida seu cunhado.

Do humor de meus Cunhados
Andão cheios meus cuidados.

Dom Pedro da Costa Armeiro Mor

Com ser homem para pouco,
Dos Noronhas doutrinado
Não ando bem indenado.

Dom Manuel Pereira.

Pereira são Joanilha
Em tudo sou figurilha.

João de Castro e Mello.

Por não prestar para nada
Não caibo em nenhum lugar
Tudo he puro farfalhar.

Dom Duarte de Castello Branco.

Eu sou namora paredes
Ainda que asno me vedes.

Alexandre de Souza.

Por sustentar tres lacaios
Padeço muitos desmaios.

Pedro da Cunha Genro de Gonçalo Pires.

Humores de meu Cunhado
Me trazem mal reputado.

Luiz de Miranda Henriques.

Se da Ilha da Madaira
El Rey me não tirara
A Castella a entregara,

Antonio de Miranda.

Ainda que sou miseravel
Muito dinheiro gastara
Para que El Rey me não ocupara,

R.° de Miranda.

Olivença me valeu
Vinte e sinco mil cruzados

Todos elles mal ganhados.

Simão de Miranda.

A riqueza de meu sogro
Me fez fugir de Castella
E fingir huma doença.

Fernão Martins Freire.

Sou Senhor de Bobadilha
E se me olhais o fucinho
Pareço pobre Ratinho.

D. Antonio de Almeida.

Ainda que merdinha séca
Se o lucena me vivera
Bom Navio me tivera.

Almortacé Mor.

A Finta me consumio
Mas dai alli liberdade
Para viver á vontade.

Morgado de Oliveira.

Morgado sou de Oliveira
E com todo este Morgado
Não posso andar desarmado.

Rui Loulé de Tavora

Em Caparica metido
Mui bom soldado serei
E o Reyno defenderei.

Julio Cezar.

Cezar foi, vio, e venceu
Eu fui no mar, nem venci
Porque da Guerra fugi.

Gonçalo Vaz Coutinho.

Sou valente de opinião
Não me quero aventurar.
E fujo de governar
Ainda que haja ocasião.

Dom Luiz de Almeida.

Eu sou hum cazo de asselgas.
Meu Irmão o he tambem
Porque lhe não dou hum vintem.

O Balio Braz Brandão.

Sou Balio Braz Brandão
E tenho muito boa testa
Falta-me um B para besta.

João Gonçalves da Camara.

Como se fora porqqinho
Merendo a minha mulher
E discreto venho a ser.

Francisco Gonçalves da Camara.

Sou bem feito mossalhão
E sou bem posto a Cavallo
Quem me dera um badallo.

Dom Thomaz de Noronha Jordão

Não sei se no Coração
Trago alguma peçonha
Do apelido de Noronha.

Francisco de Mello.

O que fiz em Olivença
Bem podera escramentar
Para haver de governar.

O Estribeiro Mór.

Levantei-me hum testemunho
Porque meu Pai se cazou
E no seu officio estou.

Luiz da Silva Alcaide Mór de Moura.

Dizem que sou cheira burros
Tambem burros cheirarei
Porque outra couza não sei.

Dom Paulo da Gama.

Por parecer mais Flamego
Hum Olandez me Chrismou
E a sua mão me engordou.

Francisco Soares da Coutovia.

Que sou inutil bem sei
Mas dinheiro pouparei

Manoel da Cunha da Maia.

Amigo fui do Lucena
Mas como no requeiro
Meu amigo he o meu dinheiro.

Tristão da Cunha do braço

Com um braço que só tenho
Tambem fui na aclamação
Nada por isso me dão.

Dom Manoel Robin.

Os alvitres de meu Pai
Tornarei a offerecer
Para que possa morver

Dom Francisco Felis de Faro.

Não parei no Alemteo
Nem ver a guerra desejo.

Dom Pedro Castello Branco.

Ainda que a mulher matei
Por linda troça a herdei.

Pedro da Cunha Mordomo da Raynha.

Ainda que Cunha me chamão
Nem Cunha nem tranca sou
Porque ruido não dou.

Dom Henrique de Portugal.

A segunda filha minha
Que com o Conde está cazada
Me deu trigo e sevada.

Ruy da Silva.

Não me farão já Ministro
E acabarão já commigo
Que estou maduro como um figo.

Dom Luiz da Silveira.

Agasalho neste Couro
O Sangue e alma de mouro.

Dom João Soares.

Sou tão sutil como os ares
E por sutil talento
Sou Ayres porque hé vento.

O Cappitam da Guarda.

Sou alvo, corado e fresco
Salvagem como Tudesco.

Dom Francisco de Souza e Menezes.

No campo habito seguro
Por ser o campo meu centro
E nelle ardo por dentro.
Como fogo no monturo.

Dom Luiz Lobo.

Mordo e arrenho como gato
Mas sou gato sem proveito
Porque magolia deito.

O Alcaide Mór de Abrantes.

Querem dizer bargantes
Que sou o asno de Abrantes.

Gaspar de Souza.

Tenho baço de Ministro
Mas porque hé o contrario o Fado
Já vivo desesperado.

João de Saldanha.

Ministros me comunicão
Seus pensamentos e votos
Danos sais e dou lhes rotos.

Dom Nuno Alvares Pereira.

Este monte de parnaço
Herdei de meu sogro Honrado
He bom perdei-lhe o cuidado.

Luiz da Cunha

Tamanho como huma bola
Mas encho a caza até á porta.

Dom D.º de Carcome

Viva-me o meu Contador
Que aceyta dos requerentes
Me dá dela aos dentes.

Dom P. de Castello Branco

Para o inferno se cria
Esta alma se eu a tenho
Este he o meu devenho.

Lopo de Souza de Alemcastro

A Veneza fui um tempo
E em Veneza aprendi
A ser, legeiro, e Latim

Dom Francisco de Almeida

Certo he couza medonha
Não ter hum valhaco vergonha.

João Furtado de Mendonça

Caio mais que meu Irmão
Mas não tão grande Ladrão.

Diogo de Castilho Dantes

Natura me deu ser Couro
Meu Thio dobrão de ouro.

Francisco Soares

Sou rico sou cassador
Mas meu Avô que Deos tem
Tangeo Trompa mais bem,

Alvaro da Silveira
Viva o Poeta Camoens
Pois me dice pão calçoens.

Dom André de Almeida
Natureza he da Sciencia
Por muitos varios caminhos
Querer ser communicada
A grandes, e a pequenos.
Pelo que se trata os homens
Ensino tambem meninos
Pela rua os converto
Em casa os doctrino
Não quero ser como aquelles
Que só pertendem ser Bipos
Sem barba emtrage
Virtude e rosto fingido.

Vasco Fernandes Cezar
Sou Cezar mas Pompeos
Me espancão e injurião.

Pedro de Alcassova
Para se fazer toucinhos
Que mãosinhas são as minhas.

Dom Gonçalo da Costa
No trage, e no que diz
Cavaleiro de Amadix.

Pedro Mendonça
Sou vesinho de Alcare
E parvo como Mendonça.

João de Mendonça Cezar
Não sou carne, nem sou peixe
Sou ataca de Almofrexe

Gonçalo Pires de Carvalho
Sou Carvalho empavoado
E não tenho este só achaque.

Dom Garcia de Noronha
Não faço livros nem trovas
Mas costumo dar as novas.

Dom Lopo de Almeida
O Celeste Planeta Vinas
Me tem posto neste estado
Doente, e deshonrado:

Dom Antonio de Mello de Evora
A fortuna favorecê
Aos mais como eu
Por isso seus bens me deu
E não aquem os merecê.

Dom Francisco Miz Mascarenhas de Monte Mor.
Debaixo de Cerimonias
Se encerra aparvoisse
Parvo desde a meninisse.

Luiz Alves de Tavora
Fortuna me deu seus bens
Mas eu sou tão Liberal
Que lhe dou a mão igual.

Diogo das Povoas.

Na pessoa, arma, gatinho
Na conversação e tratar
Porque quanto hé no furtar
Sou mui fraco Ladrãosinho.

Dom Manoel Coutinho.

O Deos de Amor, e fortuna
Contra mim fizerão Liga
Elle civil, ella inimiga.

Dom Luiz Coutinho.

Eu as estrelas penetro
E o que tenho mal o achem
Não me penetra ninguem.

Dom Antonio Pereira.

Bom Pai tive, honrado, e nobre
Eu sou mentirozo, e pobre.

Xpo Soares.

Nasci nas agoas do Minho
Mas mais me valeu o Tejo
Pois com honras e bem me vejo.

Ruy Dias de Menezes.

Cara tenho de Menezes
Mas não sou tal como elles.

Dom João de Castro.

Eu nasci para ministro
Verão se me dão officio
Que sou homem de serviço.

Dom Garcia de Castro.

Meu Pai sou e teve cargo
Mas eu nasci delle parvo.

Dom Francisco Rolim.

Estes bigodes assim
Teve o primeiro Rolim
E foi doudo com mim.

Dom Francisco de Castello Branco.

Ducorado, doente, e manco
Mandarei de Castello Branco.

Dom Henrique Pereira.

Hão-de buscar pão os homens
E por isso me cazei
Com D. Ximenes Gomes.

Martim de Castro.

Posto que em Angelins venho
Primor em honra mantejo.

Innocencio Manoel.

Porque Chão, e Sesudo.
Mormurá de mim o mundo.

Dom João de Noronha.

Quem em moço he traveço
E não se emenda em maior
Cada vez será pior.

Dom Affonso de Noronha.

Tive muitos poderes juntos
Todos fizeram mudança
Que com o tempo tudo cança.

Damião de Aguiar.

Por meu Parentes Villão
Mas sou Villão demda mão.

Dom Diogo de Menezes o Roxo.

Bien Roxos eram mys bienes
Si nó ficeram Los Ximenes.

João Gomes da Silva.

Como Silva sem sabor
Comer d'asno sem valor.

O Porto que cazou com a filha de Nuno da Cunha.

Já agora Fidalgo sou
Que o dinheiro tudo pode
Mas o sangue hé de bode.

O Correio Mór.

Muitas graças ao dinheiro
Pois por tais modos e meios
Que fez Fidalgos dos hebreus.

Simão Guides.

Sou busbaque que vive cego
Grandes mangas não o nego
Porque ruido não dou.

Fernão Teles de Menezes

De hum governo me tirarão
Mas disso pouco me dá
Que minha Mai me dará.

Dom Francisco de Faro

Por não ver medrar bribantes
O Juizo me faltou
Antes quero ser o que sou
Que tornar ao que era dantes.

Dom Jorge filho de Dom Fernão Miz Mascarenhas.

Sem ter manhas de meu Pai
Não tenho feição nem geito
Sou Villão feito a direito.

Luiz da Cunha.

Sempre em casa estou metido
Pelo modo que tomei
Com a aclamação d'El Rey.

Tristão da Cunha seu filho

Corta como huma navalha
A lingua que me ficou
Dom Queixote me ensignou.

Lopo Furtado

Quero viver desterrado
E não andar ociozo
Por ser velho ciozo.

Dom Manoel de Castro

Eu e outro par de amigos
Por abam viam viemos.
Mui bom intento trocaemos.

Antonio de Saldanha

Aposto quatro mil reis.
Que quanto vejo he mentira
Que fizera senão vira.

Dom Antonio Pereira

Nesta minha qualidade
Sobejou bestialidade

Dom Simão de Castro

Dom Simão fui de Alabarda
Eu sou D. Simão de Albarda.

Fernão da Silva

Por força meus Inimigos
Me querião malquistar
E com minha fé duvidar.

Dom José de Vasconcellos

Hum cavalo me morreu
Com migo tão parecido
Que ainda agora estou sentido.

Dom João de Alcassova

Com todo este dezenfado
Ainda ando excommungado.

E querendo passar mostra Fernão de Lima, Gomes Freire, e Fernão Pires aos Quadros lhe não quizerão consentir, dizendo-lhe passarião mostra com os mais penurios.

HISTORIA DOCUMENTAL DA REVOLUÇÃO DE 1821

Na Ilha de San Miguel

PARA A SEPARAÇÃO DO GOVERNO DA CAPITANIA CERAL DA ILHA TERCEIRA

I

A REVOLUÇÃO DE 1820

CAPITULO 1.º

A Revolução de Portugal e o governo da Capitania Geral

Summario

Situação politica de Portugal depois do Estabelecimento da Côrte, no Brazil. O liberalismo offendido—a revolução dos pedreiros livres—o Synhedrio e a Revolução de 1820—o movimento do Porto—conhecimento dos successos nos Açôres—o Dr. José Vicente Ferreira Cardozo da Costa e suas relações com o General Aranjo—opiniões do Dezembargador sobre a politica da Capitania—chegada do General Borja Garção Stokler—como se achava o Dezembargador Vicente nos Açôres.

Desde que a côrte se transportára para o Brazil a vida portugueza passava em grande parte da sua actividade para America tambem; os portos foram abertos á navegação extrangeira e a fim de o commercio com a Inglaterra se expandir fôra-lhe reconhecido o direito de concertarem e repararem os seus navios nos portos brazileiros,e garantimos aos vassallos do paiz alliado o fôro e jurisdicção especiaes do seu paiz; e o pagamento de direitos dos generos importados da Inglaterra nas alfandegas portuguezas ficou sendo de 15 % ad valorem ao passo que as mercadorias dos outros paizes pagavam 24.

Este regimen complicado com os acontecimentos militares provocados pela occupação franceza deram lugar á ruina do paiz. Oliveira Martins diz na sua Historia de Portugal que de 1796 a 1807 a exportação de Portugal para o Brazil tivera sido de 94 milhões de cruzados, nos dez annos que se seguiram foi de 2 milhões: as importações de generos do Brazil para Portugal n'esse periodo soffreu uma baixa do valor de 353 milhões para 189 e as exportações que foram da 300 milhões de cruzados desceram para 159. Em 1806 tinham sido reexportados de Portugal 14 milhões de generos brazileiros, em 1819 eram só de 4 milhões os valores d'essas reexportações. As Alfandegas tinham baixado o seu rendimento de 4 a 5 mil contos e a navegação ficara reduzida a 4.ª parte (800 para 200) de 1805 a 1820; e olhando para a situação social o insigne escriptor accrescenta no seu estylo ironico:

«Quando Napoleão caiu e voltou a Paz deu-se o balanço á fortuna portugueza. Era um sudario de miseria e solidão. De 1807 a 1814 a população baixára de 1|2 milhão; um quarto do que fôra. Não havia quem trabalhasse: Beresford fizera soldados todos os que não eram frades, nem desembargadores, nem conegos e capellães cantores ou castrados. Não havia cultura nem industria nem gado nem pesca. De cada 2 mil recrutas só ás vezes 2 sabiam ler. Até ao principio do seculo com uma população de um quarto maior bastavam impostos por anno dez milhões de cruzados de trigo, agora necessitavam-se 40 e mais 23 de bácalhau n'um paiz que é uma faixa maritima e pescosa. A desgraça crescia de anno para anno 19 era muito peior do que 17. Em Lisboa e Porto tinham entrado menos 416 navios, tinham sahido menos 238.

As importações de fóra baixavam de 49 a 37 milhões, as exportações de 42 a 26».

O centro de todo o mechanismo judicial, politico e administrativo com o velho systema dos vistos e das ordens passára-se egualmente para o Rio de Janeiro em detrimento dos interesses dos povos que esperavam mezes pelos resultados das suas questões, das suas promoções, das decisões de que dependiam as suas collocações ou as suas transferencias.

A desmoralisação e corrupção nos costumes e na vida burocratica aggravava ainda mais uma gestação financeira viciosa e caduca aonde appareciam deficits annuaes de 4 milhões de cruzados e orçamentos reduzidos a cerca de 8 mil contos; a casa real dispendia 258 contos; em pensões particulares 78 contos eram absorvidos; o Commissariado (da Bula da Cruzada?) 3.355 mil cruzados e registava-se em prestações de 44 a 45 milhões.

Dizia um jornal (?) do tempo, O Portuguez, n'um memorial dirigido ao Rei: «Honras, cargos, officios, soldos, pagamentos do erario, até mesmo a justiça, tudo tem andado em leilões, vendendo-se a quem mais dá; e bem se pode dizer que ninguem alcançava o ser "promovido ou despachado», sem isso lhe custar o seu dinheiro ou por si ter bom padrinho.

. . . . . .

Nos tribunaes as graças e as justiças são vendidas por grosso e por miudo, e bem se sabe fóra d'elles quaes são as portas travessas ou canaes por onde se ha-de chegar ao sanctuario do favor (n.º 9 citado por José d'Arriaga na Historia da Revolução de 1820).

Borges Carneiro (citação da mesma pag. 581 vol 1) referindo-se á magistratura completa o succinto quadro que tentamos expor da situação do paiz ao rebentar a Revolução do Porto.

"Illudiram-se as leis com interpretações forçadas, e quando ellas claramente defendiam a cauza do desvalido, recorreu-se á maxima politica, "contemporisar, por uma pedra em cima», maxima infame que fecha a audiencia ao paço e recusa satisfação ao offendido...

Dize tu ó litigante infeliz que te vês forçado a abandonar a casa, a mulher, a educação de teus filhos, a cultura das tuas terras, para andar nas cidades annos e annos, gastando a subsistencia da tua familia, luctando em labyrintho sem fim para decidir um pequeno ponto de direito, um facto simples, que bem se podia resolver em poucos; litigante infeliz q' ao cabo de tantos annos chegares a obter enfim sentença favoravel a não poderes fazer executar senão no decurso de outros muitos. Dizei vós, oh tantos desventurados prezos que antes de serdes por sentença julgados, gemeis por dilatados annos em hediondas masmorras, cunfundidos com salteadores, privados da luz e ar, e a quem, enfim, ou venhaes a ser julgados innocentes ou culpados. se não levarão em conta aquelles annos de tão dura prisão.»

Durante a dominação franceza a facção democratica e liberal, tivera um cheque nas Côrtes de Lisbôa de 23 de Maio de 1808 convocadas para a escolha do Soberano, quando o juiz do povo José d'Abreu Campos propõe uma constituição como a que fôra dada a Varsovia e um rei pertencente á familia Bonaparter

o Conde da Ega que teve o apoio do Clero e da nobreza na votação como sempre houvera depois da Restauração propondo Junot. A acção do Conselho Conservador—um grupo revolucionario constituido para a propaganda anti-franceza—redobrou de vehemencia, trabalhando para o levantamento em massa das populações da Provincia, na «primeira expansão da opinião liberal» como lhe chama José d'Arriaga. A acção em breve torna-se energica. As noticias d'Hespanha que expulsara os francezes, enthusiasmam os hespanhoes agora ao serviço da França, e Bellasta em 6 de Junho, no Porto, levanta a revolução tentando aprisionar o general Quesnel e convocando um conselho d'auctoridades portuguezas, restabelece o governo de D. João VI; dois dias depois em Chaves e Villa Pouca d'Aguiar formam-se movimentos que se estendem a Braga; Melgaço no dia 9 insurge-se, e no dia 11 Bragança, formando uma Junta o General Sepulveda. Em Traz os Montes, toda a Provincia é em acção. A revolta do porto gorada a 6 subleva-se á voz de João Manuel de Moniz capitão d'artilheria e depois de obter armas nos arsenaes constitue uma Junta Governativa, a Junta Provisional do Supremo Governo, composta pelo Provisor do Bispado Manuel Lopes Loureiro, José Dias d'Oliveira, vigario geral, José de Mello Freire, juiz da corôa Luiz de Sequeira Ayalla, desembargador, Antonio da Silva Paulo sargento mór; João Manuel de Moniz, Antonio Matheus Freire d'Andrade e Antonio Ribeiro Braga.

Gomes Freire d'Andrade victima da revolução de 1817

A revolução vingada no Porto é o rastilho inflamativo e em breve todas as provincias acompanham-na n'uma perseguição feroz ao invasor que se mantem sempre até a completa evacução do territorio portuguez.

Depois vem a Regencia que é um Governo suggerido a D. João VI pela Côrte d'Inglaterra com o General Beresford na frente da administração. A franco maçonaria entra activamente em acção a fim de levar avante a aspiração que por todo o paiz se levanta.

Não se queria um governo extrangeiro sobretudo quando se accentuavam as perseguições policiaes, as prisões, os favoritismos e quando a questão financeira se complicava quando as despezas augmentavam, e, apesar das relações com a Inglaterra serem as mais amistosas possiveis com protestos de parte a parte da mais leal e velha alliança e o commercio e a navegação a decahirem.

Agora era a Regencia dos inglezes contra a qual conspiravam centenares de lojas maçonicas que estavam espalhadas por todo o paiz e que queriam todas a extincção do governo absolutista e extrangeiro. José Ribeiro Paito, o Coronel Monteiro, o major José Francisco das Neves, José Joaquim Peixoto da Silva e Manuel José Campella formaram uma sociedade para a qual entrava tambem Antonio Cabral Calheiros de Lemos, Manuel Ignacio de Figueiredo, o sargento Henrique José Garcia, o capitão Ajudante Alberto de Braga Amóra, Francisco Antonio de Souza, o architecto, e Henrique Maximiano Dias Ribeiro, reuniam-se os seus membros na bibliotheca do Architecto Antonio de Souza compram uma Imprensa Ingleza aonde depois forão impressas proclamações e as credenciaes com que eram apresentados os delegados da propaganda na Provincia. Essa sociedade organisou a Revolução que tinha por fim crear uma Junta e entender-se com D. João VI para depois se tratar d'uma Constituição e fica conhecida pela Revolução de Gomes Freire por ter

sido Gomes Freire convidado a capitanear o movimento e a constituir os membros do Governo e dirigir com elle os primeiros passos politicos.

Tragicamente findou o movimento com o supplicio dos promotores resultando para a Regencia uma responsabilidade que o paiz não se poupou de attribuir-lhe redobrando d'energia contra o seu governo despotico e inepto. A revolução de 1820 ia ser fomentada n'esses revezes sociaes soffridos com a captura e execução dos maçonicos de 1817 e o triumpho da Regencia era equivalente a uma attitude ironica de desafio entre o luctador que venceu os primeiros encontros e que tem a illusão que elles foram bastante energicos e demonstrativos da sua superioridade. O adversario porem mediu ahi os passos do contendor e vae-lhe vibrar o golde na occasião em que os seus esforços se exgottam. Era ainda o Porto que ia repetir o feito, longe das inexgottaveis medidas d'uma policia que deixara de sentir mas que agia por redobrada força de numero e de pressão disciplinar.

Manoel Fernandes Thomaz foi quem convidando para sua casa em reunião politica dois magistrados seus condiscipulos dos bancos da Universidade José Ferreira Borges e José Ferreira Vianna os quaes se comprometteram ahi a não enfraquecer deante da missão que se impunha aos seus deveres de patriotas e levar a cabo uma revolução estabelecendo uma nova constituição cujas bases se iria discutindo á maneira que fossem augmentando o numero de adeptos e ramificando pela Provincia as intenções da Sociedade. Foi assim formado o Synhedrio em 21 de Janeiro de 1818.

Manuel Fernandes Thomaz

Juiz da Relação do Porto, Fernandes Thomaz não tinha tradições historicas, filho como era d'um empregado maritimo da Figueira da Foz, mas era um sentimental magoado pelos acontecimentos que perturbaram os seus verdes annos da mocidade, risonhos e cheios d'esperança; por isso as suas orientações politicas eram imbuidas dos principios sociaes estabelecidos por Pombal tão bem continuados pelos homens do Governo de D. Maria e tão mutilados pelos acontecimentos que se tinham succedido. Os seus dois companheiros na Magistratura, um é filho mesmo do Porto d'um armador de navios Ferreira Borges em quem vibram as tradições commerciaes e sociaes de velhos tempos atravez dos quaes passam gerações. Ferreira Borges debate e aborda os problemas economicos que se offerecem e vae ser o autor do 1.º Codigo Commercial na nova vida politica, discutindo os problemas que se [illegible] em parte a decadencia da patria. José da Silva Carvalho o outro, originario do Districto de Vizeu aonde seus paes cultivavam a terra nos arredores d'uma Villa, S. João d'Areias, da Comarca de Santa Camba Dão, como estudante já fora perseguido da politica pelos enthusiasmos sentidos por certos vultos da Revolução franceza como Mesnier e Mirabeau, manifestando ideias liberaes, e tornando-se notavel entre os jurisconsultos e publicistas que sahiram da aula de Pachoal José de Mello.

A estes heroes de romance que se alistavam como promotores d'uma nova era historica foram-se juntando homens de grande respeitabilidade e saber cuja influencia na sociedade era tambem de um alcance para a causa enorme, João da Cunha Souto Maior, desembargador, o Coronel Sepulveda filho do general que em Bragança fizera a revolução contra os francezes em 1808, Frei Francisco de S. Luiz que depois fez parte da Regencia e Bispo de Coimbra que deu um apoio grande á Conspiração e que escreveu a Carta da Junta do Porto ao rei em 1820, o manifesto ás nações e a carta aos governadores de Lisboa.

A missão de propaganda foi rapida e em menos de 2 annos estavam as forças militares e politicas da população da Capital do Norte e pela Provincia feitas com a cauza dos Revolucionarios. Em Traz os Montes Antonio Pinto da Fonseca e seu irmão o Conde d'Amarante adheriam e elles traziam muita gente de quem eram estimados e por cuja voz respondiam, entrando o Coronel Cabreira. O tenente Coronel Gil do Regimento 6 de infanteria da guarnição do Porto, Francisco Antonio Pamplona Moniz tenente coronel do batalhão de caçadores 11 aquartelado na Villa da Feira, e o Tenente coronel Guedes de caçadores 6 de Penafiel prometteram defender a causa do Synhedrio, e o mesmo succedeu com as demarches de Ferreira Borges junto de Tiburcio e Joaquim Barreto Feio do regimento de milicias da Maia que falaram a José Pedro Cardoso, major do mesmo regimento.

Seria longo e fóra de proposito historiar esse trabalho de propaganda que immortalizou o Corpo Constituinte do Synhedrio as magnificas paginas da Historia da Revolução de 1820 pelo Senhor Manuel d'Arriaga teem sido um deleite literario para gerações estudiosas e uma inexgottavel fonte de casos e factos de que centenares ainda estão em paginas de notas particulares de qualquer descendente d'heroe da epocha ou jazem ainda na tradição sem terem sido recolhidos e trazidos á luz da publicidade.

A actividade foi tão intensa que estava a Revolução decidida para 29 de junho de 1820 esperando-se para dar os signaes de partida pela adhesão do Coronel Barros da guarnição do Minho, commandante do Regimento n.º 1 d'infanteria e de Brigada 9, 12 e 21 de caçadores que promettera agir em Janeiro anterior logo que se tratasse d'uma coisa decidida mas que depois prometteu ao General Wilson não entrar em revolta alguma na sua ausencia. Estava gorada a revolução mas o Synhedrio viu ahi que para execução d'uma grande obra redemptora não era uma simples guarnição que fazia peso no prato da balança e que ella só seria levada a effeito com a vontade de todas as forças do paiz. Fernandes Thomaz veiu pois para Lisboa trabalhar.

Manuel Ferreira Borges

Em 23 d'Agosto, quando Ayres Pinto governador das justiças do Porto recebe ordem para prender Fernandes Thomaz, elle ao saber d'isso procura-o e diz-lhe que os revolucionarios recebiam n'aquelle dia, noticias de Lisboa e que a Revolução rebentaria no dia seguinte; no entretanto o Synhedrio reunido redigia os termos das proclamações, as cartas ás Camaras Municipaes e auctoridades trabalhando a Imprensa da viuva Alves Ribeiro aos Loyos toda a noite guardada por 20 granadeiros armados commandados por João dos Santos Mendis. O Commandante da Policia José Pereira da Silva Leite Berredo adherira já ao movimento promptificando-se a cooperar com as suas forças. Os Commandantes dos Corpos reuniram-se tambem pelas 9 horas da noite para planearem o movimento que ficou entregue ao General Cabreira e ao General Sepulveda; as forças que iam entrar na revolução eram os regimentos n.os 6, 9, 15, 18 e 21 d'infanteria; n.os 7, 11 e 12 de caçadores, o regimento n.º 4 d'artilharia do Porto, corpo de policia, regimento de milicias da Maya, Villa de Feira e Porto, toda a guarnição do Minho commandada por Barros e postos de Forças de linha de Traz os Montes do commando de Gaspar Teixeira.

De facto no dia 24 d'agosto começou a revolução ouvindo todas as tropas

reunidas uma missa no Campo de St. Ovidio depois da qual se reuniu o Conselho Militar formado por Sebastião Drago de Brito Cabreira (d'artilheria 4) Bernardo Correia de Castro Sepulveda (infanteria 18) Domingos Antonio Gil de Figueiredo Sarmento (infanteria 6) José Pereira da Silva Berredo (da policia) e José de Souza Pimentel e Faria (de Milicias da Maia); e finda a cerimonia proclamou Cabreira ás tropas nos seguintes termos: "Soldados! Uma só vontade nos una, caminhemos á salvação da Patria. Não ha males que Portugal não soffra, não ha soffrimento que nos portuguezes não esteja apurado. Os portuguezes sem segurança em suas pessoas e bens pedem o nosso auxilio; elles querem a liberdade sagrada pela lei. Vós mesmos victimas dos males communs, tendes perdido a consideração que vosso brio e vossas virtudes mereciam. E' necessario uma reforma; mas essa reforma deve guiar-se pela razão e pela justiça, não pela licença. Coadjuvae a ordem, cohibi os tumultos, acabae a anarchia. Criemos um governo provisorio em quem confiemos. Elle chame as côrtes que sejam o orgão da nação, e elles preparem uma constituição que assegure nossos direitos.

O nosso Rei o Snr. D. João VI, como bom, como benigno e como amante de um povo que idolatra ha de abençoar nossas fadigas.

Viva o nosso rei! Vivam as Côrtes e com ellas a Constituição!"

Sepulveda depois dirigiu outra proclamação no mesmo sentido appelando para a alma do soldado e incitando-o a que sacrificasse tudo pela cauza d'aquelle dia acompanhando-o com coragem e resolução.

Frei Francisco de S. Luiz

Sob a convocação do Juiz de Fóra já estava reunida a Camara Municipal aonde foi eleita a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino sob a presidencia de Antonio da Silveira Pinto da Fonseca prestando juramento de fidelidade a elle o Juiz de Fora perante o Conselho Militar e de obdiencia ás Cortes, á Constituição, á Religião Catholica e á Dynastia de Bragança; approvando o acto o Bispo, o Governador das Armas do partido do Porto que estavam presentes; e chegando o Presidente do Governo Supremo com os vogaes Fernandes Thomaz, Sotto Mayor, Pedro Leite Xavier d'Araujo (secretario) Ferreira Borges, Silva Carvalho e Francisco Gomes da Silva, foi-lhes tambem deferido o juramento. Cabreira e Sepulveda appareceram á janella do Edificio e sobre a tropa formada sobre a grande massa popular que se estendia por toda a praça e que lhe fez estrondosa manifestação, gritaram viva D. João VI, viva a Religião, vivam as Cortes e a Constituição.

Estava concluida a Revolução sem effusão de sangue, sem victimas, n'um festejo communista, em que terminava com o regosijo de muita gente, toda uma existencia de torturas, de vilipendios, d'oppressões; depois são proclamações e manifestos em que são aconselhadas a paz e a tranquillidade publica, expostos os programmas politicos e convidados os povos de Lisboa a adherir á Revolução.

Inspirados no mais puro amor e devotados á justiça e á clemencia os Revolucionarios do Porto estenderiam os braços á Hespanha visinha e tirariam do paternal amplexo uma constituição politica similar à de Cadiz que Fernando VII acabava de reconhecer inspirada nas velhas instituições do direito divino e no systema liberal representativo; taes eram as insinuações que os Revolucionarios faziam ao povo de Lisboa emquanto que as Cidades e Villas do Norte proclamavam o Go-

verno Supremo do Reino, Vianna do Castello, Ponte de Lima, Braga, Penafiel, Barcellos, Guimarães e Valença.

As noticias dos acontecimentos do Porto d'agosto, chegaram ao conhecimento do Governo d'Angra e da população; em fins de setembro já estava de volta o General Francisco Antonio d'Araujo da sua viagem de S. Miguel que não resiste a consultar o propheta, o sabio Dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa que escrevendo sempre para a Côrte e para os Governos vae fazendo considerações sobre os acontecimentos que se desenvolvem no Paiz, prevendo erros, aconselhando as pessoas a quem possa recahir a responsabilidade dos factos, e que, achando-se assaz afastado do centro onde elles se passam, só por informação julgam com clareza das medidas a tomar.

A resposta do Dr. Vicente foi dada por carta de 20 d'outubro em que elle alude á sua prophecia sobre uma nova Constituição trocada em conversa com o general em Ponta Delgada quando alludindo a varios rumores de perturbações d'ordem publica elle dissera «é impossivel que em Portugal não haja alguma convulsão semelhante á de Hespanha, suppostas as suas desgraçadas circumstancias!»

A carta dizia:

Ill.mo Sr. Manoel Joaquim da Silva.—S. Miguel 23 de Outubro de 1820.—Meu amigo e Sr. Recebi a Sua Carta de 11: ainda mal que se verificou a minha profecia, e nem com isso ganhei muito na reputação de profeta; porque erão cousas muito obvias, e que ninguem podia deixar de ver. Tivemos Cartas até 2, ou 3 de Outubro, e tam bem impressos da mesma data: além da gazeta, ha outra com o titulo de Portuguez Constitucional, e ainda outra não sei com que titulo. Tudo isso provavelmente tambem terá chegado a Angra. Eu não tive Carta do Serra. O Capitão do Navio disse-me, que os Srs Stokler, e Bispo estavão embarcados para sahirem em hum Navio Americano, mas que, chegando a Junto do Porto, lhe passarão a mobilia para a Fragata Perola a fim della os vir conduzir. Cuido, que seria huma das destinadas para o Cruzeiro, e que então lembraria, que poderia servir para o transporte de taes pessoas, que mais airosamente vem com effeito em hum Navio Real, do que em hum mercante, e Estrangeiro, provavelmente escolhido, para se salvarem dos Corsarios. He provavel, que o Sr. General tenha chegado n'estes termos, e que V. Ex.ª esteja a esta hora livre das incertezas, em que se achava, quando me escrevêo; porque elle vem do Rio de Janeiro, e proximamente do theatro da Peça, e ninguem pode nestas circunstancias, com as suas luzes, e saber, melhor do que elle ver o que se ha de fazer. Entretanto como V. Ex.ª me pede a minha opinião, não quero negar-me a dá-la. Os Açôres formão huma Capitania, e hum Governo Politico inteiramente separado de Portugal. Nossas relações com o Reino são amigaveis, commerciaes. e judiciarias: e n'estes artigos não houve lá mudança nenhuma; porque os Navios despachão-se como dantes para aqui, as Sentenças e papeis da mesma sorte em nome de El-Rei; e por tanto nós devemos entender, segundo me parece. que Portugal relativamente aos Açôres se acha, como se achava dantes. Houve lá huma cousa sobre o seu Governo, e a

O Coronel Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira

pessoa dos seus Governadores; mas elles não erão nossos, e nem os Açores tem forças para hirem inverter a direcção, que as cousas tomárão em Portugal, nem mesmo haverá anthoridade para entrar nisso, se não quando Sua Magestade o mandar, e se o mandar; o que nenhuma probabilidade tem; porque no corpo, que aquillo tomou, Sua Magestade não tem remedio senão buscar meios termos, para remediar o que está feito, porque não ha de provalmente querer arriscar-se a perder aquillo por huma união á Hespanha, summamente receavel, se pozerem Portugal em aperto, e desesperação. E sendo isto assim provavel, o prudente era, nem Portugal procurar involver os Açôres nos seus casos Politicos, nem os Açôres metterem-se a Juizes disso, arriscando-se a complicar mais Sua Magestade nas resoluções que tomar, as quaes já tem bastante, que lhe dar a fazer. Por tanto caminhar no mercantil, amigavel, e judiciario, como se não soubessemos nada do que vai em Portugal. Elle já vemos, que nos vai tratando da mesma sorte: vem Navios, vem Navios, vem Sentenças, Provisões; e tudo na mesma sorte que dantes: he provavel, visto que proclamão o nome de El-Rei, e por que mesmo lhe não póde convir outra cousa para se não arriscarem a embaraços, e a ficarem pequenos, que não possão existir por si; he provavel, digo por isto, que Portugal não venha no Politico obrar com os Açores, estando estas Ilhas na divisão Politica do Reino-Unido, separadas de Portugal. Hindo pois assim as cousas, S. Magestade então tem tempo de dizer; o que quer que se faça: e Elle he o centro commum, a que todos recorrem, e que todos buscão, mesmo Portugal, no meio da sua convulsão. Deos permitta, que as cousas vão assim. Ha mesmo uma consideração mais de peso a este respeito. E vem a ser, que nem a Portugal, nem aos Açores convem dar pretextos honrados aos outros, para satisfazerem vistas sobre os publicos, ou sejão boatos, ou não. Convem-nos olhar para elles, como se não fossem boatos, para a nossa conducta, visto que não sabemos, nem podemos saber, se o são, ou não. Não demos lugar, a que se possa dizer, como os Açôres estão discordes de Portugal, vamos ajuda-los como Estados do nosso Alliado: ou tambem, como elles tomão huma causa contra o nosso Alliado, vamos salvar a este deste golpe. He necessario evitar este jogo, em que se póde entrar com estes ares de honra, e depois ser outra cousa. E não caia isto aos pedaços, hum para aqui, outro para acolá. Eis aqui como eu penso. Não sei, se acerto, ou se erro, mas digo, o que entendo em huma materia grave, em que V. S.ª me pede o meu parecer, e na qual eu me considerei obrigado a não lhe occultar.

Tenha V. S.ª saude, e dê-me muitas occasiões de obedecer-lhe, fazendo-me a mercê de apresentar a S. Ex.ª os meus comprimentos. E para tudo quanto tôr do serviço de V. S.ª estarei sempre muito prompto, como quem he—De V. S.ª—Amigo affectuoso e criado obrigadissimo—Vicente José Ferreira Cardoso—Está conforme. Angra 25 de Janeiro de 1822.—Manoel Joaquim da Silva.

O que o Dr. Vicente aconselha é o que de facto executa o General Araujo em Angra estabelecendo na Ilha reservas ás communicações com Portugal.

O General Araujo viera a S. Miguel em maio a bordo do Brigue Audaz e aqui se demorava longe dos descontentes d'Angra que tornavam a sua obra administrativa dura para o seu moral e pesada para a materialidade da sua vida economica. Elle é quem o confessa ao Desembargador Vicente em conversa intima quando este se admira do seu afastamento d'Angra no momento em que se fala da nomeação do General Stokler para o ir substituir no Governo d'Angra: "eis aqui como se enganam até os sabios, eu venho a S. Miguel mesmo por esse motivo que vos parecia me deveria desviar de o fazer: estou pobre, já me tenho empenhado em Angra em dez mil cruzados: não tenho dinheiro, se o meu successor chegar, seria obrigado a hospedal-o ou a dar-lhe um jantar e gastaria n'isso 400 mil reis que havia de pedir, sem saber a quem: e vindo a S. Miguel, tiro-me d'esse embaraço, e se o Snr. General Stokler chega até julho toma lá posse, ou avisa-me logo para lha ir dar e eu vou em vez de o hospedar a elle, já ser como hos-

pede seu: e se a vinda se demora alem de julho recebo aqui o quartel de um conto de reis que venço nesse mez e vou para a Terceira com elle desposto para receber com dignidade o Snr. Stokler e livre daquele embaraço.» (1).

Quatro mezes se demorou o General em S. Miguel aonde teve occasião de bem se compenetrar dos resultados da sua missão aos Açores como Capitão General, pois que com a sua annunciada retirada do Cargo elle estava a terminal-a; o brigue seguia para Lisboa aonde foi concertar e ahi noticiaram a officiaes e a tripulação, da viagem do General o que no espirito de muita gente poderia dar logar, mais tarde, quando rebentou a revolta no Porto em agosto, a ideia de que entre o General e os promotores da Revolução autonomica de Ponta Delgada tivesse havido conluio e pacto politico.

Só depois de concertado o brigue é que o General voltou para Angra no mesmo navio tendo-se demorado aqui todo esse tempo e deixando amigos, nas pessoas com quem conviveu, n'um grau d'intimidade que os tornaria mesmo Conselheiros como aconteceu com a consulta dirigida pelo General ao Dr. Vicente á sua chegada a Angra sobre os acontecimentos do Porto.

A chegada do General Stokler, como o annunciava o Dr. Vicente e como era promettido para Angra, não se fez tardar.

Uma galéra vinda do Rio de Janeiro que em Agosto de 1820 chegou a Angra deu a noticia que a charrua Nacional S. João Magnanimo que se havia afastado da galéra e dirigido o seu rumo para Lisboa trazia a seu bordo o Tenente General Francisco de Borja Garção Stokler.

Esperava-se o Governador Stokler em Outubro; no dia 17 com o correr do vento nordeste alegram-se os physionamis que circulam pela Cidade e toda a gente olha para o mar a ver se se avista navio, no dia seguinte o vento assopra do mesmo lado e então já é mais natural a esperança. De facto ás dez horas da manhã está navio á vista, ha borburinho pela cidade, mas o navio afasta-se sem demandar a terra; ao meio dia outro navio dá lugar a novo movimento mas em breve se reconhece ser uma galera americana e não a charrua trazendo no topo d'um dos mastros um signal branco; ha manifesto desalento agora, quando a noticia corre com certa rapidez que um filho do General desembarcara e que o pae vinha a bordo e em breve uma salva põe toda a população no conhecimento do facto a qual corre aos caes a festejar Stokler recebendo-o com vivas affectivos e distinctos entre os quaes se ouve o de «viva o nosso redemptor.»

Os inimigos de Araujo que esperavam na acção de Stokler o anniquilamento da obra de Araujo ficaram descorsoados porque todas as suas organisações e os seus programmas politicos foram mantidos e continuados conservando os corpos militares creados para a defeza d'elles sem ordem regia, os aforamentos concluidos illegalmente e em proveito dos monopolistas e prejuizo do povo, o levantamento dos tributos estabelecidos 4 annos antes e sobrecarregavam as populações; tambem esperavam que o juiz de fóra fosse restituido ás suas antigas funcções, mas Stokler observando a mais absoluta imparcialidade, respondia a todas as accusações dirigidas contra o seu antecessor e mantendo a politica açoreana no pé em que ella se achava pensa em restabelecer justiça na organisação social. O Coronel Pontes foi posto em liberdade em virtude de um Aviso Regio que trouxe seus officiaes presos por não terem apresentado os seus contingentes para o recrutamento elle mandou-os soltar com a ordem de comprirem no praso de 15 dias as ordens do General Araujo; e o mesmo se dá com o primeiro Tenente do Real Corpo de Engenheiros Roberto Luiz de Mesquita reintegrado na cadeira de lente da Academia Militar, com o Ajudante d'Ordens Coelho deportado na Ilha das Flores.

Stokler observando uma attitude imparcial e recta para todos aquelles que tinham sido lesados pelo General Araujo ia receber da classe burocratica e administrativa uma estima e confiança sinceras; porem os descontentes com o Gover-

(1) Notas Criticas pelo Dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, pag. 17.

no d'Araujo mantinham a sua desolação por não verem remediados os males de que se queixavam em massa as populações da Ilha.

Na madrugada de 16 de Setembro de 1810 para bordo d'uma fragata que balouçava no Tejo por entre as brumas que cobriam as massas d'agua do rio deixando transparecer a vista da barra como atravez um veu, embarcaram os presos vindos de Cascaes e de S. Julião da Barra com destino á Terceira. Todos elles estavam compromettidos em movimentos dirigidos contra o governo da Regencia e a Policia tinha-lhes encontrado papeis suspeitos ou denunciadores, determinando isso o decreto de 26 de novembro de 1807. Havia alli de todas as classes, artistas, clerigos, medicos, negóciantes, sapateiros, proprietarios, creados, pharmaceuticos, advogados, escriptores, jurisconsultos, magistrados e muitos d'elles illustres pelo merecimento e pelas lettras, como eram Sebastião José de Sampaio, José Sebastião de Saldanha (Rio Mayor), Doutor José Vieira do Canto, litterato e mathematico, Domingos Pelegrini, pintor, Domingos Vandeli, naturalista, João Vicente Pimentel Maldonado, poeta, Dr. José Porteli, professor de philosophia do Collegio dos Nobres e o Dr. Vicente José Ferreira Cardoso da Costa.

Homem que pensava por uma forma muito pessoal, o seu crime era manifestar as suas opiniões d'uma maneira publica: por isso elle era um dos considerados dos mais perigosos dizendo um pasquim «mas quem leva o tropheu de tal matula é Vicente, o doutor, chefe da Ceita.» O que para elle era um dever de patriota e uma obrigação civica, para as auctoridades era a condemnação do Regimen e um attentado contra o poder constituido. Não lhe encontrando documentos de maior importancia, prenderam-no por uma carta dirigida pelo Conde da Ega, ministro de Portugal em Paris, em que dava noticia de varios fidalgos que se achavam em França e fazendo allusão a isso accrescentava: «Aqui tem V. S.ª um dignissimo presente para brindar n'essa terra muita gente.»

Chegados os deportados da Amazona, porque assim se chamava a corveta que dera fundo na bahia d'Angra com os presos politicos, no dia 26, mandou-os o Governador distribuir pelas prisões do Castello, pelo Aljube e conventos, cabendo ao Dezembargador Vicente o Convento de S. Francisco, aonde em breve passava de preso e do isolamento da sala para a Bibliotheca do mosteiro aonde á convivencia dos frades se misturavam em breve os outros deputados e gente illustre d'Angra em alegre convivio, até que em março de 1812 lhe chegou ordem regia de 24 d'outubro de 1810 para ir residir para S. Miguel aonde possuia varios bens doados pela Corôa em retribuição de serviços.

Em 10 de Setembro de 1813 o Dr. Vicente José Ferreira, a pedido dos seus companheiros e amigos d'Angra que com elle ainda se achavam deportados, redigia uma representação para a Corte solicitando o indulto de D. João VI depois de provar que os seus crimes não eram claros nem tinham a gravidade correspondente ao castigo que elles estavam a soffrer, sendo elle o redactor porque era voz corrente que os seus escriptos contribuiam grandemente para que não fosse commutada a pena a esses infelizes que estavam havia tanto tempo longe das suas terras e das suas familias.

Terminadas as hostilidades com os francezes alguns mezes depois da representação do Dr. Vicente, foi dada amnistia a todos os criminosos politicos e em 24 d'outubro de 1814 o Governador Ayres Pinto de Souza recebeu uma lista dos deportados que poderiam recuperar a liberdade, ficando os restantes nas mesmas condições em gozo d'uma liberdade local.

O Dr. Vicente casado agora com uma Senhora do melhor merecimento, administradora d'um dos mais ricos vinculos de S. Miguel, D. Helena Machado de Faria e Maia, tinha a sua vida constituida na Ilha solidamente, vivendo, como elle disse a D. João VI, quando lhe participou o seu casamento, «na maior felicidade, entre a sua esposa que não só lhe dedicava o amor de consorte mas a quem elle devia o reconhecimento d'um reconforto moral quando se achara isolado e triste succumbindo ao peso de presuppostos crimes que se lhe não tinham accusado a

consciencia condemnavam-no a viver como um criminoso, e entre o seu enteado que de volta do Brazil com a sua mulher lhe dedicava uma sincera e profunda amizade.»

Francisco Antonio d'Araujo pela forma como conduzira os trabalhos de fortificações e defesa da Ilha por ocasião da guerra mantida entre as tropas do sul do Brazil e os exercitos argentinos em 1817 e pela orientação tida com a constituição e pela orientação da Junta de Melhoramento da Agricultura: pelas estradas que construira; emfim pela maneira como attendera a todas as obras d'utilidade publica e que lhe davam incontestavelmente a fama de um bom Governador, não tinha comtudo inspirado a sympathia aos povos açoreanos. Não era extraordinario o facto para o estado social em que se achava a Ilha dividida por um lado pela gente da nobreza constituindo uma classe de proprietarios e industriaes e do outro lado pelo povo que representava o sustentaculo do Governo. Este recebendo a influencia das auctoridades, frequentes vezes atropelava os interesses dos dirigentes das riquezas e fontes de trabalho, d'ahi o conflicto em que a inimizade entre nobreza e governo eram os menores incidentes da lucta social. A população que se sentia n'um estado de servilismo e de oppressão teve com a chegada do novo Governador alguns raios d'esperança a illuminar-lhe os sentimentos mas bréve foi a illusão e os espiritos iam-se exaltar na lucta pelos dois principios, o liberal abraçado pelo ex-governador á volta do qual se agrupavam os revolucionarios de 1820 e o reaccionario que teria Stokler no Governo.

CAPITULO II

A Revolução em Angra

Summario

O folheto de Fr. Francisco da Rocha — Os erros do governo do General Araujo—A Sociedade Patriotica restitue a Capitania ao General Araujo—A guerra Civil na Terceira—Stokler retoma o mando—A vida do General justifica a sua attitude de reserva perante os acontecimentos.—A politica da Capitania é anticonstitucional e fiel ao governo do Rio de Janeiro—Os Michaelenses são admoestados n'uma proclamação—Represalias, desafectação ao Governo de Lisbôa e perseguições—Suspeitas de Stokler sobre algumas auctoridades michaelenses e fayalenses—André da Ponte Quental e Sousa causadas suspeitas sobre os pedreiros livres.

Diz Frei Francisco da Rocha no seu folheto politico «O verdadeiro Imparcial dos Successos da Ilha Terceira desde 11 de Maio de 1817 até 15 de maio de 1821» (Impressão J. B. Morando—Lisboa 1821) que seriam umas 40 pessoas os amigos do General Araujo e reconhecendo qualidades superiores a Stokler condemna a obra de Araujo como nefasta para a administração e sociedade terceirenses pelos processos de que elle se tinha servido.

Citemos os factos que são deveras ellucidativos pois que elles visam directamente os interesses publicos lesados, parte dos quaes chegavam e tocavam os michaelenses muito de perto.

Na abertura das estradas o plano de arborisar os lados entrava na orientação do general e convidou todos os proprietarios que testavam com elles a plantarem

os seus terrenos; na estrada que ia para a Praia na direcção de Porto Judeu parte do plantio foi estragado por malvados, mas ignorou-se quem fora a mão criminosa; para apoiar investigações e mais tramites judiciaes, mandou para a freguezia uma força armada que durante semanas recebeu aboletamento dos habitantes e mais auxilios.

Araujo entabolára as mais activas relações commerciaes entre a Terceira e a terra da sua naturalidade Vianna do Castello, mas a forma peccadora porque se mantinham essas relações dava-lhe um cunho semelhante ao que estava ligado á sua agricultura cheia de interesses mesquinhos, de corrupções, de conluios, de interesses importantes lesados, de delações de todo o genero, prevaricações e venalidades. A extincção das cabras tornou-se uma necessidade aos olhos do Governo dizendo-se á bocca pequena que o plano era alimentar a industria dos cordovões para calçado de Vianna para onde seguiam centenares de pelles; a forma porque se fez a guerra ás cabras conta o citado chronista foi mandando para as freguezias dos Biscoitos, dos Altares e Agualva força armada de polvora e chumbo com ordens para dar-lhes caça.

Outra scena identica passa-se nas freguezias da Ribeirinha e Val de Linhares junto ás quaes se tinham derrubado um muro e uma propriedade, baldio, aonde o foreiro gastara muito dinheiro e por não saber os auctores do crime foi mandada a tropa para as freguezias e obrigando as populações a reparar o muro, multando-as ainda por cima em cem reis por cabeça, prefazendo a contribuição trinta mil reis.

A tropa era a policia preventiva do disciplinar general e quasi todas as medidas decretadas eram por elle postas em execução á força d'ella. Era uma questão administrativa a conservação das Estradas e para a sua efficacia urgia tomar medidas energicas para supprimir o uso dos pregos agudos e salientes que forravam as rodas dos carros, pois outra vez são os soldados lançados sobre os povoados para brutalmente estabelecer as novas pregações das rodas. Os soldados tornaram-se agricultores debaixo da direcção do general e verdadeiros abusos foram registados nas explorações dos terrenos por elle aforados para esse fim.

Os abusos de mando eram variados:

Um fulano de Tal Tiburcio da Ilha de S. Miguel querendo ir assistir ás colheitas da sua terra deu umas peças que foram recebidas a troco d'uma licença; outro alferes d'Ordenanças, José Coelho, foi forçado a ceder o aforamento d'um terreno que lhe convinha por intimação militar e por se demorar a assignar a escriptura foi preso no corpo da guarda da Praça da Cidade até cumprimento da palavra; um capitão de milicias das mais respeitaveis familias d'Angra, Matheus Pamplona, foi preso e mandado para o forte maritimo 4 leguas afastado da cidade por ter, diziam as pessoas bem informadas, o General casado uma filha do referido official e não dar consentimento influindo para que lhe fosse retirada a administração da casa; o cirurgião José Pereira Correia por não se conciliar com um amigo do general e não renunciar a uma questão judicial, que lhe puzera, esteve preso, soffreu os mais vis tratos e teve por fim quando foi solto de emigrar para não tornar a cahir na prisão; André Avellino Homem, advogado, por ter no tribunal, referindo-se a uma portaria, dito "o excellentissimo mandante d'ella" teve que vir sob escolta preso, explicar o sentido da phrase á presença do general, e muitos outros casos são relatados pelo frade imparcial, como o da prisão por denuncia de um official de Ordenanças da Ilha de S. Jorge, que aliás se tivera justificado, o da ordem da presença ao Castello do Sargento e Capitão Móres do Pico por razões futeis, como era parte de doente assaz prolongada, obrigando-os a comparecer todos os dias sem serem recebidos sendo tudo perdoado a troco de um conto de reis escorregado por mãos officiaes; emfim o caso de juiz de limites da freguezia da Ribeirinha por ter faltado o seu carro á fachina.

As pessoas altamente collocadas e gozando da maior respeitabilidade e tidas como integras foram colhidas nas malhas da disciplina aberrativa do general: as-

sim é que José Rodrigo d'Almeida, Coronel do Real Corpo d'Engenheiros, encarregado da direcção geral d'Obras Publicas desde 1800, transferido do cargo para uma Commissão da Carta topographica da Ilha e depois preso por responsavel de subtracções de dinheiro de que eram responsaveis inspectores nomeados para differentes repartições criadas.

Stokler continuou a politica de Araujo, tendo o governo constitucional como um governo Revolucionario e evitando todo o contacto com a Capital do Reino, prohibindo a concessão de passaportes para Portugal, a publicação de noticias que pudessem exaltar os animos populares, mandando proceder a buscas policiaes a domicilios e ameaçando todos os manifestantes a favor da Constituição de soffrerem graves punições. Como garantia d'essas medidas impunha-se gente fiel e Stokler, assumindo poderes absolutos de Dezembargo do Paço, nomeou as Camaras e escolheu pessoal para as repartições publicas, estabelecendo a represalia como systema para a manutenção do seu governo.

Até 1 d'Abril durou este Estado de coisas que não seria o peior das que estavam destinadas aos heroicos terceirenses.

O interior do Castello de Angra

A sociedade Patriotica constituida pelo Tenente Coronel d'Engenharia, José Cortes de Figueiredo, morgado José Leite e inspector d'Agricultura Thomaz José da Silva e Ignacio Quintino d'Avelar decidiu fazer a revolução, planeando convidar o ex-governador Araujo para dirigir os actos militares e recorrer aos officiaes subalternos. A Sociedade tinha o apoio do dezembargador Corregedor da Comarca Alexandre de Gamboa Loureiro e do juiz de fóra Eugenio Dionizio Mascarenhas Grade que já tinham apalpado os officiaes do Castello, que se mostraram reluctantes á adhesão á revolta, sobretudo os Commandantes João Pereira de Mattos Rite de infanteria e João José da Silva de artilharia. Stokler estava no conhecimento de todo o trama que se tecia na Sociedade e sabendo que o Governador Araujo conspirava mandou perseguil-o e prendel-o. Francisco Antonio d'Araujo ao ter conhecimento do perigo em que se achava correu a casa de Thomaz José da Silva e ahi com José Leite resolveram bruscar a revolta para a mesma noite. A' meia noite d'esse dia 1 d'Abril a casa do Dezembargador Loureiro foi cercada por uma patrulha commandada pelo tenente Agapito Pamplona, esta patrulha porem ligou-se a Araujo servindo-lhe no plano concebido para a tomada do castello aonde todas as patrulhas á hora da rendição deviam de estar presentes ás portas da Fortaleza. De Facto assim aconteceu começando por se juntar a esta a do commando do Tenente Coronel José Carlos e outras que vinham render-se, achando-se tambem presente o morgado José Leite. O momento era opportuno e de facto entraram todos de tropel apoderando-se dos fortes e indo o general Araujo prender ao seu quartel o General Caetano Paulo Xavier, fazendo-se immediatamente a proclamação do regimen, acclamando-se a Religião, as Cortes, a Constituição e o Rei Constitucional.

Não era preciso mais para garantir a victoria sobre Stokler e este com a sua gente, sabendo da tomada do Castello e da ameaça em que estava a Cidade dominada pela metralha dos fortes fugiu para a Praia, aonde chegou pela manhã ás nove horas, aquartelando-se na casa da Alfandega.

Desde então a vida na Terceira foi uma perpetua guerra civil.

Os revolucionarios dirigiram-se para a Camara Municipal acompanhados da tropa e do povo que festejava o acontecimento com vivas e sinceras acclamações de regosijo e ahi constituiram a Junta Provisoria para o Governo da Capitania Geral na presença da Vereação de que faziam parte Eugenio Mascarenhas Grade, Francisco Moniz Barreto, Alexandre Martins Pamplona, Francisco de Menezes Lemos e Carvalho, achando-se tambem o Procurador Thomaz José da Silva, o Corregedor João Bernardo Rebello Borges e o Dr. Osorio. A Junta ficou composta por Francisco Antonio d'Araujo, João Bernardo Rebello Borges, Alexandre de Gamboa Loureiro, José Leite Botelho de Freyre, José Francisco do Canto e Castro (Coronel) e D. Frei Manuel, Bispo da Diocese, prestando logo alli o juramento do estylo a todas as cerimonias de investidura de funcções administrativas e Governativas, "jurando aos Santos Evangelhos obediencia á nossa Santa Religião catholica romana, ao muito alto nosso Rei o Snr. D. João VI, a toda a sua Real Familia, ás Cortes de Lisboa e á Constituição que d'ella vae resultar; e tambem juramos governar estas Ilhas dos Açores pelas leis do Reino de Portugal na forma que nos foi determinado pelas Côrtes, e assignamos etc.»

As Camaras para as Villas ficaram n'esse dia fixadas que tomariam posse no dia seguinte e o Governo reuniu-se na Sala interior do Quartel contiguo ao Palacio da Fortaleza de S. João Baptista aonde tinha as suas sessões.

Stokler na Praia reuniu um Conselho Militar a quem expoz a situação e depois de reconhecerem todos a inferioridade em que se achavam e a inutilidade de sacrificar vidas perante uma causa de antemão perdida acceitaram a capitulação escrevendo os capitulos que a constituiriam e mandando-os remetter pelo Juiz da Comarca Joaquim Firmino Leal Delgado que os entrega no castello á Junta pelas 6 horas da tarde do dia 2 d'Abril. N'essa mesma noite recebia Stokler na Praia o Corregedor Rebello Borges com o convenio em que todas as suas proposições eram acceitas e no dia seguinte, elle partia para a Cidade alojando-se em casa d' um amigo rico commerciante de cereaes, João da Rocha Ribeiro, irmão do thesoureiro da Cathedral Fructuoso José Ribeiro e do Conego José Ribeiro, o qual vivia na rua Direita. As filhas de Stokler estavam no convento de Nossa Senhora da Conceição e á sua sahida e encontro com o Pae, cerimonia a que assistiram muitas pessoas que foram vizitar Stokler entre as quais o proprio General Araujo, os circumstantes apiedaram-se com os lamentos e lagrimas das raparigas e o sentimento em breve se transformou n'um odio e indignação para com as auctoridades e a politica revolucionaria que originava represalias e que punha as vidas de cada qual em risco, familias sem os seus chefes, e gente longe dos seus negocios e dos seus empregos, deportados para longe como acontecera com os passageiros do Amazona em 1810.

Os empregados e serventuarios da familia Ribeiro festejavam os acontecimentos que tinham dado a liberdade ao hospede do seu patrão e o vinho corria a jorro pelas vendas de Angra bebendo a soldadesca desenfreadamente a ponto de, ao cahir da noite, os animos estarem exaltados.

Ha quem diga que a contra revolução estava preparada e que o dinheiro para o vinho dos soldados tinha sido dado pelo Thezoureiro Mór Fructuoso José Ribeiro com a promessa de ser nomeado Deão para a Cathedral á morte do proprietario do cargo José Maria Bettencourt Vasconcellos, que vivia achacado e era avançado em edade O que é facto é que n'essa mesma noite os soldados diziam no castello que haviam restaurar no governo o General Stokler emquanto o Capellão andava com um crucifixo chamando rebeldes aos membros do governo e inimigos do throno e do altar. E sendo informados do Estado dos espiritos populares pelo sargento Antonio Luiz do Amaral Frazão, reunidos em Conselho, os membros da Junta decidiram pôr em execução o que tinha sido já projectado por Stokler para o General Araujo, isto era, conduzil-o a bordo de hum hiate que estava no porto e mandal-o para Lisboa. A ordem é concebida nos seguintes termos:

Ill.mo e Ex.mo Senhor Tenente General dos Reaes Exercitos, Francisco de Borja Garção Stokler.

A segurança publica d'esta cidade e de toda esta ilha e talvez a propria segurança de V. Ex.ª exige que V. Ex.ª immediatamente embarque em um navio que está prompto a recebel-o e que deverá andar de vela até que a familia de V. Ex.ª e o seu trem possam embarcar no mesmo navio que se dirige ao porto de Lisboa.

E' com o maior pesar que esta Junta adopta uma medida que as circumstancias imperiosamente prescrevem. Deus Guarde etc.

Stokler não tem tempo a perder, as ultimas cartadas devem ser jogadas n'essa noite. Stokler entrega a missão a uma pessoa da sua confiança que se dirige para o castello e entende-se com o Capellão, e ambos fazendo correr a noticia da partida de Stokler, diziam que os membros da Junta eram uns scelerados e estavam a comprometer a vida politica das Ilhas. A festança da tarde tinha preparado bem a tropa que facilmente se agrupava em volta do cabo de tambores e d'um sargento d'infanteria que os amotinava levando-os para a praça do castello, e no momento em que o general Araujo chega a uma janella para falar á tropa sobre as ultimas decisões da Junta, o Sargento, que estava debaixo d'ella com uma espingarda carregada, desfechou sobre o vulto furando-lhe os pescoço e matando-o instantaneamente. Os membros da Junta então surprehendidos e hesitantes são presos e alguns momentos depois chega Stokler que é festejado e acclamado, tomando posse da residencia dos Capitães Generaes e assumindo o seu cargo. A Cidade festejou-o até á madrugada com illuminações e manifestações de regosijo, acclamando-o das janellas das casas e pelas ruas á sua passagem.

Vê-se bem n'este facto quanto Stokler representava aos olhos dos Terceirenses n'um momento critico da politica dos Açores. Stokler no decurso da sua vida mostrara-se sempre um homem d'independencia de caracter, buscando a rectidão por entre tantas atribulações de deveres que surgiam na sociedade açoitada pelos acontecimentos os mais refractarios á ordem, ao trabalho e á moral civica d'um povo. Quando o Governo de D. Maria 1.ª reforçava toda a acção benefica de Pombal na organisação industrial e agricola, invade o exercito do Imperio francez, Portugal, infligindo por onde passa a ruina, a devastação, a morte e a miseria. O Governo de Bonaparte estabelece-se em Lisboa e então para as funcções publicas, na administração, junto do Governo ha receios, melindres, preoccupações de todo o genero e quando ha afastamento, quando os individuos isolam-se para não compartilhar d'uma vida turva, as perseguições começam, a espionagem tece a rede em sua volta e a existencia do homem honesto é peior da que a do vil traidor.

Stokler serviu cargos publicos durante as dominações francezas e d'ellas não sahiu immaculado perante a consciencia da Regencia? Foi por ella accusado de ter na qualidade de Secretario da Academia Real das Sciencias dirigido um discurso laudatorio ao General Junot quando foi convidado a ser membro d'ella e mesmo de o querer eleger Presidente; e quando tomou o commando da bateria da Areia de Belem que lhe offereceu o mesmo Junot mandou abrir fogo sobre varios navios que sahiam a barra para o Brazil. Por isso depois o governo da Regencia destituiu-o de todos os seus cargos e só no Brazil junto da Côrte, para onde foi em 1812, é que os seus meritos litterarios e scientificos o favoreceram. conseguindo chamar a sympathia a si.

Ignorava D. João VI os crimes de Stokler ou viu elle a attitude do homem cumpridor da disciplina do cargo e vendo na razão d'ella a conducta honesta?

D. João VI reconheceu em Stockler qualquer coisa de merito civico alliado aos talentos litterarios que o distinguiu na Academia, porque não só o restituiu á posse dos cargos de que tivera sido esbulhado, como lhe deu a Capitania Geral dos Açores.

Stokler era auctor de varios trabalhos de reconhecido merito, como eram Memorias sobre os verdadeiros principios do methodo das fluxões; A Demonstra-

ção do theorema de Newton sobre a somma das potencias das raizes das equações; a Memoria sobre as equações da condição das funcções fluxionaes; a Memoria sobre algumas propriedades dos coefficientes dos termos do binomio de Newton; de muitos outros elaborados no Brazil e que elle na volta á Europa publicou em Paris e em Londres, como foi o «Ensaio historico sobre a origem e progressos dos mathematicos em Portugal (Paris 1819) e poesias lyricas (Londres 1821) sem fazer mensão dos discursos e elogios proferidos no exercicio de funcções na Academia Real das Sciencias.

A sua fama era já alguma origem de respeito quando a fatalidade das circumstancias veiu repetir as dubias situações politicas como uma perseguição do destino, collocando outra vez a consciencia do homem do dever entre dois criterios civicos em que a moral difficilmente rompe por entre as correntes d'opinião e de vontades obscuramente impulsionadas por duvidosas noticias e por revolucionarias acções.

Stokler é um prudente sem ser um covarde, mas o seu temperamento não é o de um reservado nem o de um cauteloso, como é em geral o de todos os homens cujo calculo condul-os a um equilibrio de caracter que imprime a apparencia do individuo de vontade; vibratil, a sua vontade é muito açoutada e as suas conductas nem sempre nos actos publicos se harmonisam.

A sua attitude com a Revolução do Porto e depois com as Côrtes Constituidas em Lisboa, não obedeceu ao mesmo criterio do homem que festejava Junot e que mandou fazer fogo sobre os navios portuguezes que sahiam a barra de Lisboa.

Parece que a moral dos seus deveres attendia ao governo constituido; pois não; em Angra elle obedece a D. João VI rei absoluto e talvez lhe dite a sua consciencia uma inclinação justificada no seu reconhecimento de vassallo gratificado.

O governo dos liberaes da Revolução de 20 é implantado, são formadas as Côrtes e a Constituição posta em vigor e o Capitão General d'Angra, impavido no seu posto, torna-se um governador absoluto e não reconhece nenhuma soberania de Lisbôa.

A' Regencia elle dirige-se directa ente em 24 d'Abril e diz «Lendo no Diario da Regencia por V.as Ex.as composto, o que se passava na sessão 32.a das Côrtes relativamente a estas ilhas dos Açores, não posso dispensar-me de dirigir a V.as Ex.as algumas reflexões que me parecem proprias a merecer a attenção de V.as Ex.as e dos Senhores vogaes das Côrtes. Julgão por ventura esses Senhores que os representantes d'um Povo teem direito de constranger outros a adoptar a Constituição que elles julgarem mais apropriado a fazer a felicidade d'aquelles que representam ?

D'onde lhes vem este direito? Diram elles ou dirão V. Ex.as que este povo é uma parte da Monarchia, que lhes consta que a sua vontade, é adherir aos principios da Constituição, sobre a qual trabalhão as Cortes de Lisbôa, e ter parte na sua firmação; e que são o seu governador e Capitão General e o seu bispo quem os contrange e embaraçam? Mas como sabem V.as Ex.as ou esses Senhores que tal é opinião e a situação dos povos açoreanos?

Porque assim lhes dizem 3 ou 4 naturaes d'estas Ilhas que ahi se acham. E é este o modo seguro de saber a vontade de um povo inteiro?

Talvez porque V.as Ex.as reconhecem insufficiencia d'este meio é que se lembrão de mandar aqui uma embarcação de guerra e alguns dos seus deputados para rondarem a publica opinião. Deixo de ponderar a V.as Ex.as a impropriedade de um tal meio, mas para poupal-as a um trabalho inutil parece-me de razão que eu informe a V.as Ex.as e lhes offereça provas incontestaveis de qual é a minha maneira de pensar e de qual é a opinião e quaes os sentimentos d'estes povos sobre o mesmo assumpto. Pelo que respeita a minha opinião e aos meus sentimentos sobre principios politicos senão são bastantes a fazel-a presintir em diversas obras por mim escriptas e publicadas no espaço dos 30 annos proximos precedentes em

tempo que nenhum de V. Ex.as ousava falar ao publico em semelhantes materias, nem tratar questões das quaes pudesse inferir-se a sua particular opinião a este respeito, offereço a V. Ex.a a copia inclusa da proclamação que dirigi aos habitantes de S. Miguel logo que me constou da sua illegal e accelerada separação d' este Governo geral.»

Depois relata os acontecimentos já descriptos demonstrando que o seu governo era o mais desejado e apreciado e por fim termina... "Elles (os povos) e eu nos consideramos ligados pelo juramento de fidelidade que prestamos ao nosso Soberano: Eu entre as suas Reaes Mãos; e eles perante as auctoridades publicas na occasião da sua feliz Acclamação. Estamos certos que dos pactos e convenções resultão deveres e direitos; e que estes factos e convenções se tornão sagrados quando são sellados com o juramento voluntario.Estamos por tanto dispostos a dar ao mundo as mais decididas provas da nossa fidelidade, e da mais firme constancia em cumprir nossos deveres, e defender nossos direitos. A força poderá subjugar-nos; mas só a razão poderá convencer-nos. Em nome d'elles e em meu proprio nome protesto a V.as Ex.as á face do mundo inteiro, que o nosso desejo é viver em paz com o mundo e principalmente com os povos que se confessam subditos do mesmo Soberano. Se V.as Ex.as tomando outro arbitrio julgarem a proposito perturbarem a nossa tranquillidade, mandando aqui uma força para constranger-nos, essa força será repellida e sobre V.as E.x.as cahirá a responsabilidade das consequencias . . . Que eu desde já o protesto á face do mundo inteiro.

Da fidelidade com que n'estas criticas circumstancias nos comportamos poderão V.as Ex.as inferir qual será a causa com que defenderemos a nova constituição do Estado, que for pela Nação approvada e pelo Vosso Soberano consentida.

Deus Guarde etc. (Angra 24 d'Abril de 1821)—ass. Fr.co de Borja Garção Stokler.

A mensagem era digna e arrogante; tinha alguma coisa de phantasioso mas dava a impressão de ter sido inspirada nas transcendentes concepções de um espirito philosophico e mathematico; não havia n'ella um atomo de cortesanismo nem de obediencia burocratica mas a fidelidade e os deveres civicos eram expressos em deferencia ao Soberano no mais puro senso do vassallo leal.

Dirigindo-se aos michaelenses, elle é o Capitão General e representa o supremo chefe d'uma circumscripção administrativa. A Constituição politica foi alterada em Lisbôa, mas elle não quer saber nada do que se passa emquanto o poder supremo da Nação, o poder absoluto do Senhor D. João VI não proclama a conducta politica. O movimento dos michaelenses é precipitado e condul-o a uma verde orientação de politica social, ha perigo e o Chefe aconselha a manutenção da ordem e a volta á obediencia administrativa do regimen da Capitania. Eis a proclamação na intrega:

PROCLAMAÇÃO

Francisco de Borja Garção Stokler do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Tenente General dos Seus Exercitos, Commendador da Ordem de Christo, Governador e Capitão General das Ilhas dos Açores.

Que he isto Habitantes de S. Miguel! .. Que delirio he o vosso!... Que podendo segurar a vossa felicidade no seio do socego, e da paz quereis que ella fique pendente dos incertos e quasi sempre funestos, resultados de movimentos tumultuarios!...

Se amais a liberdade sensata, a liberdade regulada por Leis sabias, directas, e maduramente combinadas; por Leis que assegurão aos homens os seus imprescriptiveis direitos; sabei que ellas não tem hum amigo mais ardente, nem mais constante do que o vosso actual Capitão General. Porém sabei tambem, Habitantes de S. Miguel, que elle he igualmente o mais sincero e mais firme respeitador, e amigo da Ordem... Quaes são as mudanças que desejaes na Constituição do Estado? Quaes as que pretendeis na Legislação Civil? Quaes as que entendeis que

carece o Codigo Criminal? Que novas Leis vos parecem mais proprias para exercitar a vossa industria, animar o vosso Comercio e regular a vossa economia interna ?... Os vossos desejos nestas materias, quaesquer que elles sejão, não podem offender o Soberano que vos rege, sendo por vós respeitosa, e regularmente expressados na Sua Presença... O respeito devido á Ordem publica debilitará por ventura a força das vossas razões ?... Não podem ellas ser validas senão sendo expressadas em consequencia de deliberações tomadas em tumultuarios e mal organisados conselhos ?... Entrai em vós Habitantes de S. Miguel... o vosso general não foi enviado a Governar-vos para por obstaculos á vossa felicidade, foi pelo contrario expressamente mandado para promovê-la... E de que modo poderá elle desempenhar mais dignamente este dever, e mostrar-se ao mesmo tempo merecedor da confiança do Soberano e da vossa, do que apoiando com toda a efficacia na mão do mesmo Soberano as vossas justas pretensões de reformas, que melhorando a vossa condição, firmem mais seguramente as bazes do Throno que vós não pretendeis de nenhuma sorte abalar ?... Se esta direcção he preferivel ao errado caminho que allucinados começaes a tomar, estaes ainda a tempo de tomardes aquella, e desviardes este... Nem o vosso General, nem o vosso Soberano considerão erros e allucinações momentaneas como crimes. Allucinações carecem de illustração, erros de emenda, e Crimes de castigo. Illustrar-vos he quanto eu pretendo com esta breve Proclamação; desviar-vos do erro o meu desejo; e poupar-vos o castigo he, e será sempre o meu mais ardente empenho. Contai com a minha vontade; com a minha efficacia, e com a minha constancia se tornaes atraz : Se quereis sinceramente tornar á ordem eu vos prometo em Nome do Soberano hum perfeito esquecimento. Se ha cinco mezes apenas que existo entre vós, ha quasi 46 annos que figuro na Scena do mundo, nem he possivel que nos vossos ouvidos não tenham soado os acontecimentos da minha vida publica, nem que deixeis portanto de conhecer qual he a firmeza e a dignidade com que me tenho portado em todos os tempos e em todas as crizes da Monarchia. As acções da minha vida preterita são os fiadores que vos offereço pela lealdade de meus procedimentes futuros. Consenti, oh Póvos Açorianos, que eu seja o Orgão, que expresse diante do nosso Amabilissimo Soberano os vossos desejos, as vossas necessidades , as vossas pretensões sobre tudo quanto póde dar consistencia á vossa segurança, e á vossa liberdade, ao vosso socego, e imperturbavel fruição dos vossos bens, e de vossos direitos; segurança, liberdade e propriedade são os três grandes objectos que devem ter constantemente em vista todas as Instituições politicas: E eu vos asseguro de que o nosso Clementissimo Soberano nada deseja tanto como segurar por Leis prudentes e justas a liberdade, o socego e propriedade dos Povos que a Providencia commette ao seu Paternal dominio.

Reflecti, Povos Açorianos, na vossa situação Geografica, no vosso pequeno numero, na acanhada extensão do vosso territorio, e na dispersão em que existís relativamente huns aos outros ; e conhecereis evidentemente que nem podeis proteger-vos reciprocamente, nem manter por consequencia a vossa independencia senão constituindo, como até agora, parte de huma Nação poderosa, que pela sua propria força, ou pela de seus alliados, tenha sempre livres os mares para vir em vosso socorro, e para proteger vosso comercio. Portugal, berço de vossos maiores, será acaso a Potencia que vos proteja, se a sua desgraça for tal, que deixe de ser parte do Reino Unido de que até agora tem sido cabeça ?... Não conheceis vós, que Portugal não tem em si os alimentos precisos da independencia politica ? Este pequeno Paiz póde sim representar momentaneamente na Scena do mundo a figura de huma Soberania, sem sujeição; mas não pode de nenhuma sorte deixar de existir sugeito á influencia das Grandes Potencias Europêas. Para que este Simulacro de huma Nação independente possa durar algum tempo com apparencias de realidade, he mister que o Governo Portuguez tenha muitas, e mui extensas contemplações com as Potencias que lhe ficão mais proximas; e que contrapondo

hábilmente os interesses de humas ao de outras possa desviar do conflicto de todas algum apoio para não ser absolutamente submetido a vontades extranhas.

E será neste (em tal caso) desgraçado Paiz que vós, oh Açorianos, procureis a protecção que evidentemente careceis?... Abri de huma vez os olhos, e reconhecei que se os homens que actualmente trabalhão na regeneração da Monarchia Portugueza conseguirem organizar huma Constituição capaz de segurar quanto he possivel a sua e a vossa felicidade; essa Constituição ha-de ser indefectivelmente adoptada pelo nosso legitimo Soberano, e os seus beneficos effeitos não hão-de deixar de estender se aos pequenos torrões que habitaes no meio do Oceano: E se ella pelo contrario só for propria para aniquilar realmente a independencia e a liberdade dos Portuguezes, para que quereis ser participantes da sua desgraça?... A sorte da mais insignificante porção da Europa não depende da vossa cooperação, nem levemente, o vosso pezo na balança politica do mundo he nenhum... A providencia situou-vos de maneira sobre a face do Globo terrestre, que a vossa mesma insignificancia politica vos affiança huma tranquilidade permanente se vos conservardes estranhos a todas as revoluções politicas... Esperai tudo da razão, não espereis nada da força .. As vossas faculdades intelectuaes e moraes ou a vossa razão não he inferior á dos outros homens, porque a razão he propriedade de cada individuo; mas a vossa força politica he quasi nulla, porque a força he o resultado do numero, e o vosso he pequeno que apenas bastará repelir os insultos ou rechassar as agressões de occasionaes tentativas dirigidas a roubar-vos, ou a perturbar vosso socêgo.

Reflecti, Povos Açorianos, sobre os vossos verdadeiros interesses. . O vosso General está prompto a fazer valer a vossa razão diante do vosso Legitimo Soberano; está prompto igualmente a dirigir as vossas forças na defeza dos vossos portos; e já vos tem dado não poucas provas de quanto se interessa pelo vosso bem. Renunciai, oh Habitantes de S. Miguel, renunciai á louca idéa de adoptar huma constituição que ainda não existe, e que ainda não sabeis se será propria para fazer a vossa felicidade ou a vossa desgraça; e que pela mesma razão ignorais se será acceita, ou regeitada pelo vosso Soberano, e mesmo se será consentida e respeitada pelas Grandes Potencias Europêas. Restabelecei o vosso Governador no exercicio legitimo do seu poder debaixo das minhas Ordens, e se elle vos não he agradavel, por qualquer motivo, dizei-me por quem quereis ser governados, que estou prompto a condescender com os vossos desejos em quanto não offenderem o decoro da Magestade na Pessoa do Monarcha, ou na dos seus delegados. Confiai sobre tudo na Benignidade do Nosso Soberano; esperai tranquilos a decisão da crize actual, que agita a Monarchia, e arredai prudentemente os males que são de sua natureza inherentes ás commoções politicas executadas com precipitação e violencia. Se a fidelidade, a constancia, a prudencia, e o amor da ordem, são virtudes; e se a infelicidade, a inconstancia, a perfidia, e a precipitação são crimes, escolhei encher-vos de gloria praticando as primeiras, ou cobrir-vos de opprobio e precipitar-vos nos abysmos da desgraça, seguindo as segundas. De vós depende por ora sómente a vossa sorte; não a façaes dependente da vontade de outrem. Meditai nos meus conselhos, nas minhas promessas.

A 28 de outubro Stokler já tinha tomado as suas medidas decisivas para a defeza dos interesses do governo que ele veiu representar: são instrucções aos Corregedpres para na comarca da sua jurisdicção evitarem a propagação das noticias:

Exigindo as actuaes circumstancias, que o Governo destas Ilhas tome todas as medidas possiveis para que nellas não circulem Livros, Folhetos, ou qualquer outro genero de papeis impressos, que contenhão principios sediciosos, anti-politicos ou anti-religiosos, tenho determinado, que nos seus Portos senão consinta communicação com a terra a Navio, ou Embarcação alguma, que a ellas venha, sem que, além de qualificar-se desembaraçado pelo Guarda Mór de Saude, se mostre igualmente desempedido por parte da Policia; pelo que participo a V. Mercê, que de

hoje em diante terá hum official cada dia destinado para visitar os Navios, que chegarem a este Porto, sendo objecto desta visita examinar se a bordo destes navios vem alguns livros, folhetos, ou papeis periodicos, impressos, que não venhão incorporados na Carga dos mesmos navios como objecto de Commercio, ou incomendas, que devão dar entrada nas Alfandegas; e todos os livros, papeis, que estiverem nas indicadas circumstancias serão pelo dito official conduzidos immediatamente á Secretaria da Intendencia da Policia para que Vossa Mercê os examine, ou mande examinar por pessoa digna de confiança, a fim de reter todos aquelles cuja divulgação julgar perigosa na conjunctura presente; e remetter os restantes ao Excellentissimo e Reverendissimo Bispo Diocesano a fim de que este fazendo o exame que lhe compete, entregue aos seus legitimos donos, os que entender não serem offensivos da Religião, e da boa Moral. Do rezultado de cada visita me dará Vossa Mercê immediatamente parte para minha prompta inteligencia. E como esta medida deve ser praticada não só no Porto desta Cidade, mas em todos os outros assim desta Ilha como das outras que constituem a correição de Vossa Mercê a fará applicavel a todos ; expedindo para isso as convenientes Ordens aos Magistrados seus subdelegados. E porque apezar de toda a vigilancia destes, e de Vossa Mercê pode acontecer, que alguns papeis manifestamente sediciosos, ou anti-religiosos, e ainda mesmo dos que sem caracteres tão destintivos se fazem com tudo suspeitos, se introduzão nestes papeis Vossa Mercê fará publico por editaes, que todas as pessoas de qualquer classe ou condição que sejão a cujas mãos chegar alg·m livro, Gazeta ou outro qualquer impresso, de similhante natureza será obrigado a entregal-o immediatamente na Intendencia da Policia debaixo de pena de prizão, e de todas aquellas, que Sua Magestade, alem das já expressadas em suas Leis julgar que nas actuaes circumstancias lhe deverão ser applicadas. Que similhantemente todas as pessoas que ouvirem lêr, ou tiverem de qualquer modo noticia da existencia de taes papeis, ou Livros serão obrigadas debaixo das mesmas penas a declarar a sua existencia na Intendencia da Policia; na certeza de que contra todos que assim o não praticarem se procederá com a maior promptidão, e com toda a severidade das Leis.

Esta medida traz á Terceira a desordem social porque a policia investe n'uma actividade de investigação de perquisição a domicilio, assalta os navios á chegada ao porto apprehendendo todos os jornaes e mais livros e publicações e ainda não contente com isso isola as tripulações e interroga-as tempos depois para saber com quem communicaram. Ha gente presa e muitas pessoas sentem a ameaça injustificada. As cartas que saem da Ilha são abertas algumas, outras dirigidas para pessoas suspeitas de que a auctoridade passa vista, não seguem na mala. Os individuos só podem transitar com passaportes passados pelo General.

A separação administrativa e judicial do governo de Lisbôa é dada a 7 de novembro de 1820 por um instrumento dirigido ao Corregedor João Bernardo Rebello Borges. Ha n'ella a decidida vontade de assumir a responsabilidade absoluta de todos os acontecimentos que se poderão passar. A intencional e brutal ordem representa mesmo uma ingerencia d'attribuições que accusa a perda de tacto.

Faço saber ao Senhor Juiz, por bem da Lei desta Cidade de Angra, que pelo Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Francisco de Borja Garção Stokler Governador e Capitão General destas Ilhas dos Açores, me foi dirigido o Officio do theor seguinte. Como na presença da Crise actual do Reino de Portugal não me he possivel considerar como Authoridades legitimas, nem os Tribunaes alli existentes, nem genero algum de Magistrados, ou chefes de repartições, quer sejão Civís, quer sejão Militares tenho determinado, que entre as nove Ilhas, que compõem esta Capitania Geral dos Açores, e o sobredito Reino cesse por ora toda a communicação politica ou Civil, cujos actos envolverião o tacito reconhecimento de legitimidade das Authoridades Publicas alli actualmente constituidas : o que a V. M. participo para sua intelligencia, e para que nesta reconformidade mande em

toda a extenção da sua Comarca suspender até nova ordem, a remessa de quaesquer causas appelladas, ou aggravadas para a Casa da Supplicação de Lisboa, bem como outro qualquer recurso, que na forma da Lei, e Ordens antecedentemente existentes deverião ser dirigidas a algum dos Tribunaes alli existentes. Da mesma maneira deverá V. M. considerar por entanto nullas, e sem vigor algum quaesquer Provisões, ou Ordens que pelos mesmos Tribunaes sejão expedidas directamente a V. M. cuja jurisdição he comprehendida nos limites desta Comarca, determinando expressamente a todos, e cada hum delles que até nova ordem lhes não dêm cumprimento. A Sua Magestade tenho feito presente todas estas providencias, que tenho adoptado para manter a ordem do socego publico neste governo, que de mim se dignou confiar, e logo que a este respeito eu receba as suas regias determinações, as farei presentes a V. M. para que hajão de ser devida e pontualmente executadas.

Aqui é o tacto burocratico, atraz no regimen da severidade estabelecido para as communicações com Portugal era a perda do tacto social e politico. E o isolamento da Terceira accentua-se como se vê pela carta que se segue:

Constando-me, que algumas pessoas, interpretando mal a minha Ordem de sete de Novembro do anno proximo passado, pela qual mandei impedir os recursos para a Casa da Supplicação de Lisboa até nova Determinação de Sua Magestade, entenderão igualmente vedados os recursos para a Relação do Rio de Janeiro, e mais Tribunaes daquella Corte, cuja jurisdicção nunca foi abolida nesta Capitania, antes sim ficou sendo comulativa com os Tribunaes existentes na Cidade de Lisboa, pelo Regio Alvará de 15 de Julho de 1816, me pareceo necessario prevenir a V. M. de que será conveniente, que assim o declare nas Estações competentes, para que desta errada inteligencia não resultem retardações prejudiciaes ao interesse dos Vassallos de Sua Magestade. Deos guarde a V. M. Angra 30 d'Março de 1821. Francisco Borja Garção Stokler.—Senhor Doutor Corregedor da Comarca d'Angra.—

E por esta:

Recebi a Carta d'Officio, que V. M. me dirigiu na data de hontem, pelo Patrão Mór da Ribeira deste Porto que mandei a seu bordo. Ha muito que não tenho noticia de apparecerem Corsarios Insurgentes por estes mares. Se em quanto V. M. por elles se demorar, e carecer d'algum refresco desta terra, fazendo-me signal, mandarei embarcação a seu bordo pela qual me avize do que necessitar. Não lhe offereço a estação deste porto, não tanto por ser pouco seguro, como em razão das circumstancias politicas, que tem accorrido, das quaes V. M. poderá formar justo conceito pelos papeis cujas copias lhe remeto. Deos guarde a V. M. Angra 10 de Maio de 1821.—Francisco de Borja Garção Stokler. Tenente General e Capitão General dos Açores.—Senhor Rodrigo José da Gunha, Commandante do Brigue Téjo, e Providencia.—

E por esta:

Sendo tambem possivel, que nestes mares appareça alguma Embarcação de Guerra Portugueza do Departamento de Lisboa, V. M. não a deixará entrar nesse Porto, sem que o Commandante apresente para esse effeito Licença minha; visto que na conformidade da Carta que dirigi á Regencia de Lisboa, e por copia mando communicar a todas as Camaras, me consta que naquella Cidade se projectavão medidas tendentes a inquietar o socego destas Ilhas.—Quartel do Governo das Ilhas Faial, e Pico 11 de Maio de 1821.—Assignado—José Roberto Pires Alves de Miranda.—

Stokler tinha umas certas reservas para com certas pessoas mas quando era necessario agia d'alma forte contra aquelles d'onde elle presentia algum perigo; o Tenente da Armada Real José Antonio Ferreira Vieira, apezar de ser uma pessoa bemquista, observador da religião, de conducta exemplar, elle achou prudente afastal-o d'Angra.

Ferreira Vieira era um dos deportados da Amazona e havia dois annos e meio

que começara um negocio d'exportação que se desenvolvera em commercio de vulto e alem d'isso no anno de 1818 arrematára pelo triennio que findava o contracto das dizimas do trigo, milho, cevada, centeio e aveia da Cidade por 8.290.000, reis e 150 moios de trigo em cada um anno; assim como o mesmo contracto do mesmo anno na jurisdicção da Villa da Praia por 10.720.000 reis e duzentos e cincoenta moios de trigo em cada um dos annos.

O Tenente da Armada fôra mandado embarcar n'um prazo de dois dias na escuna Hermania para o Rio de Janeiro que seguia no dia 15 de Dezembro para a Ilha do Fayal. Tratava-se de dar execução ao aviso regio de 3 d'agosto e o General não attende ás supplicas que lhe vem de muitos lados e sobretudo do proprio tenente da armada, dá-lhe dois dias para restabelecer os negocios pessoaes da sua casa e não ha mais concessão a fazer. Era clara mas era despotica e abusiva esta forma de proceder para com um homem de quem se faz publicar declarações d'integridade e de valor; mas a epocha tudo justificava e Stokler, apesar de assumir as responsabilidades de uns actos pelos quaes respondeu mais tarde nos tribunaes de Lisbôa, não foi com estes exaggeros d'escrupulos e prevenções governativas que comprometteu a sua carreira e a sua reputação.

Uma carta para o Conde dos Arcos que seguiu n'essa Escuna para o Rio de Janeiro com o Tenente Ferreira Vieira fala dos negocios de S. Miguel, a que se achava ligado outro deportado da Amazona, o Doutor José Vicente Cardozo da Costa conhecido pelos seus trabalhos de Direito emphyteutico e Indice da Legislação, assim como seus serviços prestados á Congregação Benedictina para a constituição do Tombo dos seus bens e depois os prestados á Corôa sobre tambem bens que lhe pertenciam e que estavam annexos a ordens religiosas, questão que lhe foi entregue pelo Secretario d'Estado D. Rodrigo de Souza Coutinho, o Doutor Vicente era a pessôa designada para assumir o governo supremo das Ilhas pelas moções promotoras da revolução do Porto.

A carta dizia assim:

Illmo e Exmo Senhor—Tenho a honra de transmittir a V. Ex.ª a inclusa carta do Doutor Vicente José Ferreira Cardoso, cujo contexto ignoro, mas é meu dever declarar a V. Ex.ª que qualquer que elle seja, se tem relação com negocios politicos deve ser, na presente conjuntura não só olhado com mui seria circunspecção mas considero como agua desviada de uma fonte mui impura, e pelo menos mui gravemente suspeita no momento actual.

E o meu zello do Real Serviço e o interesse que tomo pela felicidade dos meus compatriotas, bem como o dever que tenho a meu cargo de promover o bem, e afirmar a segurança dos povos, cujo governo Sua Magestade se dignou confiar de mim, o que me obriga a communicar a V. Ex.ª as desconfianças que me agitão e os indicios e noticias que tenho podido obter ácerca das opiniões politicas e disposições de animo d'alguns sugeitos sem contudo pertender macullal-as mas tão somente prevenir a sua Magestade e a V. Ex.ª para que a seu respeito se empreguem enquanto não ha provas sufficientes que os constituam criminosos, as prudentes cautelas que exige a segurança do Estado.

Estando em Lisboa fui avisado por pessôas conspicuas pelo seu caracter e empregos (Patriarcha, Conde da Palmella e outros) de que a chamada Junta Suprema do Governo de Portugal tinha vistas de Revolucionar estas Ilhas que para esse effeito a Sociedade de Pedreiros Livres foco das Revoluções havia feito escrever ao Capitão General meu antecessor por seu irmão o Abbade de Lobrigos, e que a intenção da Sociedade era que a organisação do novo governo destas Ilhas ficasse a cargo do supra mencionado Doutor Vicente José Ferreira Cardoso.

Esta noticia combinada com a certeza que eu tinha de haver o sobredito meu antecessor passado á Ilha de S. Miguel, fez-me lembrar a possibilidade de ser o motivo desta Viagem alguma conferencia com o referido Doutor; e por isso considerando iminente o perigo em que estas Ilhas se achariam no caso de verificar-se esta possibilidade, me determinei a partir sem demora de Portugal sem emba-

raçar-me com o evidente risco da minha vida, cuja conservação na opinião dos medicos que consultei, poderia prolongar-se notavelmente permanacendo n'aquelle Reino e indo sem perda de tempo para as aguas thermaes das Caldas da Rainha. Animado somente da consideração do dever de mostrar-me digno da confiança com que Sua Magestade me honrara, e do desejo de preservar esta colonia do funesto contagio das opiniões sediciosas, me abalancei a fazer a viagem de que já tive a honra de dar parte a V. Ex.ª; e suposto tivesse a satisfação de achar esta Ilha tranquilla, não mediaram muitas horas entre o momento do meu desembarque sem que eu fosse avisado de que o meu antecessor depois de voltar de S. Miguel havia posto em questão se devia ou não dar-me posse do governo; e que entre os seus mais particulares adherentes fôra a mais geral opinião pela negativa, dizendo algum que até se me devia vedar a entrada do porto. A indignação geral era porem tão pronunciada contra o dito meu antecessor e seus mais particulares confidentes que eu mesmo percebi ao momento do meu desembarque, ouvindo de toda a parte o povo miudo não só chamar-me *Pae* mas *Redemptor* e pode portanto ser que o conhecimento da indisposição popular fosse a causa de não se pôr em pratica o mencionado pensamento.

Como quer que fosse é certo que em consequencia das indagações secretas a que tenho procedido para sondar a opinião publica e a maneira de pensar das pessoas de maior consideração, estou capacitado de que o facto é essencialmente verdadeiro; e que os maiores amigos e apaixonados do dito meu antecessor são pela maior parte do *numero dos Setembrizaidos deportados de Portugal*, taes o tenente coronel Engenheiro José Carlos de Figueiredo que mando em commissão para a Ilha das Flores, e José Antonio Correa Vieira, segundo tenente da Real Marinha, o qual por este mesmo navio faço sahir para essa Côrte como a V. Ex.ª constará por officio especial que sobre este objecto lhe dirijo.

Espero que estas medidas bastem para evitar Congressos dignos da minha desconfiança, e que poderiam talvez precipitar a estes mesmos individuos, e até ao meu antecessor em precepicios de desatinos funestos para elles, e perigosos para o Estado.

D'estas e das outras Ilhas o que por hora tenho podido colher por intervenção das auctoridades publicas a quem commetti as indispensaveis investigações da policia é o que a V. Ex.ª será constante pelas copias inclusas.

Devo porem advertir a V. Ex.ª que o officio do Corregedor desta Comarca me não merecia fé alguma se eu por outros meios não tivesse adquirido noções que me tranquillisam assaz acerca das disposições do espirito d'este povo; porque sei aliaz que o dito Corregedor sobre ser naturalmente frôxo não tem empregado mais do que um unico espia e esse muito inepto para este genero de diligencias.

Cumpre-me tambem declarar a V. Ex.ª que este Magistrado é natural da Ilha de S. Miguel na qual tenho razões de presumir que se acha muito espalhada a seita dos Pedreiros Livres.

Tambem me não merecem confiança alguma os dois officiaes do governador das Ilhas do Fayal e Pico attento o seu caracter e o conhecimento que tenho delles ha muitos annos.

Pelo contrario me acontece com os officiaes do Governador da Ilha de S. Jorge e commandante militar da Graciosa aos quaes ambos reputo sinceros e veridicos.

E' quanto por ora posso communicar a V. Ex.ª sobre este importantissimo assumpto objecto primario dos meus actuaes disvellos.

Deos guarde etc. 2 de Janeiro de 1821.

Stokler tinha razões para estar d'atalaia aos factos que se passavam em S. Miguel.

Não era um movimento politico fortemente baseado por premeditados interesses em que os administradores publicos da Cidade eram os principaes promotores e em que eram representados pelos principaes homens publicos de posição

social pelo intellecto, pela nobreza e pelo capitalismo. O Dr. Vicente José não era positivamente um corypheu politico no movimento mas as suas cartas dirigidas constantemente ao rei, aos Condes das Galvêas e dos Arcos informando-os do Estado politico da nação, fazendo considerações sobre as aspirações sociaes dos portuguezes e ao mesmo tempo aconselhando o Soberano na politica que devia seguir, eram verdadeiros relatorios que tanto o poderiam fazer passar por suspeito aos espiritos inexperientes e pouco cultos como dar lugar a ser considerado como um leal vassallo ou funccionario em missão, por qualquer homem de saber e entendimento.

Stokler nos seus escriptos publicados para justificar a sua acção no Governo da Capitania como para se defender junto dos tribunaes, que o julgam, dizia respondendo ás Notas criticas do Dr. Vicente publicadas a fim d'esclarecer as allusões de Stokler da carta acima transcripta, que não devia (Stokler) porem negar a V. S.ª que supposto no que eu escrevia a seu respeito ao Ministro d'Estado não tivesse a minima intenção de cooperar para que V. S.ª fosse removido da Ilha de S. Miguel, e muito menos para que o fosse desairosamente, eu tinha comtudo n'aquelle momento grande desejo de remove-lo d'alli effectivamente: mas o que V. S.ª não podia adivinhar, nem talvez agora acredite, é para onde eu desejava remove-lo; era para Angra: era para junto de mim; aonde eu pudesse tirar todo o partido dos extensos conhecimentos de V. S.ª, em circunstancias tão criticas, e em que eu tanto carecia de Conselho. Este meu desejo era tanto mais vivo, e sincero, quanto não só pelas cartas, que V. S.ª me fizera o obsequio de escrever-me, como pela que havia escripto ao Secretario do Governo, de cujo contexto este me havia dado noticia, eu via que a maneira de pensar de V. S.ª sobre alguns artigos, n'aquelle momento muito importantes, concordava perfeitamente com a minha; e que portanto era de esperar que estando V. S.ª perto de mim, nós fossemos reciprocamente uteis um ao outro, e ambos á causa publica; V. S.ª esclarecendo-me, e eu moderando-o; e que assim obteriamos uma grande probabilidade de acerto na direcção dos negocios politicos da maneira mais conveniente á geral felicidade.

Tudo quanto aqui digo é sincero: não uso de sarcasmos nem de ironias; não lisongeio, nem pretendo illudir a V. S.ª Este era verdadeiramente o meu modo de pensar a seu respeito: e é tal ainda agora o desejo de que me sinto penetrado de desterrar do seu animo o falso conceito em que V. S.ª parece existir de que eu o pretendia sacrificar aos meus interesses, fazendo da sua desgraça degrau para a minha elevação, que ainda me empenho em expor-lhe verdade e referir-lhe factos que o convençam da minha sinceridade; pois que para capacitar o publico de que eu não era capaz de semelhante atrocidade, são mais do que sufficientes os argumentos derivados da minha vida inteira, sempre uniforme, sempre independente, e sempre honrada, como é bem notório a todos os nossos compatriotas, e se comprova pelo tributo involuntario do respeito que neste artigo me pagão os meus propios inimigos e calumniadores, não se atrevendo a imputar-me uma só acção baixa ou indigna de um homem desinteressado e integro...»

Porem as informações que elle recebera em Lisboa, ao passar em Setembro dirigindo-se para Angra, obrigaram-no a manter-se sob reservas preventivas da maior severidade e attenção. Ahi diziam as fontes bem informadas alem das que se referiam ao Dr. Vicente que era a Junta do Porto quem pretendia estender a insurreição nacional ás Ilhas dos Açores, e que Francisco Antonio d'Araujo fora alliciado pelo irmão ao que a leitura d'uma carta escripta a 24 d'Outubro de Paris sobre um inglez que nos Açores era proprietario d'um forno de cal confirmava a continuação de rumores: essa carta dizia que os Revolucionarios já tinham corrompido os açoreanos afim de os ligar ao movimento da separação de Portugal de Governo do Brazil e que esse inglez natural do Porto tinha alliciados em Paris e recebia de lá instrucções fazendo mesmo viagens para esse fim.

Havia alguma coisa que poderia fazer suspeitar a Stokler da intervenção da maçonaria na orientação politica dos michaelenses e justificava as suas medidas policiaes—era a permanencia de André da Ponte Quental em Ponta Delgada aonde

o chamáram questões de interesse particular occasionadas pela morte de seu Pae.

André da Ponte Quental da Camara foi um d'esses homens educados no Collegio dos Nobres na orientação positivista da gente que succedia a Pombal.e que fizera pesar os destinos da nação n'uma solida constituição e organisação politica que trouxera meio seculo de prosperidades á sociedade do seu tempo, imbuida d'uma austeridade propria dos caracteres formados em solidos principios de moral de que os Oratorianos tinham sido os mestres. Esta gente tendo podido exercer uma acção unida e consequente da obra creada por seus paes foi colhida pela desorganisação occasionada pelas Invasões dos exercitos de Bónaparte e inflammada pelos enthusiasmos dos franco-mações em quem ateava n'alma o fogo sagrado do patriotismo offerecendo a sua vida pela causa sagrada da liberdade na restauração da soberania nacional contra a dominação franceza: depois veiu uma regencia que se envolveu e succumbiu na sua acção reformadora pelas multiplas correntes sociaes que se debatiam sem harmonia nem orientação commum muitas vezes, apenas ligadas pelo mesmo sentimento. Os Clubs e as sociedades formavam-se para combater a auctoridade afogada que logo que as circumstancias o permittiam tornava-se em auctoridade oppressora; essas organisações elaboravam ao mesmo tempo por um trabalho regular e continuo a propaganda das ideias políticas que formariam a base da Revolução Social.

André da Ponte Quental com uma sentimentalidade propria, naturalmente inclinado ao bem e á liberdade d'acção, intimamente convicto de que o progresso era uma resultante do pleno gozo da actividade individual, não hesitou em constituir com cinco amigos o club chamado Conselho Conservador com o qual se pretendeu dirigir o levantamento Geral do Reino em 1807. Desde 1797 elle era um perseguido da Policia tendo n'essa occasião sido pelos esbirros de Pina Manique, depois da prisão de Bocage a bordo da corveta Aviso no Tejo aonde estava embarcado para seguir viagem para Bahia, encontrados papeis compromettedores em sua casa.

Eram os litteratos perseguidos porque, conhecedores do espirito revolucionario de França, acompanhavam o movimento social, propagavam ideias novas mais ou menos republicanas e democraticas na fusão das theorias proprias com as recebidas dos livros e jornaes vindos de França; *jacobinos* chamavam então os ignorantes a essa gente que vivia das leituras e escrevia os seus livros, ou que frequentava as sociedades litterarias apresentando os seus trabalhos á discussão dos consocios, logo que nos seus pensamentos ou nos principios que orientavam os escriptos se comprehendiam avançadas revolucionarias inspiradas nos acontecimentos de França que se desenrolavam desde 1789 com estrondoso ruido; e não eram só factos, eram theorias sociaes que se formavam com o estabelecimento das novas constituições politicas, e eram sobretudo as convicções republicanas que tendiam a alastrar-se, e que o governo portuguez e as auctoridades tentavam reprimir.

A acção do Conselho Conservador formado em 5 de fevereiro de 1807 e destinado a levantar o paiz em massa contra os francezes era uma bem aposta á que originara a prisão de André da Ponte Quental e Camara em 97, mas para a gente ignorante dos movimentos politicos e que só tinha conhecimento dos factos atravez as noticias censuradas pela policia da Regencia, havia só uma classificação para esse genero de opposicionistas do governo e era a de pedreiros livres ou franco-mações; para a auctoridade constituida André da Ponte Quental era um revolucionario.

Stokler foi pois informado de que a presença de André da Ponte Quental poderia ter influencias graves na orientação politica dos administradores publicos de S. Miguel, pois que André Quental, um jacobino e pedreiro livre, não podia deixar de estar em entendimento com o outro jacobino que era o Dr. Vicente e com o Synhedrio do Porto que fizera a Revolução d'Agosto n'aquella Cidade.

(Continua)

Nota e Estatistica da Ilha de S. Miguel—Pelo Engenheiro Francisco Borges da Silva nos principios do seculo XIX

(Conclusão)

VILLA FRANCA DO CAMPO

O 3.º logar da Ilha—Situado 2 leguas a Leste de Agua de Pau

No principio d'esta Villa, está um Convento de São Francirco, edificado depois de erupção de 1525; então existia um aonde agora está a Ermida da Senhora da Paz: a freguezia de São Pedro, e a Bateria de São Francisco ou da forca que bate o Ilhéo fronteiro á Villa: A 4 horas e 40 minutos de caminho da cidade está o centro da Villa Franca; a primeira que houve na Ilha.

A cósta desde a Ponta da Pedreira forma a praia do rio Morto; o fundo do ancoradouro fronteiro é de pedra, e a costa de tufo; mas a Leste fica a enseada de São Pedro; fundo de arêa, a costa cheia de furnas, e em frente o Ilhéo da Villa.

Entre a enseada formada pelo portal de São Pedro e a ponta do Areal do Lucas, está situada a Villa.

O plano de base é bello; tem bôa vista do mar; a cósta guarnecida de rochedos, e só no portinho do Tagarete, se pode desembarcar melhor, ou no areal do Lucas; a enseada é defendida por trez baterias; a de Gonçalo Velho; a da Arêa e a do Castello Real: o convento de São Francisco, a Matriz, a Casa da Camara, o Convento das Freiras, são os edificios que mais se descobrem do mar, e os melhores; o mar é abundantissimo de peixe, Tartarugas, Congros, Xernes, Cassões, Enxareos, Chicharros, Garoupas, Tainhas, Bicudas, Escolares, são os melhores, Lagostas, Lapas, e Cracas; a agua é da melhor da ilha.

As laranjas produzem bem, e são as melhores da Ilha; os figos são tambem os melhores.

O seu terreno é o melhor da Ilha para fructas, mas não é cultivado; produz poucas peras, melões, etc.

Antigamente um alqueire de trigo de semeadura dava 30 alqueires, agora nas melhores terras 1 1|2 produz 18.

O milho dá 60 por 1; a fava 13 por 1; o feijão é semeado a arado, e dá a 20 por 1, estrumando-se a terra (na Cidade não se estruma a terra do feijão) e desde a Cidade até á Agua de Pau, não se semea a arado, mas a coveta.

Todas as sementeiras se fazem mais tarde, que na Cidade, as vinhas produziram muito em 1807 e 1809.

Tem coelhos, codornizes, perdizes, pouco gado, gallinhas, porcos etc.

A Matriz de São Miguel tem Vigario, dois curas, Thesoureiro, e Collegiada; a outra freguezia é a de S. Pedro; tem uma Casa de Misericordia, algumas Ermidas, um Mosteiro de Religiosos da Invocação de Santo André, o primeiro da ilha.

Esta Villa foi em outro tempo, a principal da Ilha; muito rica, e importante pelo commercio de pastel e trigo: a erupção de 1522 a arrazou totalmente; prezentemente é pobre, mas muito sadia.

Em frente da Villa, ha um Ilhéo entre elle e a costa ha um ancoradouro de uatro a dez braças de fundo: ahi se abrigam os navios muitas vezes.

Producções

Em 1800 a Villa e o logar de Ponta Garça: em 1813 a Villa só:

Trigo.....		83 moios e 43 alqueires.
Milhos	750 moios	349 »
Linho	10 quint.as	

Fava	140 moios	74	»	»	15
Feijão	60 »				
Legumes	160 moios				
Vinho	40 pipas				
Fructa	320 caixas				

Producção de todo o districto desta Villa em 1813: Trigos 720 moios, de que exportou 209; milho 3.315 alqueires, de que exportou 700; Cevada 11 moios e 16 alqueires; Feijão 108 moios e 19 alqueires.

Em 1813, tinha todo este districto da Villa 59 bestas cavallares, 49 muares, 1451 jumentos, 153 carros, 41 barcos, 4 fornos de cal, 16 de tijolo e telha, 3338 cabeças de gado vaccum, e 5488 de miudo.

População

Em 1580, tinha 1913 almas de confissão em 519 fogos.

Em 1690, tinha 560 fogos, e 1260 almas de confissão.

Em 1800... 3931 almas, mais 39 nascimentos do que mortes.

Em 1813... 3893 almas em 937:

S. M: S. F:: 1: 1 1|4 V: V;: 1: 3 1|2: N: P:: 1: 23 1|2; C: P:: 1: 62 2|3: C: N:: 1: 2 2|3; M: P:: 1: 58, N: M:: 2 2|3: 1; mais 97 nascimentos do que mortes N: M:: N: F:: 1 1|3: 1; differença de população em 13 annos 41 almas; termo medio de augmento 60 almas, que em 13 annos dão 888 almas. diminuiu 41; logo emigraram 929 almas.

Todo o districto da Villa tinha em 1813: 3591 fogos com 11672 almas; um Juiz de Fóra, Senado da Camara, um Capitão Mór com um corpo de 8671 Soldados ordenanças, um Regimento de Milicias com 800 praças: 19 Frades; 113 Freiras, 31 Clerigos, 1 Lettrado, 1 Medico, 1 Professor Regio de Latim, 4 Cirurgiões, 1 Boticario, 27 Officiaes de Justiça, 15 Serradores, 26 Pedreiros, 6 Cabouqueiros, 8 Ferreiros, 1 Serralheiro, 47 Alfaiates, 88 Sapateiros, 2 Tecelões, 20 Oleiros, 176 Praticos da Costa.

Occupações dos habitantes da Villa

Em 1800		*Em 1813*	
Corpo Ecclesiastico	117	.....	151
Corpo Civil	13	.....	3
Lavradores	100	.....	140
Negociantes e Morgados.	43	.....	42
Homens do Mar	94	.....	113
Trabalhadores	256	.....	353
Vadios e Mendigos	4	.....	7

Costa desde Villa Franca até ao Logarejo da Ribeira Quente e logar da Povoação

A costa a Leste de Villa Franca forma entre esta e a ponta da Cabra, o areal do Lucas, defendido ao éste pela Bateria da Arêa e a Bateria dos Boeiros, entre a ponta da Cabra, e a da Paredinha, fica o areal da Ribeira Secca, aonde desagúa a Ribeira do mesmo nome; segue-se a rocha e ponta de Santo Antonio, sobre que está construida a bateria do mesmo nome.

A ponta da Cabra, é o local mais dominante de toda a enseada, entre a ponta da Cabra e a d'Arêa; a costa continua de penedia, até ao areal do Rapa; segue-se costa inaccessivel, cheia de furnas; a ponta do Santo Christo; costa alcantilada; a ponta de José Diniz; a Ribeira das Tainhas, da Abilheira, e a das Patas, que seccam no verão: ha sobre a costa um moinho; segue-se os baixos do Gonzaga, penedos que entram muito dentro no mar: as grotas das onze Aguas, a costa segue muito alta, e vertical até á ponta Negra, encontra-se a Ribeira Grande, secca no verão, um moinho, a ponta da Furada, ou da Garça, ao mar da qual, está o bai-

xo do Escopro, pedra muito aguda que só se descobre em maré vazia, segue-se a bahia dos Caminhos; e as Arêas; costa alcantilada; a bahia das Almas; duas Prainhas; a ponta da Albufeira, ou do Tufo, e a ponta da Tezoura; a costa é coberta de vinhas;a ponta da Lobeira, e ao mar o baixo da Lobeira aonde ha das melhores cracas da costa do Sul; a costa entra com o alcantil para o interior, e vae sahir outra vez ao mar, formando a ponta de Santi Rita; entre estas pontes está um extenso areal, bordado de uma banda de terra aonde está situado o logarejo da Ribeira Quente; quazi no meio do areal esta a ponta do Fogo, aonde apparecem as ruinas de uma bateria; o areal é mui limpo, a enseada muito ao mar, conserva fundo da arêa, e dá facillimo dezembarque, é o melhor areal da Ilha; o vento S. O. e S. E. fazem sobre a costa grande impressão.

Logarejo da Ribeira Quente

A 3 leguas de marcha de Villa Franca do Campo, está situado este logarejo, com um Cura suffraganeo do Logar de Ponta Garça; é uma banda de terra, situada entre as altas montanhas, que limitam o Logar das Furnas, que ahi desagúa; as encostas dos montes e a banda de terra, estão cobertas de vinhas que produzem muito vinho; o areal é bonito, pesca-se no ancoradouro fronteiro, muito peixe e bom; entre elles alguns escolares; tem 100 casaes de população; é o logarejo mais fecundo da Ilha; os habitantes uzam muito de uma raiz chamada serpentina, que alli produz bem, amassam-na com o milho, em porções iguaes e a commem só cozida; o caminho para o Valle das Furnas é pessimo, muito estreito, e ladeado de despenhadeiros, bordados de ervas que encobrem os precipicios e muito ingreme; tem de subida 1 1/2 hora até ao Pico da Vegia optimo ponto de vista donde se descobre o mar, e alturas visinhas; d'ahi desce a unir-se ao caminho que de Villa Franca vai para o Valle das Furnas; da Ribeira Quente ao Valle são duas horas de caminho; da Ribeira Quente ao Logar da Povoação sobre a costa vai 1 1/2 legua; o caminho passa pela Lomba do Cavalleiro e Ribeira do Agrião.

Em 1813 tinha uma companhia de Milicias, 5 barcos, 4 cavallos 37 jumentos e produziu 21 moios e 29 alqueires de milho, 1 e 20 de fava, e 1 moio de feijão.

Caminho de Villa Franca para Ponta Garça

A 1/4 de legua de Villa Franca, está a Ribeira secca, que nunca secca, aonde antigamente havia um engenho de assucar, fundado por Lopo Anes d'Araujo, e é d'onde se tira agua para os moinhos da Villa. A 378 braças distante, está a Ribeira das Tainhas; a 1/4 de legua distante fica a Ermida da Senhora da Vida; a 84 braças a Ribeira da Abelheira; a 165, a Ribeira das Patas; a 1/4 de legua, a Ribeira Grande, que todas seccam de verão.

Logar de Ponta Garça o 12 logar da Ilha

Situado no interior 2 leguas a Leste de Villa Franca.

E' muito extenso, extendendo-se ao longo do caminho de Villa Franca que conduz para o logarejo, e Valle das Furnas chamado o caminho da Gaiteira; os campos lateraes ao caminho são muito abundantes em trigo, milho, e vinho, tem poucas fructas, e agua, e produziu antigamente muito pastel.

Producções

As de 1800, incluidas nas de Villa Franca:

EM 1813

Milho 343 moios e 13 alqueires; Trigo 57 moios e 17 alqueires; Feijão 11 moios e 13 alqueires; Fava 20 moios; gado vaccum 416 cabeças, miudo 221; Bestas Cavallares 2; Jumentos 108; Barcos 6; Fornos de Cal 2, de Tijolo 2.

População

Em 1580, tinha 332 almas de confissão, em 89 fogos.
Em 1690, tinha?
Em 1800, 1771 almas, mais 12 mortes que nascimentos.
Em 1863, 1843 almas, em 414 fogos.
S. M:: S. F:: 1: 28; C: P:: 1: 43 2|3; M: P:: 1: 59 1|3.
N: M:: 2 1|9 : 1; C: N:: 1 : 3; mais 34 nascimentos do que mortes; N : M: F : : 1 : 1 1|4.

Augmento de população em 13 annos 172 almas, ou 13 almas por anno; ter-se o medio de augmento 30, que em 13 annos faziam 390; logo emigraram 218 almas.

Occupações dos habitantes

Em 1800			*Em 1813*
Corpo Ecclesiastico	4		4
Lavradores	109		52
Artistas	45		32
Negociantes e Morgados	2		2
Homens do Mar	4		29
Trabalhadores	298		330
Vadios e Mendigos	1		7

A Freguezia é a da Senhora da Piedade, tem Vigario, e um cura suffraganeo na Ribeira Quente.

Caminho de Villa Franca para o Valle das Furnas, chamado o caminho da Gaiteira.

De Villa Franca passa á Ribeira Grande principio do logar da Ponta Garça; uma legua a Léste da Villa.

A 252 braças, está a Ribeira do Espigão morto, que secca no verão, a 1|4 de legua está o principio da subida da Gaiteira, summamente ingreme 2 1|2 leguas da Villa Franca pelos Poços: segue-se a Relvinha do Coelho; uma descida ladeada por uma grota chamada do Diogo Preto, e o fim do termo de Ponta Garça.

A 1|2 legua distante está o fim da descida da Grota de Diogo Preto e a garganta do primeiro valle do caminho das Furnas, aonde desagúa a grota, o valle é extenso e bonito, tem 220 braças de comprido no fim tem outra garganta, que dá entrada ao valle do Covão grande, cratera de uma violenta erupção: a Leste tem um monte vulcanico, chamado Pico do Fogo: o valle tem 84 braças de comprido; no fim está a garganta do terceiro valle aonde está uma grande lagôa chamada lagoa secca, celebre na historia do vulcanismo da Ilha : tem 420 braças de comprido, é muito bonita e cercada de grandes montanhas; a Oeste fica-lhe a Fajã da Rabaça e muitas Caldeiras de agua, que ferve e fuma continuamente, mesmo junto da margem do lago: ao Norte tem o Pico de Ferro, vulcanico, e uma colina chamada a Ponta de Garajau e a Leste outras collinas chamadas os coitos, em todos estes valles ha muitos coelhos.

A 168 braças está o lombo do inglez.

A 126, o caminho ao Sul para a Bibeira Quente, subindo o Pico da Vigia, a 378 está a altura do Arrebentão, donde se começa a descer para o Valle das Furnas; a vista do valle deste ponto é das melhores.

A 294 braças está a Casa e jardim do Consul americano digno de ver-se, e o centro do Valle e Logarejo das Furnas.

Costa desde o Areal da Ribeira Quente até ao logar da Povoação

O areal da Ribeira Quente tem as seguintes posições que a podem defender com vantagem: A collina do Pizão que descobre o areal, e o caminho para as Furnas, a Fazenda do Capitão Estanisláu; a Casa do Padre João da Povoação e o Morro de Santa Rita aonde está a Ermida do mesmo nome.

O Caminho da Ribeira Quente para a Povoação, é de hora e meia de marcha, por ser muito difficil.

A costa a Leste do Morro de Santa Rita forma a praia do Garajau; a ponta do mesmo nome: encontra-se a grota de João Lopes, a enseada do Agrião, que tem em frente no mar em pouca distancia da terra umas pedras chamadas o baixo do Agrião, aonde se apanham excellentes cracas; a costa que é coberta de vinhas, continua na ponta do Logar da Ribeira dos Palames, e na Praia, è Calháu do

Logar da Povoação o 9 logar da Ilha

Situado sobre a costa 2 leguas ao N. N. E. de Ponta da Garça.

Este logar que foi o primeiro da Ilha é pequeno, situado em um terreno plano; os seus campos, ou o Valle da Povoação coberto por erupções vulcanicas de cinzas, e pedras pomes de mais de 5 palmos de altura, é muito fertil, muito bem cultivado e bonito; a maior parte das terras não são foreiras nem de morgados; produzem bom trigo e milho, e antigamente muito assucar.

A laranja é muito bôa, e não cria bicho, limões azedos dos melhores da Ilha, pecegos, figos etc.

Tem grandes mattas de alamos, e principalmente de castanheiros, de que fornece a cidade, excellente madeira de angelim, alli chamado páu branco; a exportação da madeira é um dos principaes ramos do seu commercio.

No mar pescam-se bons enxaréos, enxovas, lagostas. A freguezia é da Senhora dos Anjos, a Igreja fundada por João de Arruda, tem vigario e cura. A Ermida de Santa Barbara edificada em uma bella posição foi a primeira que houve na Ilha; o logar é atravessado pela Ribeira dos Moinhos, que tem as suas vertentes nos contrafortes das alturas dos Graminhaes, afflue-lhe do Oeste, a ribeira d'Alem, e de Leste a do Purgal, aondo ha um salto d'Agua formando duas bonitas cascatas, estas ribeiras nunca seccaram.

Producções

De 1800		*De 1813*
Trigo.....	115 moios.....	115 moios e 54 alq.
Milho	240 »	286 » 51 «
Linho	10 quintaes	
Feijão	1 moio e 20 alqueires	4 moios 27
Legumes	2 » 30 »	
Vinho.....	10 Pipas	16 pipas e 19 alm.

Em 1813 tinha de gado vaccum 342 cabeçar, miudo 566, jumentos 196, carros 17, barcos 7, bestas cavallares 26, muares 14, fornos de telha 1.

População

Em 1580 tinha 238 almas de confissão em 103 fogos.
Em 1690 » 225 fogos com 892 almas de confissão.
Em 1800 » 1069 mais 33 nascimentos do que mortes.
Em 1813 » 1190 em 534 fogos.

S. F: S. M:: I: 1|44; V: V:: I: 1 1|5; N: P:: 120 1|9: C: P:: 1: 55 1|7; C: N:: 1: 2 7|9; N: P:: I: 38 1|4; N: M:: 1 6|7; I: e mais 47 nascimentos do que mortes; augmento de população em 13 annos, logo tem augmentado excessivamente a população d'este logar.

Sahindo por terra da Povoação para o Fayal da Terra ha uma legua de muito mau caminho: encontra-ae a cova da Burra; a vista é excellente, descobre-se toda a planicie da Povoação, limitada interiormente pelas alturas dos Graminhaes; depois o Pico da Caldeira vulcanico. 1|3 de legua distante está o Monte

Redondo; o Sanguinho; o Borguete; o caminho continua muito máu, tem um atalho; a descida do calço do Fayal, é dos peores caminhos que ha na Ilha, a 2[3 de legua está o logar do Fayal; a Ribeira dos Moinhos e a do Fayal que a atravessa.

Ha outro caminho pelo Sul do Pico da Caldeira pela rocha, o mais perigoso, que tem a Ilha.

A costa forma desde a Povoação, a Fajã Redonda; a Fajã do Cura, encontrase a Ribeira das Feteiras, que secca no verão, a Ponta do Fayal, e a enseada e calháu de

Occupações dos habitantes da Povoação

Em 1800		*Em 1813*
Ecclesiasticos	5	4
Lavradores	107	115
Artistas	50	48
Homens do mar	38	37
Trabalhadores	238	272
Mendigos	14	6
Tem 3 Companhias de milicias		

Logar do Fayal da Terra o 2.º da ilha

Situado duas leguas a Léste do da Povoação (e 1 hora de caminho por mar a remos): ao nivel do mar, em o fundo de um valle formado por altas montanhas; a Ribeira dos Moinhos, e do Fayal que o atravessam, e sempre correndo, acarretando grandes penedos das montanhas, tem enchido o areal de calhaús lizos, pela rotação que lhes imprimem as aguas, o que torna o seu desembarque muito incommodo; o logar é pequeno, as ruas quazi impraticaveis; os caminhos que ahi conduzem de Leste e Oeste da ilha, os peores de toda a Ilha, e o logar muito exposto a ser inundado, ou submerso por alguma alluvião, os seus campos são muito ferteis.

O milho chega a produzir 80 por 1; o trigo 10 por 1; ha uma porção de terra, que produziu ha poucos annos de trigo 27 por 1; a maior parte das terras são de Morgados.

Chega a produzir 300 moios de trigo; 200 de milho; 300 pipas de vinho; dá muitas batatas; no mar fronteiro pescam-se bons chernes, congros e lagostas; os limões azedos são os melhores da ilha: tem muitos pombos, e perdizes; as doenças que mais atacam os habitantes são hydropsias.

Ha Vigararia da Senhora da Graça, com cura.

Producções

Em 1800		*Em 1813*
Trigo	123 moios	48 moios 36 alqueires
Milho	90 »	81 » 5 »
Fava	12 » e 20 alqueires	3 » 10 »
Feijão	1 » e 50 »	1 » 54 »
Legumes	0 » 50 »	
Vinho	10 Pipas	

Tinha em 1813, gado vaccum 167 cabeças; miudo 148; bestas cavallares 4; muares 4; jumentos 33; barcos 1; fornos de cal 1.

População

Em 1580 tinha 37 fogos, e 114 almas de confissão.
Em 1690 tinha 103 fogos e 374 almas de confissão.
Em 1813 tinha 1186 em 322 fogos.

S. M: F:: 1: 1 1|7; N: N:: 1: 1 5|6; C: N:: 1: 1 5|6; N: P:: 1: 25 1|3; C: P:: 1: 49 1|3; M: P:: 1: 68 1|3; N: M:: 2 2|3: 1; mais 30 nascimentos,do que mortes; N. M: N. F:: 1 1|20: 1.

Diminuição de população em 13 annos 47 almas.

O termo medio de augmento era 25 almas, que em 13 annos faziam 325 almas, mas diminuiram 47, logo emigraram 372 almas.

Occupações dos habitantes

Em 1800		*Em 1813*
Corpo Ecclesiastico	4	3
Corpo Civil	6	8
Lavradores	75	26
Pessoas que vivem de renda	7	44
Artistas	32	22
Trabalhadores	136	153
Homens do mar	31	34
Mendigos	6	4

Ha um caminho para a Villa do Nordeste pelo Sanguinho.

Caminho do Fayal para Agua Retorta e Nordeste.

Sahindo do Fayal para Agua Retorta passa-se pelo Pico do mesmo nome, de dificillimo accesso; pelo Pico dos Bodes; Ribeira da Grota Funda, e de Agua Retorta; é um dos peores caminhos da Ilha.

A costa é muito alcantilada; o Pico dos Bodes a 1|3 de legua do logar do Fayal, por mar, é a rocha mais alta e vertical da Ilha; é todo vulcanico; o mar que a banha, de bastante fundo, tem socavado o seu alicerce; e no decurso dos tempos, desabará grande porção deste Pico; por toda a costa ha vinhas, encontra-se a Fajã do Calháu, e a Ermida do Bom Successo, neste logar ha muitas vinhas; depois de passar pela Ribeira da Grota funda, e d'Agua Retorta, chega-se á ponta do mesmo nome.

Logarejo d'Agua Retorta

A 2 horas de caminho ao N. E. do Fayal, e 1 por mar, está situado este pequeno logarejo. Curato na egreja da Senhora da Penha de França, suffraganeo do Fayal.

Producções

Em 1813, Trigo 17 moios e 30 alqueires; milho 52 moios; alguma fava e feijão; tinha 104 cabeças de gado vaccum, e 223 do miudo.

Costa desde a Ponta de Agua Retorta, até ao Nordeste.

O Pontal mais saliente que se encontra é o do Lombo gordo e o da Marqueza, que formam duas convexidades.

A costa é toda de pedra queimada, aonde desaguam as Grotas dos Mosquitos, e dos Caimbros, e adiante a Fajã do Trigo, as Fajãs do Araujo, a Ribeira do Tosquiado, que todas seccam de verão,

A costa é muito alcantilada: ao Norte da Ponta da Marqueza está a Ribeira das Prainhas, e a Ribeira do Porto, ou da Ponta do Nordeste, que nunca secca: aõ pé está o portinho da Villa do Nordeste; muito abrigado dos ventos N, NO, O, e SO, o porto é formado por grandes rochedos e de difficil accesso mesmo com bom tempo: as pedras que o formam indicam restos de maior porção de costa da Ilha, que desabou n'aquelle logar; recentemente desabou um rochedo que afundou um barco que estava no porto.

Manuscripto da Bibliotheca Canto

Estatistica

Quantidades d'alguns generos agricolas produzidos no Districto, nos annos de 1859-1860-1861-1862, e valores approximados das primeiras vendas para consumo e commercio

Generos	Alqueires	Preço	Importancia
Trigo	1:440:053	675 (a)	972:035:775
Millio	10:769:148	400	4.307:659:200
Centeio	18:742	400	7:496:800
Cevada	30:630	360	11:026:800
Feijão	116:534	650	75:747:100
Fava	861:510	320	275:083:200
Grão de bico	521	700	364:700
Chicharo	11:080	600	6:648:000
Ervilha	17:251	480	8:280:480
Lentilha	1:309	480	628:320
Tremoço	1:227:799	300	368:339:700
Batata	385:250	240	92:460:000
Inhame	365:507	200	73:101:400
Laranja (milheiro)	822:344 (b)	2:336	1:942:099:008
Limão (milheiro)	1:379	3:000	4:137:000
			8:145:707:483

Producção — anno 1852

Cera	18 arrobas e 17 arrateis
Mel	63 arrobas
Nozes	1 moio 54 1/2 alqueires
Castanhas	133 moios 49 3/4 alqueires
Vinho maduro	5.975 pipas e 6 almudes
Aguardente	62 pipas e 10 almudes
Vinagre	82 » » 13 »
Lans	592 arrobas 9 arrateis

Producção agricola no Districto de Ponta Delgada no anno de 1913-1914

Cereaes — hectolitros

Concelhos	Trigo	Milho	Centeio	Cevada	Aveia
Lagoa	483	31.200		9	
Nordeste	5.716	34.896			
Ponta Delgada	6.784	256.919	110	285	110
Povoação	4.950	72.440			
Ribeira Grande	14.449	142.926	9	161	
Villa Franca	2.284	25.960		4	
Villa do Porto	3.261	2.785	307	249	
	34.927	567.129	426	708	110

(a) O preço do trigo é o termo medio da liquidação n'estes quatro annos.

(b) Na importancia da laranja menciona-se unicamente o producto de 831:373 caixas exportadas a preço de 2:336 reis cada uma, que é tambem o preço medio dos rateios das casas exportadoras n'estes quatro annos.

Grãos—kilos

Concelhos	Feijão	Fava	Chicharo	Lentilha	Ervilha	Tremoço
Lagoa	65	3.840				336
Nordeste	270	3.742	10			2.562
Ponta Delgada	450	30.044			50	19.768
Povoação	200	5.968				1.862
Ribeira Grande	480	23.034			30	3.882
Villa Franca	550	7.059			90	2.020
Villa do Porto	96	1.688	277	37	36	326
Somma	2.111	75.425	287	37	206	30.756

	Tuberculos		Outros generos			
Concelhos	Batata doce	Batata branca	Inhames	Beterraba	Ananazes	Chá
Lagoa	3.293.520	1.200.000		3.860.075	100.000	3.510
Nordeste	40.000	300.000			1.200.000	1.000
Ponta Delgada	236.600	800.000	50.000	21.493.884	10.000	2.570
Povoação	30.000	80.000	100.000		15.000	8.000
Ribeira Grande	989.510	1.050.000		4.700.631		90.000
Villa Franca	500.000	900 000			600.000	
Villa do Porto	15.000	53.000	29.000			
	9.104.630	4.383.000	179.000	30.054.590	1.925.500	105.080

Producção de

	Hectolitros					Kilos		Kilos		Hectolitros		Hectolitros			
	Feijão	Fava	Chilharo	Gentilha	Ervilha	Tremoço	Batata doce	Batata commum	Inhames	Vinho	Trigo	Milho	Centeio	Cevada	Aveia
1901	2.206	175.236	129	17	247	133.042	23.788.199	1.256.712	169.646	4.006	161.259	890.367	131	596	
1903	2.560	178.326	109	28	1.013	141.298	106.183.110	1.153.240	125.400	17,759	111.370	696.404	126	440	
1905	1.731	190.685	93,5	31	193,5	136.422	71.633.123	4.887.930	62.484	164.904	159.967	1235.051	71	468	5
1907	3.275	255.244	158	20	72	82.618	15.174.670	18.945.486	60.000.	34.738	215.924	1361.866	114	605	
1909	3.476	343.611	93,64	32	182,6	142.653	27.347.313	19.717.800	250.920	23.045	188 900	1407.954	172	811	6

Producto das Colheitas

1812		1813		1814		1815	
Generos		Generos		Generos		Generos	
Trigo-moios.....	2742	Trigo-moios.....	4121	Trigo-moios.....	4660	Trigo-moios.....	3771 49 L,
Milho »	18719	Milho »	19087	Milho »	20000	Milho »	17212 6 »
Cevada »	222	Cevada »	50	Cevada »	40	Cevada »	28 16 »
Feijão »	1886	Feijão »	1639	Feijão »	1000	Feijão »	1467 19 »
Fava »	3225	Fava »	3353	Fava »	3200	Fava »	2377 43 »
Vinho-Pipas.....	2363	Vinho-Pipas.....	1725	Vinho-Pipas.....	470	Vinho-Pipas.....	2895
Aguardente-Pipas ..	42	Aguardente-Pipas ..	—	Aguardente-Pipas ..	19	Aguardente-Pipas	21
Laranja-Caixas	Não se pode calcular	Laranja-Caixas	Não se pode calcular	Laranja-Caixas	Não se pode calcular	Laranja-Caixas	Não se pode calcular
Limão »		Limão »		Limão »		Limão »	

Vejam-se as reflexões que faremos no artigo—Consumo—por ellas se verá, que o producto da colheita do milho na ilha, nos bons annos he de 27 mil moios e a media de 24.940 moios, o que demonstra haver alguma inexactidão n'este Mappa no dito artigo pelas razões que apontaremos no mappa do consumo.

Poeiras do Passado

O theatro em S. Miguel

Periodo de 1641-1858

E' a Thalia, a bella musa da comedia, que consagramos hoje esta poeirenta jornada atravez do passado, dasapaixonado... e morto...

Não vamos, caro leitor, excavar nas celebradas ruinas de Dionysos, ou Delphos!... Tentamos apenas uma modesta noticia sobre a existencia do theatro entre nós, o que, pela modernidade da sociedade que constituimos, não remonta aos aureos tempos da velha Grecia...

Conta apenas 476 annos de existencia a familia michaelense, um infinitamente pequeno na vida da humanidade... comtudo, tem a sua historia, que a nós outros interessa muito particularmente.

Foi pelo anno de 1444 e pelas mãos do Infante D. Henrique, (apud Gaspar Fructuoso), arrancada da solidão em que se encontrava e entregue ao dominio humano,—ao seu machado assolador, á sua cubiçosa exploração—a ilha de S. Miguel.

Seis annos depois (por 1450) começa a fixar-se a colonisação da Ilha. Homens aventureiros, alheios a necessidades ficticias, a quem bastava o pão que a terra, quasi espontaneamente produzia, e a carne colhida nas montearias, seu unico divertimento, foram os primeiros povoadores d'este abençoado torrão.

Por 1500 já o quadro da primitiva colonisação se transforma, transparecendo então as necessidades d'uma civilisação embrionaria. O fausto e sumptuosidade das castas apartadas começa a notar-se, não sendo tão apoucada, que o Governanador Ruy Gonçalves da Camara, 5.º capitão da ilha de S. Miguel, não despendesse 20.000 cruzados na sua ida á côrte!

A era de 1585,—sexagesimo anno depois que Ruy G. da Camara faz trazer de Tolosa, em França, a semente do *pastel* (isatis tinctoria), e que produzia, aqui, co-

lheitas valorisadas em 160:000 cruzados—marca na historia da evolução economica da ilha a primeira epocha de grande riqueza, a qual abre à isolada colonia michaelense as portas da velha Europa, que em troca do seu pastel lhe manda os resaibos de uma civilisação avançada, com todos os vicios e virtudes...

Em setembro de 1630 (2) achando-se em S. Miguel o capitão donatario, Conde de Villa Franca. teve logar a grande erupção vulcanica do valle das Furnas, precedida de violentos abalos de terra e seguida de enormes e duradouros cinzeiros, que arrasaram uma parte da ilha. No meio de tão grande desgraça houvese o conde de Villa Franca com um valor e sangue frio incomparaveis, acudindo a tudo, e não poupando, em tal conjunctura, nem a sua pessôa, nem tão pouco os seus haveres; e assim mereceu a gratidão dos michaelenses, que a 15 de junho de 1631, mitigadas as dores d'uma tamanha desfortuna e restabelecida a normalidade do seu viver, celebravam festas no Collegio da Companhia de Jesus, em honra do capitão donatario.

Consistiam ellas na representação d'uma tragi-comedia, destinada a solemnisar o nascimento do successor do Conde de Villa Franca. A peça, que era escripta em versos latinos e portuguezes, intitulava-se: *Tragi-comedia Boa Estreia, Feita ao Illustrissimo Senhor D. Rodrigo da Camara, Conde de Villa Franca & Governador da Ilha de São Miguel no nascimento de seu Filho. Anno Domini 1631 Dei Juniy 15*». Eis pois a primeira representação, que em S. Miguel se realisou e aqui deixamos registada por marcar o inicio da nossa historia de theatro.

*

* *

Até ao principio do seculo XVIII não temos noticias de quaesquer representações notaveis, a não ser a de arremedilhos, entremezes e pantomimas, exhibidas nos adros das egrejas ou nos pateos dos solares morgadios, commemorando factos religiosos e consagrados ao divertimento do povo.

Das nossas investigações ácerca da mais remota casa d'espectaculos na cidade de Ponta Delgada, apenas pudemos colher, que no principio do seculo XVIII e no paço do Conde da Ribeira Grande, existia um theatro, o qual foi demolido por Jacintho Ignacio Rodrigues da Silveira, 1.º Barão de Fonte Bella, por occasião de effectuar a compra do referido edificio e onde posteriormente fez construir o seu palacete do Largo da Conceição. N'aquelle theatro, aliás de pequenissimas dimensões, representavam tão sómente curiosos para *intertenimento* de suas familias. E' o que consta.

Antigo Theatro de São Sebastião

Em 1823, e por effeito da demolição do theatro do Conde da Ribeira Grande, promoveu o benemerito morgado José Caetano Dias do Canto e Medeiros a construcção d'um outro na rua da Fonte Velha, denominado: *Theatro S. Sebastião*, o qual se concluiu em abril de 1824.

A primeira companhia que exibiu trabalhos no theatro de S. Sebastião, diri-

giu-a um tal Fidanza, bailarino italiano, que veiu ao Real Theatro de S. Carlos de Lisbôa fazer papeis de dançarina, porque as mulheres até então os não podiam fazer. Esta companhia era parte d'outra, muito maior, que o Conde de Carvalhal, trouxera para a Ilha da Madeira, e da qual fazia parte João José d'Aguiar de Sousa (ponto), que aqui morreu delegado do thesouro, seu irmão Victorino José de Souza, dançarino, e José Joaquim d'Oliveira Machado, actor-comico.

Um parenthesis: Fidanza e Victorino J. de Sousa, foram quem ensinou a dançar á mocidade de Ponta Delgada, *dansas francezas!*

Desde que o theatro de S. Sebastião começou a funccionar, isto é, desde abril de 1824 até 18 d'abril de 1835, data da circulação do primeiro orgão da imprensa periodica em S. Miguel, intitulado *O Açoriano Oriental*, apenas se conhece a dita companhia do Fidanza, que ainda assim ali trabalhou uns poucos d'annos.

Em 1835, começa *O Açoriano Oriental* a dar noticias, se bem que extremamente laconicas e deficientes, a respeito d'outras companhias de varios generos que no theatro de S. Sebastião funccionaram. Servindo-nos d'essas noticias, manancial unico de que dispomos agora, vamos proseguir no nosso trabalho d'investigação sobre o theatro em S. Miguel.

Do *Açoriano Oriental* de 5 de dezembro de 1835:

> «Consta-nos, que uma companhia Patriotica, tem projectado fazer algumas recitas no theatro de S. Sebastião d'esta cidade, a beneficio da factura dos candieiros para a illuminação da cidade; este projecto é digno do maior elogio, sirva elle de estimulo aos nossos compatriotas para que seja coadjuvado tão nobre empenho».

Do mesmo jornal de 9 de janeiro de 1836:

> A companhia Patriotica executará a primeira recita no dia 16 do corrente, e continuará mais algumas, cujo producto liquido será applicado á illuminação d'esta cidade. Os bilhetes se acham expostos á venda na Botica de Francisco Joaquim Pereira de Macedo, tendo os camarotes differentes preços, conforme o diverso merecimento d'elles

A Companhia Patriotica, formada d'amadores da terra, deu 6 espectaculos, que terminaram em 29 d'abril de 1836, cujo producto liquido foi destinado, como estava annunciado, para a factura dos candieiros de illuminação da cidade, representando entre outras as seguintes peças: *Roberto na Franconia, Sensibilidade no crime* e outrôs *intertenimentos*, servindo-nos da terminologia da epocha

Eis os nomes dos amadores dramaticos que formavam a Companhia Patriotica:

> Bernardo Joaquim da Rosa, Miguel José da Silva Freire, Francisco Joaquim Pereira de Macedo, Luiz Antonio Morisson, Joaquim Antonio de Bettencourt, (dama) Pedro d'Alcantara Borges, Jacintho José Botelho, (poeta da Lagôa), João Ignacio Peixoto (poeta), José Francisco das Neves, José Jacintho da Luz, Vicente Joaquim Pereira de Macedo, José Joaquim d'Oliveira Machado, João Antonio Morisson, Christiano José Arnaud, Joaquim Antonio de Medeiros, José Furtado Arruda, Antonio Joaquim de Medeiros, José Antonio Monteiro de Campos, Christiano de Medeiros Silva e Henrique Julio de Medeiros.

Em novembro de 1836, debuta uma companhia de variedades dirigida por Pedro Serrate, que aqui permanece até abril de 1838 (17 mezes), exhibindo trabalhos acrobaticos e pantomimicos. Em um annuncio do «Açoriano» de 25 de março de 1837, encontramos este, como dizemos hoje, bello reclamo á companhia Serrate:

> «No theatro de S. Sebastião d'esta cidade, terá logar o mui variado divertimento, aonde a Sr.ª Thereza Montenegro ha de executar a difficultosa passagem de engulir uma espada de 24 pollegadas de comprimento e 2 de largo, no domingo 26 do corrente pelas 7 1/2 horas da noite».

As peças de resistencia d'esta companhia eram pantomimas e dansas. Os titulos das pantomimas mais rapresentadas são: «A morte de Arlequim, Esqueleto

fingido, O macaco do Brazil, Os ladrões da Calabria, Os doidos de Sevilha e a dança pantomimica «Desembarque dos pretos da Guiné na America Hespanhola», etc.

Tambem Pedro Serrate concorreu para a factura dos candieiros da cidade, do que temos conhecimento por esta noticia do «Açoriano», de 29 d'abril de 1837:

> Sabemos que o Sr. Pedro Serrate, do divertimento que amanhã se propõe offerecer ao publico no theatro d'esta cidade, tenciona fazer um beneficio em favor da illuminação, o que não pode deixar de excitar a concorrencia de muitos espectadores e merecer da parte dos habitantes de Ponta Delgada o reconhecimento devido a tão generoso offerecimento».

Em 29 de julho de 1838, estreia-se a companhia «Atheniense», gymnasta e musica, dirigida por José dos Reis, que por cá se manteve 16 mezes, dando espectaculos de variedades e pantomima. Os trabalhos de variedades consistiam em equilibrios, *operações illusorias da Fantasmagoria, ascenção do balão aerostatico até á frente dos ultimos camarotes levando 3 pessoas*, canções e bailes pelo José dos Reis e Emilia Amanti, experiencias mechanicas e physica experimental, etc.

Leia-se esta prevenção publicada no «Açoriano» de 10 de novembro de 1838:

> O espectaculo no dia 14, em beneficio do jovem Joaquim dos Reis, executando-se o melodrama em pantomima, em 2 actos, cujo titulo é «joco ou «O aranguirugo», desempenhando o papel de macaco o Beneficiado, que a fugir de um tiro, trepará até aos ultimos camarotes, e correrá por elles, por um incentivo da sua agilidade, rogando-se ás pessoas que os occuparem, que quando elle passar d'um lado para o outro seguro sómente pelas mãos, não estorvem nem gritem, nem causem algum transtorno, qualquer incidente desagradavel, advertindo que esta pantomima é totalmente differente da que se fez em esta cidade com o mesmo nome.. etc., etc.

Com taes macacadas se aguenta esta companhia até 23 de novembro de 1839, trabalhando só com o seu pessoal; mas, em 1 de dezembro d'esse anno, reapparece novamente Pedro Serrate e sua mulher, associados com José dos Reis e assim continuam as *funcções* até 21 de dezembro d'esse anno de 1839, data em que José dos Reis se despede do publico, proseguindo então Pedro Serrate, na exploração do theatro até 16 d'outubro de 1841.

N'esta data publica o «Açoriano» a noticia da sua partida para a ilha da Madeira, dizendo ter elle vivido aqui mais de 5 annos e elogiando-o por actos de philantropia.

Não desejamos deixar de referir o concerto do mestre Carregal, pela originalidade do convite publicado no «Açoriano», de 17 de novembro de 1838:

> Antonio Francisco Carregal Fortuna, mestre de musica do Batalhão de caçadores n.º 1, annuncia o seu beneficio para o dia 21, para o que conta com a protecção do publico. Para a musica ser bem executada, implora o beneficiado a devida attenção dos cidadãos michaelenses, como amadores de musica e amantes do socego publico segundo lhe requer a sua educação.

Periodo de 1842-1850

No «Diario dos Açores» de 2 de março do corrente anno (1912) iniciámos a publicação d'uma *densa* poeira do passado sob a epigraphe «Theatro em S. Miguel». Ahi deixámos registada a primeira étape (1631-1841) d'uma jornada que nos impuzemos fazer, ainda que os exiguos elementos ao nosso alcance nol-a tornem ás vezes difficil e desanimadora... Comtudo cá vamos prosseguindo.

No presente artigo, recolheremos os factos occorridos sobre o assumpto na quadra de 1842 a 1850; e esta é bastante ingrata para o objectivo das nossas pesquisas, pois então se vive n'uma das mais intensas convulsões politicas da

monarchia constitucional e por isso pouco de molde á exhibição d'artes scenicas e recreativas...

As dissenções partidarias dos corypheus liberaes de 1832 e o estrebuchar do miguelismo vencido trouxeram amargos dias ao constitucionalismo adolescente, provocando constantes pronunciamentos militares, pondo em latente conflagração. todo o paiz, ha pouco ainda atingido duramente pelo embate das irrequietas correntes liberaes, que tanto convulsionaram a velha Europa... Assim, não se representava... combatia-se.

A titulo de curiosidade, passamos a transcrever o seguinte trecho de uma carta escripta de Toledo em agosto de 1845, por um emigrado do pronunciamento d' Almeida (1844) e nosso tio, Luiz de Bettencourt Côrte Real :

> ..... «Por aqui vão as cousas politicas muito peores do que em Portugal, porque aqui se mata tudo militarmente: em havendo um caridoso que se lembre de dizer:—fulano conspira; diz o constitucionalissimo governo:—preso e em 24 horas aprompte-se para marchar para o outro mundo.
>
> «A Catalunha continua ainda em guerra, porque para alli tem ido muita tropa, porêm os papeis do Governo dizem que já não ha nada e os da opposição dizem que os não desmentem, porque tremem da nova lei da «Liberdade de imprensa» que tem tanto de liberdade como o governo que a deu á luz . . .
>
> A rainha foi para as provincias Vascongadas, dizem uns que vae a banhos, outros que a casar-se com o filho de Carlos; veremos o que ha, longe não está o tempo do desengano. Se fôr os banhos tudo ficará em aguas, não digo de rosas, mas sim de Rainha; se fôr o casamento será sangue e não pouco, no qual ficará afogado ou o despotismo ou a liberdade.
>
> Dizem que o Rei cidadão, Luiz Filippe, é o empenhado n'este venturoso enlace, e ainda ha quem accrescente que tem a generosa intenção de mandar a Hespanha um exercito para convencer os Hespanhoes da utilidade matrimonial assim como o seu antecessor fez em 1823 para estabelecer o religioso despotismo de Fernando VII. Tambem não é pouco empenhada a modesta e santa rainha Christina, por assim o ter promettido ao Santo Papa, em expiação de certos pecadilhos e fragilidades, commettidas com o Duque de Rianzares, no tempo em que elle se chamava Muñoz . . .
>
> Muito bem me vae parecendo isto. Os Jesuitas dão signal de vida onde estavam mortos, e se conseguem seus fins teremos a Santa Inquisição, o que não deixará de utilisar, havendo tanto «Pedreiro Livre» como ha e mais sucia; que bonito será vêr as fogueirinhas a dar cabo da pelle áquelles «libertinos...» Agora é que dão em cheio... pois só assim poderemos ter por cá o ceu. Meu amigo, quem tiver as barbas que as deite de molho, cautela «hermões da seita» do S.·. A.·. do U.·. veremos de que lhes servem as columnas do Templo de Salomão. Dirás, que estou hoje muito divertido? Tem paciencia, ha tanto tempo não questionavamos... deixa que me divirta com «paz, força e união . . .»
>
> Concluirei por te pedir me recommendes a todos de casa, parentes e amigos. Luiz Bicudo se recommenda. A Deus, meu caro, tem quanto te appeteça. O teu saudoso mano e Amigo Bettencourt (Luiz).

Não era pois, para a visinha Hespanha, mais bonançosa a sua vida politica interna, agitada fortemente pelas collisões violentas dos elementos avançados e conservadores... ao tempo a degladiarem-se d'armas na mão.

*

* *

(*) O manancial de que nos servimos para reconstituir a vida do theatro entre

---

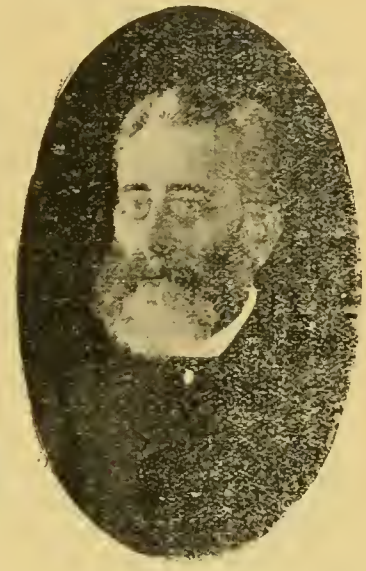
(*) Jornaes publicados em Ponta Delgada entre 1835 e 1869

1.º—Açoriano Oriental, 1835.—2.º—Constitucional Michaelense, 1835, de julho a dezembro—3.º—Patriota, de 1836, janeiro a abril—4.º—Miscelanea Micaellense, 1836 a 1837.—5.º—O Monitor, 1839 a 1844.—6.º—O Cartista dos Açores, 1845 a 1849.—7.º—O Correio Michaelense. (1.ª serie) 1846 a 1864.—8.º—Revista dos Açores, 1851 a 1854.—9.º—Revista Michaelense, 1851 a 1852.—10.º— Revis-

nós é tão sómente a parca colheita de noticias apanhadas nos jornaes coetaneos, d'um laconismo feroz sobre o assumpto, pois apenas lhes interessavam as insidias dos Cabraes e Saldanhistas, os republicanismos de Passos (Manuel) e a cortesia palaciana do General Concha,—o galante pacificador de toda esta familia .. que as *modas de França* tinham lançado na mais encarniçada lucta—.

Talvez, pelo que levamos dito, durante o tempo que decorre de 1842 a 1850, não foi esta ilha visitada por nenhuma companhia dramatica ou qualquer outro elemento de *entretenimento* publico.

Mas, como sempre, as grandes crises da vida nacional só se repercutem entre nós, esbatidas pelos nevoeiros do mar fabuloso que nos envolve... e assim emquanto no Continente se mobilisavam exercitos para combater irmãos que não seguiam a esteira de determinados vultos politicos, entre nós vivia-se *quasi* normalmente; se até os officiaes inferiores de caçadores n.º 4, aqui aquartelados, se constituiam em associação theatral para organisarem récitas a favor de uma Sociedade Beneficente! Filhos de Marte que o *torpor açoreano* tornara *monges* caritativos.



Sr. João Luiz de Moraes Pereira

Portanto, de 1842 a 1850, não se exhibem na ilha artistas profissionaes, e refloresce então uma quadra de grande animação para os curiosos dramaticos da terra que organisam muitos espectaculos, agrupados em associações sob diversos titulos: *Sociedade Instrucção e Recreio—Associação theatral—Sociedade Theatral Philantropica—Sociedade Philarmonica theatral.*

Do «Açoriano Oriental», de 18 de outubro de 1845:

> «Diz-se que vae haver sociedades theatraes. A primeira é a que esteve em ferias, denominada «Sociedade theatral Philantropica», trabalha no theatro de S. Sebastião; e a segunda chama-se «Juvenil» e brinca no theatro de S. Francisco; e a terceira é a Sociedade Philarmonica que está construindo um theatro no salão do edificio da mesma sociedade».

Esta ultima era uma associação de artistas e tinha a sua séde no edificio do largo da Misericordia, onde se acha hoje installado o—*Atheneu Commercial.*

Constituia estes agrupamentos um nucleo de cavalheiros, cujos nomes passamos a transcrever e entre os quaes se encontram os de muitas individualidades verdadeiramente notaveis na historia michaelense, e que divertiam a sua puericia, utilisando-se em proveito da sociedade, que tão accentuadamente caracterisaram: José Urbano de Bettencourt Rebello, Luiz José de Medeiros, Antonio Luiz Duarte, Francisco Antonio de Sequeira, Luiz Bicudo, José Joaquim Lopes d'Azevedo, Joaquim Antonio de Medeiros, José Ignacio Rebello, Ignacio Pedro da Silveira, Filippe do Quental, Luiz Carlos Severim, Carlos Maria Gomes Machado, Herculano Gomes Machado, José Joaquim d'Oliveira Machado (pae e filho), Jacintho de Teves Adam, Christiano Aragão de Moraes, Luiz Maria de Moraes, João Luiz de Moraes Pereira, José Maria do Couto Severim, José Borges Bicudo, José Pereira Botelho.

A Sociedade Instrucção e Recreio promove varios espectaculos em 1842, 43 e

---

ta Açoriana, 1853 a 1856.—11.º—O Noticiador, 1853 a 1854.—12.º—O Melrinho, 1853 a 1879.—13.º—Flores Litterarias, 1854 a 1855.—14.º—Aurora dos Açores, 1854 a 1867.—15.º—Meteoro, 1858.—16.º—Santelmo, 1859 a 1860.—17.º—Persuasão, 1862.—18.º—Campeão Liberal, 1864 a 1867.—19.º—Echo Social, 1864 a 1869.—20.º—Echo Liberal, 1868 a 1869.—21.º—A Ilha, 1852 a 1868.

44, com a exhibição de dramas, comedias e farças, destacando-se as peças *Intrigante de Venesa e Rakima*. Este ultimo drama teve um extraordinario exito, sendo os protogonistas muito applaudidos. Interpretaram os papeis principaes os srs. João Luiz de Moraes Pereira (Rakima), José Joaquim Lopes d'Azevedo (Sultão) e Ignacio Pedro da Silveira (Zoroyde).

A Associação theatral de officiaes inferiores de caçadores n.º 4, que se constitue para auxiliar a *Sociedade Beneficente*, realisa cinco espectaculos, em 1843 e 1844, representando os dramas *Roberto chefe de ladrões*, *Victimas da clausura* e *Christiano, rei da Dinamarca*. Em 5 de dezembro de 1844, e n'um espectaculo promovido por esta Associação, tocou um pequeno de 10 annos, de caçadores n.º 4, chamado Antonio J. Stofel, filho de J. Stofel (sic).

A *Sociedade Philantropica*, em dezembro de 1845, estreia-se no theatro de S. Sebastião com o drama *Suspeitas d'um assassino* e a farça *Ensaios d'uma tragedia*. O desempenho do drama foi entregue aos srs. Ignacio Pedro da Silveira, Jacintho de Teves Adam, Rebello e Moraes Pereira.

Foi n'esta epocha reparado o Theatro de S. Sebastião pelo snr. Filippe de Quental.

Em 18 d'abril de 1846, dizem os jornaes que as companhias theatraes promovem beneficios para soccorrer 160 emigrantes allemães, passageiros da galera americana «Franklin», arribada a esta cidade, em viagem de Antuerpia para Nova Orleans, e aqui condemnada por fazer agua. Estes naufragos foram recolhidos n'um granêl, que existia junto ao convento da Esperança, no local onde hoje se acha edificada uma casa do sr. Arthur Severim.

Sr. Henrique d'Andrade Albuquerque Bettencourt

A Sociedade Philantropica Theatral, em julho de 1846, faz representar o drama de Francisco Manuel d'Almeida, intitulado *O Monge da Serra d'Ossa* e a farça lirica *O beijo*, interpretados pelos Srs. Ignacio Pedro da Silveira, Christiano d'Aragão Moraes, Carlos Maria Gomes Machado e José Machado.

De julho de 1846 a 1850 não se encontrão mais noticias de representações theatraes!

———

Antes de retomar o fio d'esta historia, desejo deixar aqui consignados os mais cordeaes agradecimentos ao Marquez de Jacome Corrêa, meu particular amigo, pelo interesse que lhe tem merecido a leitura da minha *impertinente poeira do passado*, e ainda pela promessa da sua cooperação; offerecimento que devidamente aprecio e acceito, pois de tão fino espirito muito aproveitará o intento que me propuz realisar:—A vulgarisação do passado michaelense.

Eis-nos no assumpto:

Parece que o normalisar da vida nacional observado depois da Regeneração, reflecte largos beneficios no modo de ser do theatro, que sob a egide do immortal Garrett se remodela sensivelmente, então servido por um memoravel nucleo de artistas de alto valor, taes como Manuela Rey, a bella trindade das Emilias (Candida, das Neves, Letroublon), Izidoro, Epiphanio, Sarzedas, Rosa (pae) e outros que distinctamente individualisaram as composições e arranjos de Andrade Corvo, Mendes Leal, Antonio Ennes, Ernesto Biester, Emilio Deux, Francisco Palha, José Carlos dos Santos e ainda outros, que tanto se notabilisaram na litteratura e na politica. *O' tempora, ó mores.*

*

Entre nós, de 1851 por deante, anda o theatro de S. Sebastião sempre povoa-

do, quer por companhias de declamação, quer por parcerias d'amadores dramaticos, e assim torna-se-nos indispensavel ir referindo as suas exhibições, por periodos determinados, que convencionaremos chamar annos theatraes, referidos ao tempo decorrido d'outubro a outubro.

Anno de 1850-1851

Em dezembro de 1850 (21), recomeçam os espectaculos theatraes. Organisa-os o «Instituto Domestico», agremiação d'amadores, que fez representar a tragedia heroe-comica de Francisco Palha, intitulada *Fabia*, o drama *Lazaro, o Pastor* e os vaudevilles *Os Gabinetes*, traducção do theatro francez pelo snr. Carlos Maria Gomes Machado, e *O philtro campestre*, imitação de Luiz Filippe Leite. A imprrensa aprecia muito lisongeiramente o trabalho da amadora sr.ª Salviana, não referindo, comtudo, nenhum outro dos interpretes d'estas peças.

Em janeiro de 1851, aparece na ilha o insigne rabequista genovez Agostinho Robbio, fazendo-se ouvir com muito agrado.

E' d'uma chronica da *Revista dos Açores* o trecho que passamos a transcrever:

> «Do seu merito artistico pouco diremos, é d'aquellas coisas que se sentem bem, mas que difficilmente se exprimem. A rabeca nas mãos do Sr. Robbio tem uma natureza magica! vae roubar ao demais instrumentos todas as suas harmonias, vae ao seio da creação animada tirar os seus gemidos, vae aos echos, e aos ventos, que ciciam na ramagem, buscar vozes e inspiração, que converte em poesia sublime».

Em maio de 1851 dão-se os memoraveis concertos de Cesar de Cazella, de que já fiz menção no meu artigo sob a epigraphe:—*Noticia do 1.º espectaculo d'opera lyrica, que se realisou em San Miguel no theatro de San Sebastião, etc.* («Diario dos Açores» de 30 de janeiro de 1912, n.º 6.170.)

Anno de 1851-1852

E' Cesar de Cazella, coadjuvado por Mme. Cazella, Nicolau Ribas, Alexandre Madureira, Rangel e a Banda da Sociedade Philarmonica da Villa da Lagoa, quem, em 28 de outubro de 1851 inicia a epoca theatral, realisando seguidamente 8 concertos de assignalada memoria, o ultimo dos quaes se deu em 18 de março de 1852.

Em 1 de maio de 1852 tem logar a primeira récita d'uma companhia dramatica, organisada em sociedade e dirigída pelo actor Francisco José da Costa, que chegára á ilha no dia 21 de abril, a bordo da escuna *Michaelense*.

D'esta companhia faziam parte, entre outros, os seguintes actores: J. A. Pereira Mendonça, Francisco Amancio Pereira, Henrique J. Rodrigues, Antonio Porfirio Martins, José Clemente Pinto, Filippe J. Baptista, e as actrizes Gertrudes Magna da Silva Baptista, Perpetua Candida dos Santos, Candida Adelaide, Josepha Soller da Costa e Maria José Carvalho.

Com o drama *Marquez de Torres Novas* e o epilogo *Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga*, se estreia esta companhia e, trabalhando regularmente até 4 de setembro, realisa 19 récitas, em que se representaram os dramas:

D. Antonio de Portugal ou o Juramento, Amor maternal, Cruz de Malta, D. João I ou Vesperas de um desafio, A Engeitada, Adella de Valle de Faro, Os 6 deraus do crime, a comedia *Gaiato de Lisboa*, e as farças *Prisão imaginaria, Frene-*

si das Senhoras, A sociedade dos treze, A parteira anatomica, Quem tem mazella tudo lhe dá n'ella, O sapateiro republicano.

No espectaculo de 21 de agosto, diz o actor J. A. Pereira de Mendonça uma poesia do Sr. José Bensaude, intitulada *Affonso de Albuquerque.*

Interessou-nos especialmente a noticia d'este espectaculo, por n'ella se referir a recitação d'uma poesia subscripta por um nome tão conhecido entre nós, sem que fosse, comtudo, uma revelação, pois do Sr. Bensaude, por quem alimentamos a mais subida admiração, sabiamos ter sido, nos tempos sonhadores da mocidade, um inspirado familiar das musas. E ahi existem dispersas por varias publicações e albuns do tempobellas composições do seu engenho poetico.

Como se gastava a juventude n'aquelles *escuros tempos*... Fazia o Sr. Bensaude parte d'um cenaculo onde tambem versejavam, e muito distinctamente, os Srs. José Maria do Couto Severim, Guilherme Read Cabral, Francisco Maria Supico e Henrique d'Andrade Albuquerque, cujas producções poeticas são ainda hoje devidamente apreciadas.

Devemos á amabilissima offerta d'um velho amigo do Sr. Bensaude, e sincero admirador da sua individualidade, o reproduzir aqui a poesia «Affonso d'Albuquerque» em que o auctor, apezar dos seus 17 annos, se nos mostra versado em historia patria e perfeito conhecedor dos segredos do Parnaso:

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

....

Ao meu Ill.mo Amigo Guilherme Read Cabral

Si notre age assoupi retrouvait les accords
J'irai, je chanterai sur le luth de Pindare
Ou l'hymne du triomphe ou les gloires des morts.

Lamartine

Les monts, les rois, les dieux refoulés vers sa source
Roula d'un pas devant toi!

IDEM

E' noite... e o raio fuzila nos ares,
Nos echos celestes retumba o trovão!
Fogosa ardentia scintilla nos ares
E ao longe s'escuta o troar do canhão!

De cheias as velas se vergam co'os ventos
D'um vaso de guerra, que voga no mar!
E' nau que vencera combates cruentos,
E' nau que batera co'os filhos d'Agar!

Um velho guerreiro na tolda encostado,
Que pranto saudoso, que deixa correr!
Ell'o ergue seu rosto, seu rosto enrugado,
Ai vinde escutar seu nobre soffrer!

Fui forte!... pod'roso!... fiz reinos captivos!
Captivos são elles do meu Portugal!
Hasteei no Oriente o pendão dos altivos
E é esta a compensa,—desprezo real!—

E o raio que usurpa o brilho dos astros,
A nau, alumia affrontando o tufão!
Nos ares se cruza, e se enrosca nos mastros
E junto ao navio rebenta o trovão!

Ao pé de Larache, na bella Graciosa,
Plantei em triumpho o pendão portuguez!
Plantei nas torres d'Arzilla orgulhosa,
Rendendo-se ás quinas o reino de Fez!

Quem foi que á força de guerra renhida
Marchou sem assombro á conquista d'Ormuz?
Fui eu! que obrigara essa praça vencida
A dar homenagem á bandeira da Cruz!

Quem foi, que de forte deu brado no mundo?
Quem foi, que d'assalto tomou Calecut?
Fui eu! inspirando respeito profundo
Aos reis de Cambaia, Bengala e Pegu!

E as linguas do raio sibilam nos ares,
Retumba d'immenso o immenso trovão!
Scintilla e se agita a ardentia nos mares
E a nau portugueza se verga ao tufão!

Quem foi que o fogo lançou na cidade
Que d'ella expulsou o cruel çamorim?
Fui eu! n'esse tempo de tanta saudade
Monarchas altivos curvaram-se a mim!

Quem foi qu'alta Gôa, cidade viçosa
A' força de fogo tambem conquistou?
Quem foi que vencendo Malaca sumptuosa
Tão rico thesouro ao seu rei offertou?

Fui eu co'a espada da justa vingança
Victorias já mortas eu fil'as surgir!
O rei da Narsinga pediu-me alliança
Co'os reis de Maldiva, Parem e Pedir!

E o raio que os raios usurpa dos astros
A nau alumia, vergando ao tufão!
Nos ares se cruza e se enrosca nos mastros
E a nau mais se dobra ao estalar do trovão!

D'Affonso Albuquerque o poder receiando
Rogou-me alliança a famosa Sião!
E alegre o estandarte real arvorando
Entrei triumphante no ameno Ceylão!

Quem foi que estendera esse imperio possante?
Quem reis subjugára ao poder do seu rei?
Fui eu! que em conquistas tornei-me o gigante!
Thesouros da Azia só eu conquistei!

No mar das Arabias queimei inimigos,
Domei ao meu sabre infiel Malabar!
Ganhei cicatrizes, passei mil perigos
E morro sem gloria! .. e morro no mar!...

Suspira! e o raio se cruza nos ares
Estala e retumba imminente o trovão!
Scintilla fulgente a ardentia nos mares
E o vaso de guerra resiste ao tufão!

Suspira profundo o heroe destemido!
E busca com ancia, que busca? não sei!
Achou... e recosta seu punho abatido
E escreve angustiado, e diz ao seu rei:

Senhor! já me chega o soluço da morte,
Já morre Albuquerque de dôr e paixão,
Valei a meu filho, que tendes na côrte,
P'ra elle é que peço a real protecção!

Já morro! que tanto vos hei respeitado
Que reis poderosos a vós submetti!
A India me chora, que a hei governado,
A India vos diga o que eu mereci!

E o raio que os raios usurpa dos astros,
A nau alumia, dobrando ao tufão!
Nos ares se cruza e se enrosca nos mastros
E a nau mais se verga ao estalar do trovão!

Já sinto! já sinto o soluço da morte
Já sinto chegar-se-me o termo do mal!
A Deus, querida patria .. lamenta-me a sorte
A Deus para sempre... a Deus.... Portugal!

.....
.....

E é noite! e o raio se cruza nos ares
E amargo suspiro se ajunta ao trovão!
Fogosa scintilla a ardentia nos mares
E a alma do nobre se vae no tufão!

José Bensaude

1852

Uma sociedade intitulada "Juvenil» e presidida pelo Snr. Guilherme Lima, arrendou e concertou o pequeno theatro existente na "Sociedade Philarmonica» denominando-o «Gymnasio», e n'elle deu a sua 1.ª récita no dia 24 de maio de 1852, com o seguinte programma:

"O Tintureiro» ou «Calções de meu tio» (drama) e a farça «O Phantasma casamenteiro». Em 5 d'agosto d'este anno organisa um outro espectaculo com o drama em 2 actos «O velho de 25 annos», a comedia "O doido feito por força» e a farça «O maniaco».

Por quem era constituido este grupo d'amadores nada encontramos que no-lo indique.

Anno de 1852-1853

A companhia dramatica que sob a direcção do actor Francisco José da Costa aqui trabalha desde 1 de maio de 1852 recomeça os seus espectaculos em 2 d'outubro iniciando-os com a exhibição do drama em 3 actos "O Peregrino branco" ou os «Meninos d'aldeia» e a farça «Gregorio Azemula». Até 30 d'outubro, data em que termína a 1.ª serie d'espectaculos, realisa ainda esta companhia mais 4 récitas com os dramas «O mendicante» ou o "Fugitivo das prisões de Bruxellas», "Affronta por affronta» e a farça «As maximas do catholicismo».

Como acima digo, com o espectaculo realisado em 30 d'outubro, termina a companhia a primeira serie d'espectaculos, e abre uma nova assignatura para 24 récitas e 14 beneficios, que começaram em 6 de novembro de 1852 com o drama em 3 actos e 6 quadros *O conde d'Andeiro* ou a *Acclamação de D. João I*, e a farça *O sapateiro republicano*, terminando em 21 d'abril de 1853. O repertorio representado n'esta epocha, bastante interessante, foi o seguinte: dramas, «O castello de Monte Louvier; O ermitão da cabana, Catharina Howard, Rainha de Inglaterra; O Tyranno de Padua; D. João Tenorio ou Convidado de pedra; Frei Luiz de Souza; O Alfageme de Santarem; O captivo de Fez; Os dois renegados; A degollação dos innocentes; D. Affonso III ou o valido d'el-rei; O tributo das cem donzellas» e as farças «O medico da nova escola, A adela de valle de Faro» e outras.

Em 16 de novembro de 1852 foi, por deliberação unanime da companhia, expulso o actor José Clemente Pinto pelo seu irregular comportamento, o que se fez publico no numero 35 do jornal «A Ilha» de 18 do mesmo mez.

Sr. Vicente Cymbron Borges de Souza

Apóz esta ultima assignatura, vem o director da companhia declarar pela imprensa em 30 d'abril de 1853, haver terminado o anno da sua gerencia e saldado todas as suas contas com os artistas e mais pessoas d'esta cidade. Em seguida organisa-se uma nova companhia sob a direcção de J. J. d'Oliveira Machado Jr., denominada *Companhia de declamação* constituida pelos actores Francisco J. da Costa, J. A. Pereira de Mendonça, Filippe J. Baptista, Antonio Francisco Carregal; José Maria Alves Fortuna, Francisco Amancio Pereira, Guilherme A. Botelho, Henrique J. Rodrigues, Albino Augusto Serpa e as actrizes Maria J. Carvalho, Perpetua Candida dos Santos, Candida Adelaide e Gertrudes Magna da Silva Baptista.

Assim começa uma outra serie de récitas que preenche o resto do anno theatral de 1852-1853, realisando-se 15 espectaculos, o ultimo dos quaes teve logar em 24 d'agosto de 1853 depois do que parte a companhia para a Villa da Ribeira Grande, onde se demora até setembro, dando espectaculos duas vezes por semana.

E' em 16 de julho de 1853 que tem logar o primeiro concerto do pianista austriaco Oscar Pfeiffer, coadjuvado pela "Companhia de declamação», executando o laureado pianista as seguintes composições: Fantasia sobre motivos da opera «Elixir d'amor», de Talbert, «Le bannanier», de Goltschalk, «Tarantella» de Doller, fantasia sobre motivos da opera "Ernani», de O. Pfeiffer.

Pfeiffer, que aqui reside até 1857, com pequenas ausencias de mezes, dá ainda mais trez concertos, de perduravel lembrança. Foram elles em fevereiro de 1854, abril de 1855 e março de 1857.

De visita, aqui esteve tambem n'esta epoca, sua mãe Mme. Ida Pfeiffer, uma escriptora de muita nomeada pelos seus livros de viagens. N'um d'elles, *A Lady's second, journey round the world* regista esta sua permanencia entre nós e por uma forma algo phantasmagorica.

NOTICIA do primeiro espectaculo de opera lyrica que se realisou em São Miguel, no theatro de São Sebastião a 10 de Maio de 1852

Chegou até á geração do meu tempo a tradição da passagem por São Miguel do distincto violoncellista Cesar Augusto de Cazella, um grande artista e um impenitente bohemio.

O symbolismo da sua figura romantica, e os arroubos de uma inspiração apaixonada, que na dolencia do seu violoncello tangia arrebatadoramente, impressionaram em extremo a sociedade d'então.

Cazella, que as vicissitudes de uma existencia aventureira trouxeram a esta terra em maio de 1851, a bordo da escuna *"Elisa"*, acompanhado de Mme. Cazella, *(née Lacombe)* artista de alto valor—compositora, pianista e cantora, encontrou entre os nossos um acolhimento enthusiastico, realisando trez concertos, coadjuvado pelos Snrs. Alexandre Madureira Cyrne, insigne flautista, e Guilherme Pereira Rangel, professor de piano e canto, em que lhe foi farta a colheita d'applausos e sympathias.

Snr. Cezar Augusto de Cazella

Apóz estes concertos foi Cazella á Ilha Terceira, d'onde voltou em outubro do mesmo anno, fixando-se em Ponta Delgada a pedido de muitas senhoras, que desejavam aprender piano e canto com Mme. Cazella; e assim se inicia uma nova serie de excellentes concertos (outubro de 1851) organisados com as melhores composições musicaes d'aquella época.

Em Dezembro de 1851, chega a São Miguel, Nicolau Medina Ribas, joven e famoso violinista portuguez, discipulo do Real Conservatorio de Bruxellas.

Nicolau Ribas veiu aqui a convite de Cazella, para se fazer ouvir do publico michaelense, em alguns concertos, nos quaes o coadjuvou, bem como Mme. Cazella e os Srs. Madureira e Rangel; e tambem para fazer parte da orchestra, como primeiro violino concertino, auxiliando assim o projecto, que então já Cazella havia formado, de, seguidamente, pôr em scena uma opera lyrica, composta por Madame Cazella.

Este nucleo de artistas de alto merecimento, que a fortuna fez juntar na ilha de São Miguel, trouxe ao meio intellectual e artistico de Ponta Delgada uma quadra de grande goso, que por largos annos povoou de saudosas reminiscencias os cavacos dos nossos maiores.

Passamos a transcrever ao acaso um dos programmas dos concertos realisados então:

Programma do 4.º Concerto de Mr. Cazella

29 de Janeiro de 1852

1.ª PARTE

N.º 1.º – Primeira parte do grande tercetto para piano, rabeca e violoncello, composto por

J. Mayseder

e executado por

Mme. Cazella e o **Snr. Ribas**

N.º 2.º—Cavatina da op. «Niobe» cantada por

Mme. Cazella

e acompanhada ao piano pelo

Snr. Rangel

N.º 3.º—Elegia para violoncello composta e executada por

Mr. Cazella

acompanhado ao piano por

Mme. Cazella

N.º 4.º—Fantasia de flauta pelo

Snr. Madureira

Sr. Alexandre Madureira Cyrno insigne flautista

2.ª PARTE

N.º 5.º--Segunda parte do tercetto de

Mayseder

N.º 6.º—Cavatina da opera ATTILA cantada por

Mme. Cazella

e acompanhada ao piano pelo

Snr. Rangel

N.º 7.º—Nona aria variada e grande Polaca composição de

Mr. Beriot

executada pelo

Snr. Ribas

N.º 8.º—Grande quartetto da Opera Guilherme Tell, *executado por*

Mr. e Mme. Cazella

e pelos

Snrs. Madureira e Ribas

O acolhimento amistoso que entre a melhor sociedade encontraram os artistas, que tão distinctamente se exhibiam, o bom exito dos concertos e ainda o desejo, talvez, d'uma mais longa permanencia aqui, suggeriu-lhes a idéa de fazerem cantar uma opera lyrica, composição de Madame Cazella, utilisando para tal fim todos os elementos locaes; o que sob a proficiente direcção de Cazella se levou a effeito por uma forma verdadeiramente notavel.

Em 27 de março de 1852, publicava "O Correio Michaelense» no seu numero 287, a seguinte carta:

"Snr. Redactor. Permitta-me V... que me aproveite do seu Periodico para expor francamente algumas reflexões sobre a opera «Haydé», composta por Mme. Cazella, que tenciona dar no proximo abril.

O pensamento de apresentar uma opera em São Miguel, onde jamais houve um theatro lyrico, onde as difficuldades para uma empresa d'este genero demandavam paciencia e esforço bem difficeis de vencer, concebi-o, tentei-o e tenho-o realisado, mais pelo amor da arte, pelo desejo de offerecer a esta bella ilha um espectaculo similhante, e que lhe ha de ser, senão agradavel, novo pelo menos, mais por tudo que levo dito, que por qualquer outra condição.

Empresas d'estas, são em toda a parte garantidas pelo auxilio dos proprios governos, abonadas por vantagens que lhes asseguram exito.

Desamparado de qualquer d'estes esteios, tem sido este meu empenho

Corro com todos os riscos, sem mesmo d'elles cogitar. Portanto, desejava e bem persuadido estou de que assim sem exigencias

o todo sem reparos, que a indulgencia desculpará se se carecesse de indulgencia, quando se emprega toda a bôa vontade.

Para a sua completa execução muito concorre a valiosa coadjuvação dos verdadeiros amadores de arte musical, tanto d'esta cidade como das villas da Lagôa e Ribeira Grande, que tão obsequiosamente se incumbiram de levar a effeito cada um a parte que se lhe offereceu a desempenhar, annuindo ao meu pedido. A todos estes cavalheiros é illimitado o meu reconhecimento, todas as expressões que empregasse aqui para lhes agradecer, seriam insufficientes.

E' com effeito devida a um complexo de circumstancias, esta estreia em São Miguel; o publico de São Miguel fará justiça, sem que seja necessario prevenil o, sem que se torne preciso indicar-lhe o quanto, para o progresso artistico contribue este facto.

Nascido aqui este pensamento, não morrerá por certo, á mingua de ser avaliado.

Tenho a honra de me subscrever, com toda a consideração de V... att.º venr. (ass.) Cesar Augusto de Cazella—S. C., 14 de março de 1852».

Vencidas as difficuldades, que a um emprehendimento d'esta natureza surgem inevitaveis, consegue-se finalmente em 10 de maio de 1852 pôr em scena a opera «Haydé» composta, sobre um poema de Luiz Filippe Leite, inspirado no conhecido romance de Alexandre Dumas "O Conde de Monte Christo».

Snr. Antonio Francisco de Miranda—Caricatura original do notavel historiador Dr. Ernesto do Canto

O desempenho da opera foi entregue a Madame Cazella e Snrs. Guilherme Pereira Rangel, Antonio Francisco de Miranda e Herculano Machado.

Compunham os córos e a orchestra os melhores professores e amadores, tanto de Ponta Delgada como das villas da Lagôa e Ribeira Grande, que obsequiosamente se prestaram a collaborar com Cazella na realisação do seu arrojado intento.

PROGRAMMA DA 1.ª RECITA

DA

TRAGEDIA LYRICA

HAYDÉ

1.º—Conde de Morcelf—general francez.....	*Snr. Rangel (baytono)*
2.º—Conde de Monte-Christo.....	*Snr. Miranda (tenor)*
3.º—Haydé, filha do Pachá de Janina.....	*Mme. Cazella (soprano)*
4.º—Alí negro, mudo.....	*Snr. Herculano Machado*

Um mensageira da Camara dos Pares, familiares, e servos de Morcelf, Vinte Coristas
Regente da Orchestra Mr. Cazella

O grande successo que produziu a primeira audição d'esta composição lyrica, já pela novidade do espectaculo, já pelas bellezas de composição e não menos pelo perfeito desempenho que ella teve por parte dos artistas e amadores, que a interpretaram, traduz-se claramente nos artigos que os jornaes da epocha publicaram (Correio Michaelense n.º 287 de 7-3-1852 e n.º 294-15-5-1852, Ilha, n.º 8 de 14-5-1852) e que, com bastante pesar deixamos de transcrever, pelo seu tamanho, não só para dar um conhecimento perfeito d'este facto que vimos referindo, como tambem para que se conheça hoje. como a sociedade d'aquelle tempo se interessava, com verdadeiro conhecimento de causa, pelos assumptos d'arte!

Dr. Snr. João J. da Silva Loureiro

Rev.º P.e Francisco Horta

Ouvi, muita vez, attribuir a paternidade da critica á opera de Mme. Cazella aos doutores André Antonio Avelino e João José da Silva Loureiro, bastante versados em assumptos musicaes, muito especialmente o Dr. Loureiro, figura assignalada na roda do seu tempo, e a quem se deveu então a iniciativa de bellas festas musicaes, especialmente as que organisava na casa da sua residencia.

Ahi se exhibiram suas exm.as filhas, D. Ermelinda e D. Guilhermina; exm.a snr.a D. Maria Emilia Borges de Medeiros; o padre Francisco Horta, Vicente Cymbron, Antonio Miranda, Madureira, Francisco e Joaquim Barboza e muitos outros que assaz marcaram a geração do seu tempo.

— —

A 8 de julho de 1852 representou-se pela 5.a e ultima vez a opera «Haydé», para nós memoravel por ter sido a 1.a exhibição em Ponta Delgada de um espectaculo d'esta natureza e a primeira vez, tambem, que uma senhora em todo o mundo artistico, adquiria as honras de compositora, subscrevendo um trabalho musical do valor d'aquelle que o publico michaelense acabava de consagrar com os seus applausos e apreciações.

Comd.or Sr. Francisco Peixoto da Silveira

Aqui termina a primeira étape das jornadas theatraes que Cazella havia de fazer a esta afortunada terra, que tanto applaudiu o seu talento e a sua verve de cavaqueador *hors ligne*...

Cazella não só divertiu o publico michaelense com o seu violoncello e com as suas operas; divertiu-o tambem com o encanto da sua individualidade folgazã.

Nas atribulações financeiras da ultima empresa lyrica que dirigiu (1878) aconselhavam-lhe os intimos deixar a vida incerta de concertista decadente, e empresario nomada, por um logar certo e bem remunerado em qualquer das grandes orchestras das capitaes, a que ainda a sua aptidão lhe dava direito.

—*Nunca! exclamava iracundo, cavallo d'omnibus! Nunca.*—

Em 1882 vivia então Cazella em Lisbôa, já velho e vencido, professor d'El-rei D. Luiz e fazendo parte da orchestra do Real Theatro de São Carlos. Por esse tempo, Francisco Peixoto da Silveira, cujos primores de educação, alliados aos dotes de um temperamento artistico, Cazella admirava religiosamente, foi encontral-o uma noite na sua cadeira d'orchestra... Então Cazella n'uma sentida explusão de magua grita-lhe:—*Eh, Peixoto! Moi Cheval de Course... me voici cheval d'Omnibus!!*

Anno de 1853-1854

—E' ainda a «Companhia de declamação» que então trabalha, realisando n'esta temporada 38 espectaculos, o 1.º dos quaes foi em 8 d'outubro de 1853 e o ultimo em 19 de maio do anno seguinte, interpretando os dramas: «O cigano», «Margarida de Queluz», "Madona», "A nova Castro» (tragedia), «Raphael», «O pagem d'Aljubarrota», "A pobre das ruinas», «O Alfageme de Santarem», «O ultimo dia de Veneza», «O tyranno de Padua», "O homem da mascara negra», «Maria Tudor, Rainha d'Inglaterra».

Terminados estes espectaculos volta a companhia a dár récitas nas villas da Lagôa, Villa Franca e Ribeira Grande.

Anno de 1854-1855

—A inauguração dos espectaculos n'esta epocha foi feita por mr. Leonardi director d'uma companhia de macacos africanos e brazileiros, a qual se apresentou pela primeira vez e ultima ao publico na noite de 26 d'outubro.

Transcrevemos, em seguida, a ordem dos trabalhos feitos por aquelles animaes, conforme o competente annuncio do director:

> Primeiro haverá differentes macacos sentados á mesa, comendo e bebendo, tendo seu cosinheiro ás ordens, e servindo á mesa, tão prompto como se fosse animal racional; 2.º haverá um cão chamado *Lucero*, o qual *puchará* uma carruagem com differentes macacos dentro, levando o seu competente boleiro e lacaio, e irão passeando sobre a caixa do theatro; 3.º haverá um pequeno macaco chamado *Capuchio*, que trabalhará sobre uma mesinha e fará differentes brincadeiras a saber: elle só tem uma libra de peso, combaterá a duello com seu dono a espada e fica sempre em vista do seu inimigo, não o temendo; tambem finge ser um escrevente, terá oculos, papel e penna na mão e fingirá que escreve tudo por ordem de seu patrão; 4.º haverá um outro macaco, que tambem executará na mesma pequena mesa o exercicio de fogo, atirará tiros como um militar, tambem tocará viola e fará differentes brincadeiras; 5.º haverá um outro macaco que se ha-de apresentar com um cão, o cão feito cavallo e o macaco cavalleiro, vem sobre a caixa com uma espada na mão, e antes de sahir da dita dá um tiro de espingarda; 6.º haverá outro macaco, que atirará um tiro de pistola a outro, depois vira o portador dos defunctos e o coveiro com uma lanterna accesa para levarem o defuncto á sepultura na carroça; 7.º apresentar-se-ha o macaco africano dançando sobre a corda com o seu competente balancim, assim como tambem na corda bamba como se fosse uma pessoa; 8.º apresentar-se-ha tambem o muito divertido macaco africano, que volteja na corda; 9.º finalisará o espectaculo com os dois artilheiros, um puchará uma peça d'artilheria, e outro carregará a peça e dará fogo. Haverá a competente orchestra dirigida por mr. Arrigotti a qual tocará variadas peças modernas.

Esta especie de divertimento não agradou; o publico achou impropria a exhibição d'estes animaes n'um theatro, e significou a sua opinião por meio d'uma pateada, pondo assim termo a semelhante espectaculo.

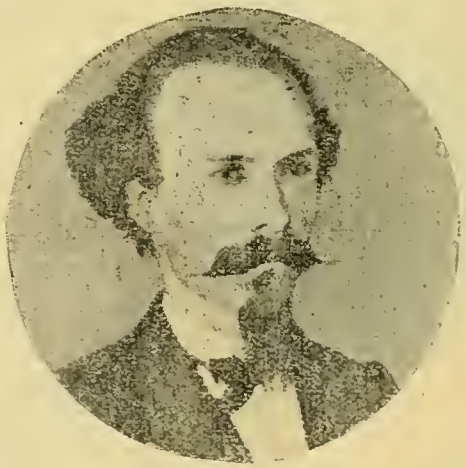
Os artistas dramaticos, que representaram na epoca anterior, novamente reunidos sob a direcção do actor Francisco José da Costa, começam os seus espectaculos no dia 28 de janeiro de 1855, com o drama *Luiza de Signerolles* e a comedia *Desafio impossivel*, e realisaram mais 14 récitas com os dramas *A nodôa de sangue, O Preboste de Pariz, O judeu, Adiana Barba-roxa, O aldeão perverlido, ou 15 annos de Pariz, A innocencia opprimida e triumphante, Zulmira* e as comedias, *As luvas amarellas. A doente namorada, Apanhei os cinco contos, Falar verdade a mentir* e *Remedio para curar desejos.*

Em 14 de maio, dando o drama *Zulmira* e a comedia *Por causa d'um algarismo*, terminam os espectaculos da epoca de 1854-1855.

D'esta temporada referiremos, em especial, a noticia d'um espectaculo realisado em 5 de maio de 1855, em beneficio das escolas nocturnas sustentadas pela *Sociedade dos amigos de lettras e artes em S. Miguel*, pelo dever de registar aqui, não só um ligeiro esboço d'esta associação, mas tambem marcar a data em que pela primeira vez apparece em publico o distincto violinista amador Francisco Barboza Furtado Jr., cuja personalidade artistica d'uma organisação privilegiada, foi enlevo de quantos o admiraram; raro *virtuose* n'este meio, que distinctamentu abrilhantou com as fulgurações do seu talento!

A Sociedade dos amigos das lettras e artes em S. Miguel, que sob um largo plano d'espansão educadora, foi aqui fundada em 9 de setembro de 1848, por Antonio Feliciano de Castilho, teve um curto periodo de florescencia, porque, como diz um escriptor do tempo, a politica lhe inocula nas veias *o veneno, que espalha abundantemente em intrigas, em malquerenças e em odios.*

A maneira de ser profundamente romantica dos intellectuaes d'então imprimia a todas as suas obras esse *quid*, que muitas vezes transparece d'uma ingenuidade flagrante; assim a «Sociedade dos Amigos das lettras e artes», cujos beneficios praticos se traduziam na vulgarisação do Methodo Portuguez Castilho, aqui inventado e provado, e na realisação de exposições artisticas e industriaes, tinha comtudo um largo plano d'existencia: — «Constituir um conselho d'artes e officios para lançar no campo artistico e mechanico as recommendações, melhoramentos e descobertas abundantes nas publicações mais cultas; reunir na sua galeria de quadros os retratos dos artistas, que por obras levadas ás exposições, que promovia, se tornassem distinctos; proceder a uma inscripção estatistica de todos os cultores das lettras, artes e officios;—instituir um banco industrial, um monte-pio de litteratos e artistas e uma caixa economica; — crear uma bibliotheca uma galeria d'estampas e um gabinete de numismatica e estabelecer finalmente um museu de historia natural.» Era ou não romantismo ingenuo este largo traço d'uma existencia, que a pequenez do meio faria certamente morrer d'inanição?



Morgado Sr. Francisco Barboza Furtado Jr.

Comtudo a sua obra de propaganda contra o analphabetismo foi intensa, mantendo por muito tempo escolas para adultos e creanças em Rasto de Cão, Ribeira Chã, Ribeira das Tainhas, Nordeste, Achada, Achadinha, Fenaes d'Ajuda, Lomba da Maia, Porta Formoso, Ribeirinha, Santo Antonio, Varzea e Candelaria.

Nos ultimos tempos da sua existencia arrastada, por 1865. apenas mantinha uma escola em Ponta Delgada frequentada por 110 alumnos e outra na villa da Lagoa tambem frequentada po 107 alumnos.

Constituiam a *Soeiedade dos Amigos de lettras e artes de S. Miguel*, socio hos ,

norarios, entre os quaes se encontravam o seu fundador Antonio Feliciano de Castilho e o padre Joaquim Silvestre Serrão; socios de merito, Luiz José de Vasconcellos, Morgado Francisco Barboza Furtado, banda marcial «Estimulo»; e socios contribuintes, cuja quota mensal era de 120 reis.

Antes de terminar o breve schema do que foi esta util sociedade impõe-se-nos o dever de referir um dos seus maiores cooperadores—Francisco de Bettencourt—para quem foi cunhada uma medalha d'ouro, padrão dos seus altos serviços á instrucção michaelense.

Anno de 1855-1856

—Em Março de 1855 abriu-se pela primeira vez, n'esta epocha, o theatro a fim de ter logar o primeiro de trez espectaculos, effectuados por um grupo de curiosos, em beneficio do Azilo de Infancia Desvalida de Ponta Delgada.

Programma do 1.º espectaculo realisado em 8 de março de 1855

O drama em 5 actos e 6 quadros, *Fé, Esperança e Caridade*, traduzido do francez pelo Dr. Jacintho de Teves Adam.

O bandido, poesia de Palmeirim, recitada a caracter pelo Dr. J. de Teves Adam.

A Caridade, poesia de Guilherme Read Cabral, recitada pelo Dr. J. de Teves Adam.

Programma do 2.º espectaculo que se deu em 29 de março de 1856

O drama *Fé, Esperança e Caridade*.

O Tasso no hospital dos doudos, poesia de A. X. Cordeiro recitada a caracter pelo Dr. J. de Teves Adam.

O bandido, poesia de Palmeirim recitada a caracter pelo Dr J. de Teves Adam.

Duetto de flauta e piano da Op.ª *Niobe*, executado por Alexandre Madureira e Fuschini.

Programma do 3.º espectaculo effectuado em 19 de abril de 1856

O drama *Fé, Esperança e Caridade*.

O Escravo, poesia de Soares de Passos recitada a caracter pelo Dr. Teves Adam.

A vivandeira, poesia de Palmeirim, cantada pela amadora michaelense Maria Amelia, com córos.

Um noivado em Friellos, farça n'um acto.

O desempenho tanto do drama *Fé, Esperança e Caridade*, como da farça *Um noivado em Friellos* foi entregue aos Srs. Dr. Teves Adam, Antonio Luiz Duarte, Pedro Paulo dos Santos, Nectario Polycarpo da Silveira, Antonio Monteiro da Silva, Emygdio Jacintho Tavares, Luiz Teixeira, Jeronymo José Corrêa, José de Moraes Pereira, Aristides Brandão de Castro e Joaquim José Botelho. Os papeis de damas foram desempenhados pelas curiosas michaelenses Maria Amelia, Tapia e Salviana.

A imprensa da epocha tece os maiores elogios ao desempenho dos curiosos que foi além de toda a espectativa.

Apreciando a primeira d'estas récitas, escreve o chronista do semanario «O Correio Michaelense», no n.º 494 de 15 de março de 1856:

. . . . . .

«O abandono em que de longa data se achava o theatro, necessitava bastantes despesas e trabalhos, que mais se avultariam se não fosse a dedicação louvavel e nunca interrompida dos Snrs. Antonio Luiz Duarte, Emygdio Tavares e Pe-

dro Paulo dos Santos, que fizeram com suas proprias mãos as pinturas, auxiliados grandemente pelos srs. Luiz Teixeira de Medeiros, Antonio Jacintho da Camara e Jeronymo J. Corrêa. A vista do bosque foi feita pelo snr. Moraes Pereira. Tomaram parte activa no adorno da sala os snrs. tenente-coronel Brito e capitão Costa».

Caridade

Ei-la a sorrir-nos fagueira
Das virtudes doce Mãe!
Traja as côres da innocencia
Brancas côres da cecem!
Sê bem vinda flor formosa
Meiga e casta como a rosa,
Como a pérola mimosa,
Qual pérola de Baharem!

Caridade, és a centêlha
Do sacro fogo d'amôr,
Que brotaste entre os espinhos
Da corôa do Senhor!
E's essa auréola de gloria
Que circumda sua memoria.
E serás sempre a victoria
Sobre a angustia e sobre a dôr!

Que seria da orfãzinha
Coitadinha, só, sem Pae?!
Quem á triste enxugaria
A lagrima que lhe cae?!
Ella! a meiga caridade,
Flor despida de vaidade,
Que lhe mitiga a saudade,
Com carinhos d'uma Mãe!

Ella é que lhe muda em galas
Andrajos de negro dó!
E no meio de suas penas,
Consola-la, ella só!
E' sempre ella que a desvia
Do abysmo em que cahiria,
E aonde se perderia
Sepultando-se no pó!

Vede um Asylo d'Infancia
Que de prompto ahi se ergueu!
Nos braços da caridade
E' que esse asylo nasceu!
Ella riu-lhe protectora,
Ri-lhe sempre... ri-lhe agora;
E diz á orfã que chora
Ri tambem!... teu mal morreu.

Nascida da Virgem, salve!
Brotando da cruz em flôr!
Virtude solta na terra
Dos labios do Redemptor!
Solta na hora d'agonia,
Quando elle da cruz dizia
Do Povo que o escarnecia,
Perdoae-lhe em fim, Senhor!

Que exemplo de caridade
Não offerece esse perdão
Envolto no sacrificio
Mysterioso da paixão!
Pelos impios açoutado,
A vil morte condemnado,
Jesus o crucificado,
Não conhece a maldição!

E a Virgem ahi estava
Abraçada com a cruz,
Vê morrer a luz do mundo
E tambem a lua luz!
Voz maldita então echôa
Dum Povo que a amaldiçôa;
E ella, essa voz perdôa
Que assim fizera Jesus!

Salve! virtude dos Anjos!
Salve! virtude sem par!
E's p'ra alma o doce orvalho
Que a planta vem refrescar!
E's o Anjo da pobreza,
Timbre illustre da nobreza,
A gloria que a Realeza,
Com mais gloria, hade ostentar!

Anjo é a mulher que passa
Os umbraes do infeliz!
Com sua alma a caridade
E' missão que bem condiz!
Repartindo com o pobre,
Ella sobe e faz-se nobre,
De bençãos o Ceu a cobre,
O mundo inteiro a bemdiz!

São tres gemeas abraçadas,
Caridade, esp'rança, e fé!
Juntou-as n'uma trindade
O filho de Nazareth!
Todos tres da cruz nascidas,
Poderão ser combatidas,
Mas sempre as vereis erguidas,
Triumphantes, e de pé!

Salve! virtude dos Anjos!
Salve! filha do Senhor!
Que fôra sem ti o mundo,
Que fôra sem teu amôr!
E's a fonte, és a palmeira
D'Arabia inhospitaleira,
Quando a esp'rança derradeira
Se extinguira com a dôr.

R. C.

Em 7 de maio de 1856 teve logar um serão musico-poetico-dramatico, realisado por amadores em beneficio das escolas nocturnas e gratuitas sustentadas pela *Sociedade dos amigos das lettras e artes em S. Miguel.*

Eis o programma executado:

1.º *Hymno do Trabalho* cantado em côro, a caracter com acompanhamento d'orchestra, letra d'Antonio F. de Castilho, musica de João Luiz de Moraes Pereira.

2.º Scena Comica desempenhada pelo Sr. Pedro Paulo dos Santos.

3.º *O argelino* poesia recitada a caracter pelo Sr. Dr. Teves Adam.

4.º *O escravo* poesia recitada a caracter pelo Sr. J. Maria do Canto Severino.

5.º *Luiz de Camões* poesia recitada pelo Sr. Antonio Luiz Duarte.

6.º *O Tasso no hospital dos doudos* poesía recitada a caracter pelo Sr. Dr. Teves Adam.

7.º *Um noivado em Friellos*, farça.

8.º Duetto de tenor e baixo cantado pelos Srs. Antonio F. de Miranda e Vicente Cymbron, acompanhamento de piano pelo Sr. Guilherme P. Rangel.

9.º Solo de Piano com acompanhamento d'orchestra pelo Sr. Emygdio J. Tavares.

10.º Duetto de flauta e piano executado pelo Sr. Madureira e Rangel

11.º Trio de rebeca, flauta e piano sobre motivo da Opera *Elixir d'Amor* executado pelos Srs. Francisco Barboza Furtado Jr., Alexandre Madureira e Guilherme P. Rangel.

Hymno do Trabalho

Canto escolar

No regaço do luxo, a opulencia
Os cançaços do ocio mal diz;
Entre as lidas, sorri a indigencia;
Co'o pão negro se julga feliz.

Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho
E' riqueza, é virtude, é vigor,
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades, amor.

Deus, impondo ao peccado a fadiga,
Té na pena sorriu paternal;
O que vence a preguiça inimiga,
Reconquista o Eden terreal.

Trabalhae, meus irmãos, etc.

Quem dá graças aos ceus ao sol posto?
Quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
E' o obreiro: O suor lhe enche o rosto;
Mas seus dias não turva o pezar.

Trabalhae, meus irmãos, etc.

O que vive na inercia aborrida,
Não sómente é d'irmãos roubadores;
E' suicida e mais vil que o suicida;
E' suicida a quem falta o valor.

Trabalhae, meus irmãos, etc.

Caia opprobrio no vil ocioso,
Que desherda o presente, e o porvir!
Só á noite compete o repouso;
Só aos mortos o eterno dormir.

Trabalhae, etc.

Mar e terra, ar e ceu, tudo lida;
Deus a todos poz luz e deu mãos:
Lei suprema o trabalho é a vida;
Trabalhar, trabalhar, meus irmãos!

Trabalhae, etc.

Cosmorama

Em junho de 1856 chega a esta cidade, vindo de Pariz, mr. Medici representante da casa de Trugis Basset Bulat et Cie., o qual mostrava ao publico, na rua do Garcia n.º 12, um grande Cosmorama, reproduzindo episodios da Guerra do Oriente, por mar e por terra, e trechos das principaes cidades do globo. De duas em duas noites exhibia 8 vistas differentes.

Reproduzimos a seguir a relação das vistas que foram annunciadas para a noite de 28 de junho de 1856: A cidade de Sebastopol, bombardeamento de Sebastopol, cerco de Sebastopol, ataque de Sebastopol, principaes passagens da Guerra do Oriente, Praça do Louvre em Pariz, cidade de Constantinopla, vista do Theatro francez em Genova e vista de Lisbôa.

O preço das entradas para este espectaculo, de alta novidade na epocha, era de 240 reis para os adultos e 120 réis para as crianças.

Anno de 1856-1857

— Em 18 de dezembro de 1856 chegou a esta cidade, vinda de Lisbôa no patacho «Mathilde e Adelaide», uma pequena troupe de artistas dramaticos sob a direcção do actor Manuel Antonio Pinheiro, intitulada «Companhia Lisbonense». O seu pessoal era o seguinte: actores Candido José de Carvalho, Vicente Coutinho da Silva Velloso, Antonio d'Assis Osternold, Antonio Porfirio Martins, Henrique José da Silva, e as actrizes Francisca Candida dos Santos e Maria Izabel Lima.

D'entre estes artistas havia um já conhecido do publico michaelense: o actor Antonio Porfirio Martins, que fizera parte da Companhia dramatica dirigida pelo actor Francisco José da Costa, que aqui debutára em 1 de maio de 1852.

A' companhia Lisbonense coube pois a inauguração dos espectaculos do anno theatral de 1856-1857 e com a récita de 27 de dezembro, em que exhibe o programma seguinte: «O bahu do Sr. Pachorra», comedia ornada de musica, «O beberrão» comedia, uma poesia, «A peça nova» scena comica, e a comedia ornada de musica «Tribulação e Ventura».

O repertorio da troupe Lisbonense era quasi exclusivamente composto de pequenas comedias e scenas comicas, a saber: «Diploma do seguro de vidas», «O maestro e seu gallego», «Os dois seminaristas», «Dois maridos d'uma mulher», «O cabo d'esquadra», «O marido e mulher», «Um coronel no reinado de Luiz XV», «O pagem do regente», «O Carnaval Michaelense», simphonia burlesca composta pelo actor Osternold e executada pela orchestra juntamente com os artistas da Companhia, «As duas rivaes», drama, e as scenas comicas «Um jantar em sua casa», Para a noite de um beneficio «O padre Manuel d'Abalada», «O aboletado», «Menina Maria dos cochichos», «As duas bengalas», etc.

Dr. Sr. Jacintho de Teves Adam

Fazendo o repertorio que acabamos de enumerar se mantem a troupe Lisbonense trabalhando no theatro de S. Sebastião até 20 de julho de 1857;e realisa quinze récitas, não lhe sendo comtudo o juizo critico da imprensa muito lisongeiro, pois apenas refere elogiosas apreciações ao actor Manuel Antonio Pinheiro, alumno do Real conservatorio de Lisboa, o qual foi sempre muito festejado pelo publico

Em 24 de julho d'este anno e a bordo do vapor «Duque do Porto», segue a troupe Lisbonense para a visinha ilha Terceira, onde trabalhou algum tempo.

O grupo de curiosos dramaticos, que na epocha passada (1855-1856) promoveu trez espetaculos em beneficio do Asilo d'Infancia Desvalida, emprehende na presente epocha uma nova série de récitas, que denomina Serões-musico-poetico-dramaticos, no intuito de beneficiar ainda aquella instituição de caridade, coadjuvado na parte musical pelos Srs. João Bernardo Rodrigues, Guilherme Pereira Rangel, Francisco Barbosa Furtado Jr., Joaquim de Bettencourt Barbosa, João Raposo, do logar de Santo Antonio e Antonio d'Amaral, do logar d'Achada.

Em 28 de fevereiro de 1857 tem logar o primeiro dos referidos serões e com o programma seguinte:

AS DUAS RIVAES

Drama em tres actos

A SONAMBULA

Farça em 1 acto

Variações para piano por *Rosellen*
sobre motivos da opera

ICAPULETTI

executadas pelo Sr.

João Bernardo Rodrigues

Duetto da opera

LA STRANIERA

Cantado pelos Sr. *Raposo e Amaral*

com acompanhamento de piano pelo Sr.

Vangel

Duetto de violino e piano sobre motivos da opera

L' AMBASSADRICE

executado pelos Srs.

Francisco Barbosa Furtado Jr.
e João Bernardo Rodrigues

O BANDIDO

Poesia recitada a caracter pelo Sr. Dr.

Teves Adam

Em 14 de março do mesmo anno, um outro serão-musico-poetico-dramatico se realisa, com o programma que passamos a transcrever:

AS DUAS RIVAES

UMA HORA EM DOVAR

Farça n'um acto

O TASSO NO HOSPITAL DOS DOIDOS

Poesia recitada pelo Sr. Dr. *Teves Adam*

Duetto de violino e piano sobre motivos da opera

L' AMBASSADRICE

Executado pelos Srs.

Barbosa Jr. e J. B. Rodrigues

Fantasia para piano sobre motivos da opera

A FAVORITA

Pelo Sr.

João Bernardo Rodrigues

Duetto de violino sobre motivos da opera

O TROVADOR

Pelos Srs.

Francisco Barbosa Jr.
e Joaquim de Bettencourt Barbosa

Ainda um terceiro serão teve logar a 28 de março d'este anno com o drama «As duas rivaes», a farça n'um acto «Um sobe e outro desce», o duetto «A vivandeira e o soldado» cantado pelos Srs. João Raposo e Antonio Amaral, e a valiosa cooperação do notavel pianista Oscar Pfeiffer, que n'este serão executou duas peças de piano.

Prof. Sr. João Bernardo Rodrigues

Os serões musico-poetico-dramaticos merecem uma especial referencia, não só pelo intuito altamente philantropico, que os inspirava como tambem pelo facto de n'elles se terem apresentado pela primeira vez em publico os distinctos professores srs. João Bernardo Rodrigues e Joaquim de Bethencourt Barbosa, ao tempo duas promettedoras esperanças, que a educação e o talento tornaram os notaveis instrumentistas hoje consagrados pelos michaelenses, que fartas vezes lhes tem applaudido as invulgares exhibições do seu merito artistico.

Como se vê do programma acima transcripto, o ultimo dos serões musico-poetico-dramaticos, foi auxiliado pelo festejado pianista Pfeiffer que se achava pela segunda vez em S. Miguel, aonde chegára, por setembro de 1856, vindo de Lisbôa a bordo do patacho «Lima» e a respeito de quem, referindo a sua apparição n'aquella festa, diz «O Correio Michaelense» no seu numero 549 de 4 d'abril de 1857:

> ...Cabe-nos fazer honrosa menção da parte que teve n'este serão o Snr. Pfeifer, não só pelo poderoso auxilio e generoso concurso com que abrilhantou este beneficio, mas porque deu um testemunho de philantropia e de sympathia por esta util e nascente instituição, provando tanto desinteresse que retribuiu com mão larga o camarote que tomara para si e para a sua familia.

*

Um outro grupo d'amadores dramaticos se organisa sob a denominação de «Sociedade dramatica beneficente» com o fim de promover récitas a favor das escolas noturnas e gratuitas sustentadas pela «Sociedade dos Amigos das Lettras e Artes em São Miguel».

Compunham a referida sociedade dramatica os Snrs. Jacintho d'Andrade Albuquerque, Hermano Victorino de Medeiros, José Maria Ramalho, Domingos Julio Joyce, João Candido de Moraes, João Gomes de Mattos Brazil, Antonio Pedro de Moraes, José d'Arruda Leite Botelho e Horacio Velasco Corrêa e Silva.

Para coadjuvar os trabalhos que desejavam emprehender, organisaram estes, amadores duas commissões compostas dos Snrs. Dr. Eusebio Dias Poças Falcão-Amancio Gago da Camara, Jordão Jacome Corrêa, Dr. Christiano d'Aragão Moraes, Dr. André Antonio Avelino, José Ignacio Rebello de Medeiros, Antonio Borges de Souza Medeiros e Canto e João Luiz de Moraes Pereira, que de facto se encarregaram da parte administrativa das récitas que então se realisaram.

Foram dois os espectaculos que a «Sociedade dramatica beneficente» effectuou n'esta epocha; o primeiro d'elles em 1 de julho de 1857 com o drama «O desertor hungaro» e a farça «O secretario e o cosinheiro» e o segundo em 11 do referido mez com o mesmo programma e a exhibição de quadros vivos.

Terminaram os espectaculos d'este anno com uma récita de gala no dia 16 de setembro de 1857, anniversario do nascimento do Sr. D. Pedro V, dada pela Companhia Comica Lisbonense, que havia regressado da ilha Terceira, no dia 3 de setembro a bordo do patacho «Farto».

O programma de tal festa foi o seguinte: «A esperança», elogio dramatico ornado de musica, apparecendo brilhantemente illuminado o retrato de D. Pedro V., «O cigano», drama em 4 actos e a comedia ornada de musica «Tribulações e venturas».

Anno de 1857-1858

—A Companhia Lisbonense, agora sob a direcção do actor Francisco Amancio Pereira, annuncia para o dia 31 d'outubro de 1857 o seu primeiro espectaculo d'esta epocha, o qual é transferido, por falta de concorrencia para o primeiro de novembro; mas como lhe succedesse o mesmo n'este ultimo dia indicado, só dá espectaculo a 4 de novembro e auxiliada pela banda «Estimulo».

Prof. Sr. Joaquim de Bettencourt Barbosa

Sob os bons auspicios do debuto, assim vae trabalhando a Companhia Lisbonense até fevereiro de 1858. Deu as seguintes peças: «Lopo de Figueiredo», «O doido», «O crime» ou «20 annos de remorso», dramas; «Um chapeu acucsador», «O doido sem o ser», «A porta falsa», comedias; e as scenas comicas «Zé Cosme Borrador» e «Por causa d'um baile».

A Sociedade dramatica-beneficente, que iniciára os seus trabalhos scenicos no anno anterior, organisa agora outras 3 récitas, ainda com o fim de colher meios para beneficiar a sustentação das escolas nocturnas, instituidas pela sociedade dos Amigos das Lettras e Artes.

Estes espectaculos tiveram logar respectivamente nos dias 5 de dezembro de 1857, com o drama em 5 actos «O espectro de Fiorleta» e a farça «O perdão d'acto», e em 13 de fevereiro, coadjuvados pelos srs. Pfeiffer e Francisco Barbosa Jr., realisam uma terceira récita com as comedias «A porta falsa» e «O perdão d'acto», variações do «Carnaval de Veneza», executadas pelo sr. Pfeiffer e um duetto sobre motivos da opera «Sonambula» pelos srs. Pfeiffer e Francisco Barbosa Jr.

Em 30 de janeiro de 1858 organisa o Sr. Pfeiffer um concerto coadjuvado pelo sr. Francisco Barbosa Jr., e pela Sociedade dramatica-beneficente em que se cumpre o programma seguinte:

A PORTA FALSA

Fantasia sobre motivos da opera
ELIXIR D'AMOR
de Talberg, pelo Sr. PFEIFFER

Grande marcha triumphal de Lopo Meyer pelo Sr. PFEIFFER

Grande fantasia dramatica sobre motivos da opera
PROPHETA
de Listz, pelo Sr. PFEIFFER

Duetto brilhante sobre motivos da opera
SOMNAMBULA
Pelos Srs.
PFIFFER e FRANCISCO BARBOSA JR.

Outros trez grupos d'amadores dramaticos representam no presente anno theatral.

Em beneficio do Asylo d'Infancia Desvalida tem logar dois espectaculos em março e maio de 1858 com os programmas seguintes:

PRIMEIRA RECITA

A FIDALGA E O JARDINEIRO

Comedia em 1 acto

O CABRITO MONTEZ

Comedia em 8 actos

E a farça

UMA SCENA DOS NOSSOS DIAS

e a SEGUNDA RECITA

Com a representação do

CABRITO MONTEZ

E as comedias

OS PEQUENOS MISERAVEIS

e

MARIQUINHAS A LEITEIRA

Do nucleo d'amadores que desempenharam o programma das récitas acima referidas, não nos foi possivel indagar os nomes.

A Sociedade harmonica artistica de cujo grupo dramatico faziam parte Manuel José da Silva, João do Rego Machado e Jacinto da Costa, representa nos dias 26 e 30 de julho d'este anno o drama em 3 actos "O crime d'um marido" e a farça "O velho perseguido" o primeiro em seu proveito e o ultimo em beneficio do seu ensaiador, o actor Vicente Coutinho da S. Velloso.

Silva Velloso, no dizer pittoresco do nosso notavel pesquisador o Dr. Ernesto do Canto, foi um dos actores que entre nós trabalharam e que por cá "apodreceram. . ." Fixou-se na Villa da Ribeira Grande onde honestamente exerceu os logares de carcereiro e commandante dos bombeiros voluntarios d'aquella villa e lá morreu ha poucos annos, deixando de si boa memoria. Finalmente os officiaes inferiores do batalhão d'Infantaria n.º 5 em 7 de julho de 1858, para beneficiar o actor Porfirio Martins dão uma recita com o drama em 5 actos "O Ghigi" e a farça "Uma para traz".

Mr. Carlos Lustre, director d'uma companhia equestre, que aqui aportára, estreia-se no theatro de S. Sebastião, no dia 15 d'agosto de 1858, com o seguinte programma:

PRIMEIRA PARTE

AS PYRAMIDES OU CARNAVAL DE VENEZA

SEGUNDA PARTE — Quadros vivos

1.º—*Mercador d'escravos*

Quadro oriental

2.º—*Morte d'Abel ou a fuga de Caim*

Quadro movente tirado da Escriptura Sagrada

3.º—*Fé, Esperança e Caridade*

Quadro theologico

4.º—*O triumpho das amazonas*

Quadro tirado da Fabula

5.º—*A morte de Virginia ou o Pae preferindo assassinar sua filha antes do que entregal-a a* Opio

Quadro historico movente

TERCEIRA PARTE

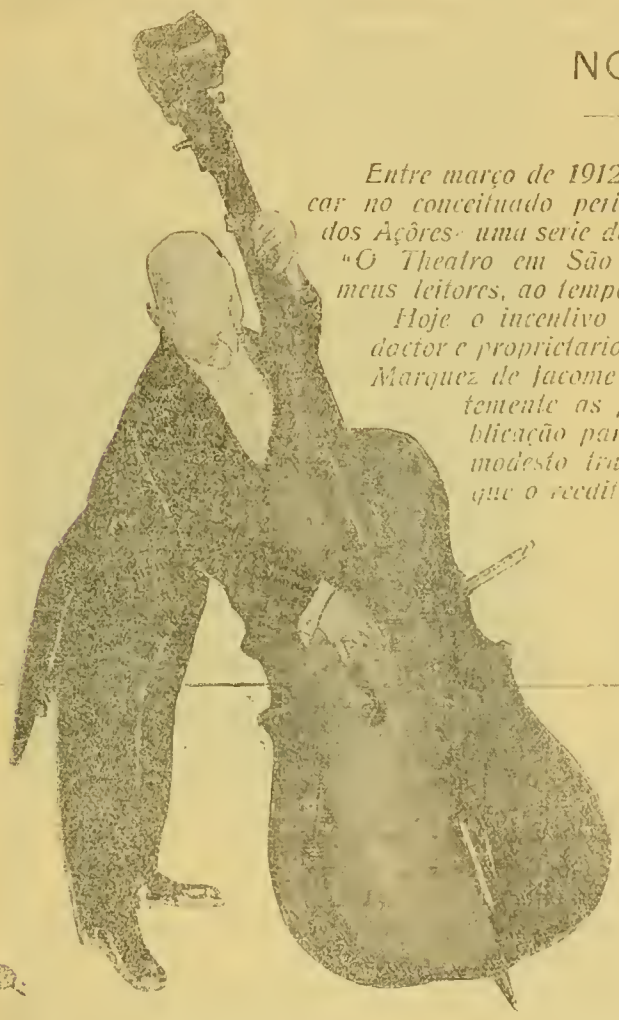
Uma graciosa pantomima intitulada

O pápa moscas de Londres

Mr. Lustre, que em janeiro do anno immediato encontramos já instalado n'um circo proprio denominado «Gymnasio Equestre» no jardim do sr. Visconde da Praia, vae dando espectaculos do genero d'aquelles de que acima transcrevemos o programma, até fins de setembro de 1858 no theatro de S. Sebastião, terminando assim o movimento theatral de Ponta Delgada, no anno de 1857-1858.

1913.

Annibal Bicudo



NOTA

Entre março de 1912 e fevereiro de 1913 fiz publicar no conceituado periodico d'esta cidade o «Diario dos Açôres» uma serie de artigos assim epigraphados — "O Theatro em São Miguel»,— e que a critica dos meus leitores, ao tempo, apreciou lisongeiramente.

Hoje o incentivo captivante do benemerito redactor e proprietario da «Revista Michaelense», Sr. Marquez de Jacome Corrêa, offerecendo-me galantemente as paginas da sua prestigiosa publicação para n'ellas compilar e concluir o modesto trabalho acima referido, faz com que o recalto, mas valorisado é certo, pela collaboração artistica dos insignes e consagrados mestres Duarte Maia, Domingos Rebelo e José Gomes.

Em numeros futuros da erudita «Revista Michaelense», e expressamente para ella, proponho-me concluir tão interessante investigação, agora levada até ao anno de 1858, não só pelo meu esforço proprio mas tambem pela collaboração, posthuma do inolvidavel historiador que foi o Snr. Ernesto do Canto e a do grande espirito já apagado e primoroso artista — Francisco Peixoto da Silveira, a quem tanto prendia o assumpto versado.

Junho de 1920.

A. BICUDO

Folklore do Valle das Furnas

XII

Em uma tarde tranquilla dos fins de junho dirigindo-nos para a Agua Azeda detivemo-nos um pouco acima do miradouro da Avenida Pereira Athaide, d'onde a vista abrange um bello trecho de paisagem limitada ao fundo pela linha nitida e caprichosa dos montes de vertentes abruptas e de vegetação avelludada, guardando em seu valle profundo a lagôa de aguas esverdeadas.

Em cadencia constante de ondulações suaves e de movimentos lentos n'uma successão immensa de contornos esbatidos aproxima-se de nós essa encantadora paisagem, colorida com as mais finas nuances que se desenvolvem desde as transições confusas dos verdes compactos e profundos das arvores frondosas até ás brandas tonalidades dos tenros milharaes ainda por espigar, desde o amarellecido hesitante dos trigaes a sazonarem até ao azul ainda tenro das hortenses novas transbordantes de seiva e de frescura, procurando na sua ancia esthetica, ladear e compor os velhos e tortuosos caminhos com orlas do mais interessante relevo; desde o vivo esmeralda dos pinheiraes afastados até á tita levemente ferruginosa e movediça da ribeira correndo vagarosa á nossa esquerda.

Este quadro illuminado pela luz a fenecer, começando já a ser envolvido pelos tons austeros que antecedem a treva igualadora da noite, valoriza-se extraordinariamente e é então, n'esses momentos, que os aspectos do formoso valle deixam de ser apenas pittorescos para serem assombrosos de belleza e imponentes de grandiosidade, dispondo de um mais intenso poder impressionante.

Massas compactas e escuras dos bosques e das mattas entrecortadas aqui a e alem de pinceladas vacillantes e já um tanto esbatidas das moitas de novellões, seguem quasi a prumo até ao alto contra um fundo atmosphérico de um côr de rosa tenue laivado de ouro fulvo e com manchas ennovelladas de carmim vivo e incendiado; do valle sobe tranquillamente a neblina azulada de fumo do povoado e um pouco mais distante, erguem-se as columnas gigantescas dos vapores sulfurosos das caldeiras, n'um rolamento lento, descrevendo espiraes fantasticos em perpendicularidade magestosa.

A belleza das Furnas, a tradicional, aquella de que fallam os chronistas e os viajantes, existe ainda, a nosso vêr, não nos parques ajardinados e de arruamentos geometricos, mas na paisagem rustica e nos pontos onde ella se apresenta ainda como obra expontanea da natureza, onde apenas a actividade agricola exerceu uma acção superficial, onde as ribeiras seguem o seu curso natural ao sabor dos caprichos da sua propria vontade, onde as urzes e a queiroga vivem ainda em plena liberdade, emancipadas dos arroteamentos e sem grandes receios dos golpes da foice roçadeira, onde o junco brota do solo em impetuosidade bravia e aggressiva aqui e alem como muito bem lhe apraz.

A mais antiga referencia á paisagem furnense encontra-se na chronica quinhentista de Gaspar Fructuoso que, descendo ao valle então deshabitado e inculto, foi atravessando por profundos valles e fresquissimas e frondosas fajãs de alto e sombrio arvoredo de cedros, faias, louros, ginjas, folhados e urzes enroscadas pela hera, animados pelo canto harmonioso da passarada onde se confundiam e figuravam o agudo tiple dos tentilhões, e os claros tenores das toutinegras, o contralto dos brados saudosos dos melros e os contrabaixos dos pombos torquazes não faltando mesmo o suave contraponto dos canarios.

Por fim confessa que ao seguir "por aquelles asperos e solitarios caminhos não pôde deixar de não parar com os ouvidos a ouvil-os e com os olhos a vêr e com o entendimento a considerar aquelles logares sós, acompanhados de tanta saudade que lhe arrebatava o sentido e o foi levantando tão alto com pensamentos considerações de seu Creador que de boa vontade se deixaria alli ficar n'aquelle

ermo, esquecendo-se, se lhe desse logar e o não estorvasse a humana fraqueza invejosa d'aquellas saudosas saudades».

Assim foi sentida por Fructuoso ha perto de quatro seculos a paisagem das Furnas: da mesma forma não a podemos já hoje sentir, porque alem das causas de transformação resultante da exploração agricola do valle que se seguiu, outras vieram ainda determinadas por desejos de falsos embellezamentos destruir o que a natureza exuberantemente offerecia em labor artistico de seculos continuados; verdadeiras maravilhas de côr, de originalidade e de forma vulcanica, ainda ha bem poucos annos foram substituidos por muros de pedra de cal e parapeitos guarnecidos, sem que um protesto se levantasse e sem que um pouco de protecção á paisagem impedisse semelhante erro.

A Ribeira dos Tambores

Encontravamo-nos portanto perto do referido miradouro admirando esse bello anoitecer das Furnas, quando surprehendemos dois homens edosos que, descansando os hombros fatigados de transportar duas molhadas de lenha, conversavam em assumptos agricolas. Prestámos attenção á convsrsa e, entre varias impressões trocadas sobre os terrenos vizinhos, ouvimos um d'elles dizer que a horta de mogangos proxima havia secado porque por sobre ella passara fulana algumas semanas antes de dar á luz.

Achamos extravagante a attribuição d'aquella perda ao estado de gravidez em que se encontrava a mulher e depois de havermos consultado o homemsinho, reconhecemos que existiam bem vivas varias superstições o que nos animou a fazer algumas investigações folkloricas que vamos tornar conhecidas assim como outras respeitantes á cultura material e artistica dos furnenses que ficarão para depois.

O povo da exigua região de que vimos falando, não revela, por certo, interesse particular em face dos grandes problemas versados pela sciencia ethographica mas sim algum dentro do campo restricto da ethnographia portugueza. Estando n'elle representada uma parte da leva de colonos que ao destacarem-se do continente vieram povoar esta Ilha no seculo XV, integra-se completamente sob o ponto de vista ethnographico no logar que o povo portuguez occupa no quadro dos povos peninsulares, formados sob a acção lenta das influencias de successivas raças dominadoras atravez a longa sequencia das epochas historicas, fixando-se e transmitindo-se as caracteristicas dos povos invasores, quer as somáticas classificadas pela antropologia. quer as psicologicas mais ou menos relacionadas com as mesmas origens verificadas no resto da Peninsula, que segundo o Sr. Dr. Theophilo Braga constitue um dos melhores campos de exploração, pela razão de por ella haverem passado os iberos, as colonias egypcias, as phenicias, as cartaginezas e as mouriscas assim como os celtas e os romanos.

Vestigios claros d'essas successivas influencias apparecem por todo o Portugal

Continental, assim como entre nós onde se foram transmittindo essas estratificações do passado, revelando-se ainda tanto na cultura material, como na espiritual do povo na phase actual da sua existencia.

Observando-o assim agora, nós reconhecemos ter elle seguido a sua evolução dentro dos limites marcados já pelo fetichismo primitivo sob a forma das superstições já pela crença religiosa.

Ora entre as causas reconhecidas como de maior importancia no desenvolvimento das superstições estão segundo Bulkle os grandes cataclysmos, que apavoram a humanidade taes como as pestes, a fome, os terramotos, a insalubridade do clima etc, que despertando em sua impetuosidade o terror do desconhecido originam o desenvolvimento do feitio supersticioso nos estadios de uma cultura mental inferior.

A superstição desenvolveu-se sempre que estas causas physicas excitaram a imaginação popular e que a sua sentimentalidade foi abalada pela acção terrorista ou pelo irresistivel poder destruidor do principio máo sobrenatural.

Observando a vida dos furnenses no decorrer dos trez seculos da sua existencia nós verificamos que, se por um lado, seguiu tranquilamente sem callamidades pestiferas nem convulsões guerreiras, deslisando n'um isolamento remansoso sob a benefica acção de um clima doce rodeado por uma paisagem excepcionalmente bella, nascida de um solo que não sendo dos mais ferteis é no emtanto sufficiente para satisfazer as necessidades da vida sem grandes sacrificios, ella foi comtudo um pouco atormentada pela ameaça constante do vulcão activo que vive no subsolo do valle em que se fixou.

Não foi porem, a nosso vêr, a actividade vulcanica da região de molde a excitar extraordinariamente a referida tendencia pois se bem nos recordamos, depois da grande erupção de 1630, logo apoz o estabelecimento do povoado, nenhum outro cataclysmo de vulto se deu, mantendo-se apenas um receio latente mais ou menos alimentado pelos signaes, por assim dizer, normaes da vida vulcanica exteriorisados já nos tremores de terra, ás vezes acompanhados de terremotos, já na evolução das caldeiras de aguas ferventes ora mais vivas, ora amortecidas despparecendo em alguns casos temporariamente e em outros por completo, brotando depois mais alem.

Passadas as emoções fortes com a successão das gerações mais violentamente impressionadas logo se entrava em quasi familiaridade com esse estranho meio physico, embora se mantivesse latente um certo receio e leve temor na alma popular.

Equilibrando porem essa preoccupação, surgia como que um vago sentimento de reconhecimento pelas vantagens que generosa e facilmente offerecia esse solo vulcanico sempre aproveitadas na satisfação das multiplas necessidades da vida domestica, agricola e pastoril na therapeutica rustica e na industria.

Indicado este elemento de constituição psychologica e o grao, a nosso vêr, da sua acção sobre o fundo supersticioso do povo, passemos a indicar, embora sucitamente, como foi mantida e alimentada a crença religiosa.

Segundo rezam os documentos, estabeleceram-se nas Furnas no anno de 1615 trez eremitas que viveram em um quarto da pequena casa mandada edificar juntamente com uma ermidinha da invocação de N.ª S.ª da Consolação, pelo capitão donatario D. Manoel da Camara em 1613.

Depois construiram os referidos eremitas um pequeno convento, sendo-lhes então permittido pelo Bispo D. Agostinho Ribeiro expor o Santissimo terem os Santos Oleos e desobrigar na Quaresma todas as pessoas que andavam no matto com a recommendação de que os exhortassem para que fossem á missa nos dias de preceito. (1)

Em 3 de Setembro de 1630 rompe a pavorosa erupção que alem de destruir a pequena povoção das Furnas,levou pelos ares uma grande parte da serrania que se erguia entre as duas lagoas das quaes sairam immensas chammas, elevando-se

(1)) Senna Freitas)—Uma Viagem ao valle das Furnas em 1840

a grande altura e então os eremitas, derruida a ermida, derrocadas as habitações e mortas cento e noventa e uma pessoas, abandonaram o vale, dirigindo-se para as povoações do norte.

N'esta primeira phase esteve pois a direcção espiritual dos furnenses a cargo dos eremitas, passando depois para os padres da Companhia de Jesus que pelos meados do seculo XVII estabeleceram no valle residencia com seu Oratorio ou pequena ermida de N.ª S.ª da Alegria.

Ao arroteamento das suas terras se dedicarem os jesuitas, applicando-se aos trabalhos agricolas, utilizando as raras propriedades das aguas, e explorando a flora regional por meio de um colmeal que lhes produzia mel e cera de optima qualidade.

Os padres mantiveram-se cerca de um seculo nas Furnas, até que ao serem expulsos em 1760, foi então creado um curato.

Sob a influencia e a direcção dos jesuitas viveu portanto durante longos annos o povo das Furnas.

Indicados os dois agentes que particularmente influiram na vida moral e intellectual d'esse pequeno povoado e que se manifestam sempre, actuando parallelamente, passaremos a salientar o que conseguimos colher acompanhando a vida rustica nos seus tramites.

Os dados que a seguir vamos registar afiguram-se-nos insignificantes em relação aos que se poderiam ter obtido em epochas anteriores, no emtanto tendo sido cuidadosamente seleccionados e submettidos a uma apreciação que só procurou achar o caracter da sua generalidade, despresando tudo que era producto de divagações puramente individuaes, suppomos despertarem certo interesse e possuirem algum valor.

Ahi encontram-se ainda muitas superstições já registadas pelo Sr. Dr. Theophilo Braga na sua obra—O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições e por novos folkloristas, assim como outras de caracter mais regional.

Reminiscencias polytheistas, vestigios de praticas pagãs, restos de cultos sideraes solar e lunar, traços e totemismo e superstições astrolaticas, é o que ainda se descrimina em constante simultaneidade com os preceitos e com a crença religiosos.

Eis o que de uma maneira geral encontramos na feição antiga do povo das Furnas representada hoje pelas pessoas de mais avançada edade, feição que se começou a perder pelos meados do seculo XIX, soffrendo depois, os seus elementos fundamentaes, uma tal desaggregação devido á acção da vida moderna muito intensificada ultimamente pela grande emigração para os Estados Unidos da America do Norte, que presentemente constitue já um exotismo, quasi fora dos moldes da vida da gente moça.

O traço de união entre o passado e o futuro vae-se interrompendo com crescente frequencia e, no caso particular de que tratamos, pode bem dizer-se que se fez quasi substituir pelo sorriso da incredulidade, do ridiculo e do desprezo que affora em geral aos labios a gente nova nascida ou passada pelas grandes cidades americanas quando um homem encanecido lhes fala com saudade e respeito do seu mundo antigo, da sua infancia e dos costumes de seus avós.

———

O principio do bem e do mal, os poderes magico, demologia, qualidades sobrenaturaes de animaes, plantas, astros e aguas, curandices, praticas diversas de caracter mysterioso e enigmatico nas suas relações com o nascimento, casamento e morte eis o que a seguir vamos registar.

Comecemos pelos

ANIMAES

O Gallo—Numerosas reminiscencias de remotos cultos dos animaes encontram-se ainda indicando sempre duas tendencias definidas, uma de sympathia e outra de repulsa determinadas quer pelas caracteristicas e indoles proprias dos animaes quer pelo seu significado de antigas origens sanccionado e mantido depois pelo catholicismo.

Assim apparecem animaes bons e maus, influindo portanto benefica ou perniciosamente nos destinos dos homens.

O gallo possue o dom de afugentar as influencias funestas com o seu cantar, variando essa especial aptidão com a côr das suas pennas.

O gallo *mourisco*, pintalgado de preto e branco, é o que se considera dotado de melhores dons para afastar o demonio ao contrario do que acontece em Lisbôa onde as pennas pretas encerram o maximo poder.

Na bôcca do demonio põe o povo das Furnas o seguinte proloquio quando depois das duas horas da madrugada espera o cantar do gallo.

Cantou o gallo branco
Eu d'elle não me espanto
Cantou o gallo louro
Longe vá o seu agouro.
Cantou o gallo mourisco
D'esse é que m'arrisco.

Em Turquel diz-se

Gallo branco
Não me espanto
Gallo louro
E' agouro
Gallo preto
Não me medo.

Ouvindo o canto do gallo mourisco o demonio some-se apressadamente a caminho do inferno. A côr preta tão intimamente ligada a diversas superstições portuguezas, francezas, allemãs, servias, gregas, indianas etc, mantem nos Furnas o mesmo caracter, não relacionado com outros animaes como o porco por exemplo.

O excremento do porco preto é aconselhado pelas curandeiras como remedio, da mesma forma que em Cabo Verde assim como o *indez* (o primeiro ovo posto pela gallinha) da gallinha preta tem, como depois veremos, certo condão, no entanto relativamente ao gallo não figura a côr preta exclusivamente embora na côr *mourisca* intervenha o preto intermeado de branco.

Um inhamal

O Boi —O boi conserva ainda no seu bafo as virtudes antigas. Por ter a vacca bafejado Jesus ao nascer lhe ficou o dom benéfico de com seu bafo sanear e proteger. Numerosas vezes se referem os chronistas á passagem e permanencia do gado pelas villas e cidades atacadas de peste, para assim se purificarem «as partes infeccionadas.»

A mula —Este animal pelo contrario é perigoso—*máo bicho*—pela razão de logo que Jesus nasceu ter coiceado. A Virgem dizendo então «que pares que não

pares a maldição é tua»—condemnou-a para sempre e d'ahí vem o dizer popular referindo-se a cousa má "isso é a maldição da mula.»

A abelha e a vespa—A abelha e a vespa tiveram o dom da fala e com a Virgem mantiveram dialogos. Quando a Virgem estava prestes a dar á luz o seu bemdito filho pediu á vespa para a acompanhar; esta, porem, respondeu-lhe "tenho meu pão amassado e não posso por isso ir». A Virgem convidou então a abelha que lhe respondeu «que se perca que se não perca o meu pão eu vou acompanhal-a". A Virgem disse por fim "o pão da vespa nunca levedará e por isso ella não dá mel e dirigindo-se á abelha accrescentou: "o teu pão não se perderá e será por todas as flores do mundo levedado, o fermento do teu pão servirá para alumiar o meu bemdito filho (cera) e o mel será utilizado como o melhor de todos os remedios», d'ahi resulta ter sido sempre a abelha considerada um animal quasi sagrado, dotado de um dom protector, signal de bom agouro, indicação de riquezas, de saude, de bôas novas e de felicidade sempre que entra em casa annunciando-se com seu zumbido.

As borboletas e os bezouros: O bezouro amarello que guincha é como em outros pontos do Paiz o demonio; as borboletas variam de significado segundo as suas côres e signaes; assim as brancas são symbolos de tranquillidade, de paz e de ventura, as escuras, acastanhadas, são feiticeiras e devem ser perseguidas porque vem espalhar maleficios e a propria morte, se porem são pretas então o perigo é muito maior, devendo evitar-se que pousem nas pessoas porque, se assim acontecer soffre-se pela certa grande desgraça.

A coruja e o milhafre A coruja é ave funesta muito ligada á bruxaria e por consequencia mal vista e perseguida pelo povo assim como o milhafre pelas suas tendencias para a pilhagem. O milhafre depois de velho toma uma côr ferruginosa da qual lhe vem a denomição geral na Ilha de *queimado*: termo que o povo emprega como synonymo de homem ladino, ardiloso, falso, ladrão e maldito.

Esta ave, quando envelhecida, confunde-se facilmente com o açôr, o que ainda ha pouco tivemos occasião de observar e assim, tomaram provavelmente os primeiros povoadores estas aves por açôres que ficaram dando o nome ao archipelago.

O grillo, o cão, a pomba e o gato. O grillos são as gallinhas de Nosso Senhor e por isso é um grande peccado e motivo de castigo do ceu matal-os ou perseguil-os, os camponezes ensinam as creanças a estimal-os e quando algum se introduz em casa incommodando com o seu estridulo ruido é em geral cuidadosamente apanhado, deitando-se para o quintal. O cão é o symbolo da fidelidade e inspira um sentimento geral de reconhecimento ligado apenas aos bons serviços que presta ao homem e só emquanto os pode prestar,uma vez que logo que envelhece é desprezado e morto quasi sempre barbaramente. A pomba no seu vôo é ave sagrada. Aqui reconhece-se a reminiscencia do que ella sempre significou desde os inicios do christianismo, a innocencia, a alma que emancipada da materia sobe para o ceu. A pomba, como nota Horace Marucchi (I), apparece na primitiva arte christã como o symbolo do Espirito Santo e quando representada entre flôres ou plantas de um jardim ou ainda pousada sobre um vaso ou debicando cachos de uvas, traduz a alegria e a pureza celeste ou a Eucharistia. O gato nunca se mata para se evitarem sete annos de vida afflictiva e tormentosa.

PLANTAS

Os cogumelos.—São o pão do demonio, e ás creanças ensina-se a fugirem d'elles ou então a espezinhal-os para que o demonio de noite, ao ter fome, não possa satisfazel-a voltando mais depressa para o inferno.

A Horta.—As braceiras da horta exercem um poder pernicioso nas mulheres gravidas e estas por sua vez em todas a especies de plantas. O estado de gravidez

(I) Manual de Archeologia Christã.

é sempre mais ou menos acompanhado de devoções, de supplicas e promessas á Virgem. Implora-se uma bôa hora, reza-se pela bôa constituição e pela sorte do nascituro, mas cautelosamente evitam tambem as mulheres pejadas, passar por sobre as *braceiras* porque influem directamente no feto fazendo-o vir ao mundo com defeitos physicos e lesões organicas. A mulher n'este estado faz mirrar e morrer tudo que seja tocado pelos seus pés ou mãos, e está tão influenciada pelos poderes occultos que exteriorisa por signaes no seu corpo o sexo da criança, que está gerando; assim, se apresenta o rosto escurecido ou manchas pela pelle é certo ser macho. Se alguem lhe diz que tem uma mão suja, mostrando a palma da mão a creança é do sexo feminino, mas se mostra as costas é do masculino.

O alecrim e o alho.—Estas duas plantas representam um papel muito importante na medicina popular e na bruxaria. A mulher gravida embora seja devota fervorosa de N.ª S.ª da Apparecida, pode ser victima de quebranto ou olho máo; n'este caso, consulta a curandeira que a benze e receita um defumadouro de folhas de alho, calabre alcatroado e alecrim, acompanhando a operaçao dos seguintes dizeres:

"Larga, larga galalão
«Que esse corpo não é teu.
«Larga, larga galalão
"Vae lá p'ra quem to deu.

O alho e o alecrim afugentam as entidades demoniacas.

Ao alho se refere a mulher feiticeira que quer sahir de casa durante a noite para seguir o seu fadário sem ser ouvida; depois de collocar um osso de defuncto debaixo do travesseiro de quem dorme para manter essa pessôa n'um somno pesado que se conservará inalteravel sob a influencia do osso como symbolo do somno eterno diz:

Por riba de telhados,
Por baixo de silvados
Vôa casca d'alho a ora
Pela chaminé fóra.

Em alguns pontos do Continente narra-se a fuga da feiticeira da mesma forma, substituindo-se o osso de defuncto pela untura do corpo da feiticeira com oleo negro tirado de um pucaro escondido debaixo de um tijolo e dizendo-se: vóa, vóa por cima de toda a folha.

A par do emprego do alho e do alecrim nos defumadouros contra o quebranto são tambem receitados cosimentos de erva *borragem* com vinagre.

Cereaes—Os dialogos entre os cereais são frequentes; o milho descompoz um dia o trigo que respondeu: és na verdade a abundancia do mundo mas eu sou superior porque só eu entro em casa dos fidalgos e porque por mim é celebrado Christo. O trigo vem directamente da face de Deus pela razão de, quando Adão lhe pediu *ervanço* (cereaes) elle ter ido ao seu santo rosto e d'ahi ter tirado um grão, o sufficiente para encher o mundo.

Com o proprio Deus falou um dia o trigo queixando-se dos tormentos porque, o faziam passar e, lamentando-se de que o lançavam á terra Deus disse:— «cresce» e depois, que o debulhavam sob as patas dos bois e Deus repetiu «cresce» e que o enviavam para o moinho e Deus "cresce" e que o amassavam no alguidar e em seguida o cosiam e Deus «cresce» e finalmente que o ponham n'uma *sertã* para o torrar e Deus então disse «não cresças» sendo esta a razão porque torrado dá pouco.

O trigo representa na fantasia popular o cereal arguto assim; deshonrado pelo centeio que o alcunhou de praganudo respondeu logo: e tu? meu perna vã espigas cedos e tardas no grão.

A origem que lhe é attribuida justifica a sua feição espirituosa.

Sobre o facto de o milho *temporão* dar sempre grão com mais farinha diz o

povo ter elle dito ao milho *serodio* "para onde vaes selvagem?» ao que o serodio respondeu «vou-te apanhar»; o temporão accrescentou «não sabes que sou temporão que se me apanhas no *palhiço* não me apanhas no grão?»

N'estas notas e ainda na decoração das ruas por onde passam as procissões e as coroações do Espirito Santo com ramos, juncos e tapetes de petalas de hortensias e de rosas, encontram-se os signaes do culto das plantas incluidas nas antigas religiões e mythologias.

Os Furnenses apreciam as flores e com ellas ornamentam os altares da sua egreja emmoldurando as imagens da sua devoção.

Se no trigo podemos reconhecer um representante das plantas sagradas pela sua significação eucharistica, na erva cidreira, no hortelã, na macella etc., estão as medicinaes, na rapa lingua, no lirio e na urzella etc., as industrias, e no alho e no alecrim as supersticiosas.

O sol e a lua—O sol é quasi um Deus, a fonte de toda a vida do mundo. O sol precisa estar limpo de sombra para bem crear os animaes e convenientemente vivificar as plantas; assim, os eclipses são signaes temerosos: o sol *crisimo* é máo porque sendo elle a força creadora e indo com mancha põe mancha tambem nos animaes e nas novidades da terra. Este phemomeno causa portanto ainda no povo a mesma impressão supersticiosa reconhecida em muitos selvagens.

Valle das Furnas

A lua exerce uma influencia muito vasta na vida popular; ao virar as pontas mudando de velha psra nova aggrava as feridas, tolda os vinhos perturba tolda a natureza. Muitos dos trabalhos agricolas estão ainda subordinados ás phases da lua e não ha muitos annos que o furnense tirava respeitosamente a carapuça saudando-a tal como fariam os celtiberos.

— Lua nova e velha! quem te fez a ti nova e velha que me tenha a mim em sua conserva.

A lua tem tambem grande acção na gravidez, uma vez que a creança que apanha duas luas no ultimo mez de vida uterina nasce fatalmente antes do tempo normal da gestação.

A' saudação á lua juntava-se outra ao sol alternando-se com trez Avé Marias dedicadas ao Mysterio da Encarnação, terminando com um Gloria Patri ditos pelos camponezes ás trindades da manhã, ao meio dia e ao anoitecer. As verrugas nas mãos apparecem quando se contam as estrellas, e ao vêr-se correr alguma no ceo diz-se Deus te leve ou então apanha-se a primeira cousa que se encontra e guarda-se, pois assim alcança-se a fortuna.

USOS, COSTUMES, MEDICINA, DEMOLOGIA

Alem das notas que deixamos dadas sobre medecina popular outras mais colhêmos respeitantes a doenças physicas e moraes.

A cruz foi sempre um escudo protector contra as influencias ruins. Todos os camponezes faziam o sinal da cruz ao deitarem-se e ao levantarem-se, sem o qual supponham ficar sujeitos a quebrantos durante o dia e a noite.

O signal da cruz acudia sempre que se ouvia uma historia tetrica, ou rogar uma praga ou ao ver-se um ente defeituoso acompanhado da phrase «Credo Santo nome de Jesus». A cruz de cabello no peito de um homem é ainda uma boa defesa e quem se encontra junto d'elle ao apparecer o demonio sob a forma de redemoinho de vento está protegido; porque elle foge logo para longe sumindo-se depois de despedaçar o que encontra. O redemoinho de vento não é aqui o «balborinho» de que fala o sr. dr. Theophilo Braga, as almas perdidas que não poderam entrar no ceo por deverem restituições aos vivos. Ha porem uma certa approximação da phrase usada para afugentar o «balborinho» «Vae-te para quem te comeu as leiras» e a parte final da quadra atraz, registada, pronunciada pela curandeira ao livrar a mulher gravida do olho máo "Vae lá para quem to deu».

A cruz era formada com os dedos indicadores ao ver-se uma ferida ou dependurada ao pescoço dos doentes em perigo de vida.

Os amuletos como rodas de chifre de veado e o sigo Samão protegem as crianças não só das feiticeiras que ás vezes lhe sugam o sangue para mézinhas como de molestias diversas.

A saliva representa ainda um papel importante na medicina e nos agoiros populares tal como em outros pontos no continente, Allemanha, França, Russia, Italia etc.; paizes onde como se sabe se conservam desde a mais remota antiguidade as faculdades especiaes attribuidas á saliva.

Com a saliva se tocam os ferimentos ensinando-se as creanças a humedecer com ella as arranhaduras e quando é de homem que apresenta marcado no ceo da bocca o signo Samão cura então variadissimas enfermidades.

Por meio da saliva crê o povo que se transmittem as doenças dos animaes para os homens. O cuspir no lume é grande peccado porque o lume veiu da bocca de um anjo, não se devendo ofender por ser sagrado e o peccado é tal que muitas vezes, como castigo, surge a asthma e outras molestias pulmonares; a asthma porem pode tambem vir do gato; quando este animal come pão mastigado por uma pessoa communica-lhe a doença.

Finalmente a mulher a quem falta o leite mastigando bem um pedaço de pão e dando-o depois a comer a uma cabra verá que o leite passa das tetas da cabra que fica secca, para o seu peito e ainda nas enxertias, o enxertador antes de inserir o garfo no cavallo passa o corte pela lingua porque a saliva tem o dom de auxiliar a soldadura.

D'entre os males moraes é o *mal de amôres* o que mais interessa.

Os amôres mal correspondidos determinaram sempre o recurso aos curandeiros assim como a St. Antonio, a São João e a São Pedro.

Os filtros de amor e as promessas e os castigos infligidos aos Santos apparecem com frequencia. St. Antonio, como acontece por todo o Continente, foi sempre a grande victima, encontrando-se em seus tormentos o vivo vestigio do sacrificio propiciatorio que tinha por fim tornar favoravel a divindade rebelde.

O santo casamenteiro ficou muita noite ao sereno e levou muito banho e mesmo alguns açoites como punição pela sua negligencia em arranjar noivo para a sua devota.

A São João deitavam-se sortes, e em copos de agua, claras de ovo que tomando formas varias durante a noite milagrosa taes como cruzes, navios, ancoras etc. revelavam o destino e o futuro de quem fazia a experiencia.

A agua d'essa noite é benta, dá bôa sorte e tem effeitos therapeuticos sendo por esta razão cautelosamente guardada durante o anno.

A bôa influencia de S. Pedro manifesta-se por forma diversa; as mulheres procuravam em seus quintaes carvão, na madrugada de S. Pedro e esse carvão, assim achado, transformava-se em optimo talisman de segura defesa contra as cousas ruins e em efficaz panaceia tomado em agua depois de moido. S. Pedro offerece-o ao povo. escolhendo o quintal para o ir deixar, pela razão de ter sido jardineiro.

O lume de S. João é inofensivo e as proprias brazas na sua noite quando tocadas não pelam.

Quando porem os actos e milagrosos poderes dos Santos não eram suficientes para abrir a desejada correspondencia amorosa recorria-se então á feitiçaria. Assim para se saber o nome do rapaz com quem a moça havia de vir a casar recomendavam as curandeiras que a rapariga cosesse o *indez*, o primeiro ovo posto por uma gallinha de pennas pretas e canela amarela, que o descascasse atraz da porta da rua comendo-o em seguida vagarosamente, se enquanto o fizesse passasse um homem pelo caminho lhe perguntasse o nome, pois esse seria o do seu futuro noivo.

Para o caso de o rapaz não se mostrar afeiçoado á moça, isto é, mostrar relutancia em ficar *abarbado* a sua casa, a pratica era então mais dificil e melindrosa; tinha de se lhe dar a comer um bolo composto de farinha de trigo na qual se misturava uma alvéola secca no forno e bem moida; a alvéola *mecheriqueira*, viva como é, transmitia a sua vivacidade e logo o amor nascia no coração do inditerente. Acertava-se então o casamento seguindo-se os tramites que rapidamente vamos indicar.

Preparava-se o enxoval, a noiva tecia em seu tear os linhos, urdia as colchas, bordava as mantas, fazia as rendas e enfeitava os lenços de amôr com que retribuía ao noivo a oferta da roca bordada geralmente por elle proprio ou pelos cabreiros em troca de seis vintens.

Por todos estes objectos espalhavam-se n'uma ingenua intuição estetica os motivos tradicionaes da arte rustica michaelense, os corações floridos e chamejantes, os passaros, os suastikas, os trevos, os fetos, as cruzes, as rosetas quadris e sexifolias, o sino samão etc. entremeados com nomes, iniciaes e frases apaixonadas.

Quando a humilde casa estava mobilada só á custa da noiva, uma vez que o homem só levava consigo o sacho e ao se encontrar a caixa cheia de roupas combinava-se o dia para o casamento; antes porem, se os noivos eram parentes e pobres em vez de comprarem o breve procediam á varredura do adro e da igreja durante quatro sabados; ao rapaz pertencia o adro, a rapariga a igreja, podendo tambem a compra do breve ser substituida por um pedido de perdão a Deus e ao povo em voz alta por irem casar, feito na igreja depois de levantar a Deus e sustendo cirios acesos.

No dia do casamento formava-se o cortejo; depois de os padrinhos irem buscar o noivo a sua casa. O sahimento era de casa da noiva apresentando-se os convidados de jaleca curta de estamenha, calça de linho branco e grandes *canecos* (chapeos altos) de pelo levantado segundo a moda dos começos do seculo XIX.

A' sahida da igreja o povo oferecia aos noivos pratos com milho e trigo, e feijões e frangos e gallinhas ofrendas que iam sendo arrecadadas pelos amigos do noivo em sacos e que davam em geral para a sustentação durante um mez.

Seguia-se a boda em casa da noiva onde eram servidos os melhores piteus da culinaria rustica; cosido com todos os acessorios, gallinhas assadas e guisadas, folares, e argolas de massa sovada, vinho e arroz doce, etc.

O padre assiste á boda e terminada ella vão todos os convidados acompanhar os recemcasados á sua casa.

Voltando á forma de curar as molestias acrescentaremos mais que as feridas empigens, e inflamações diversas precisavam para sararem ser tocadas pela saliva do curandeiro que como deixamos dito tivesse marcado no ceu da boca o sino samão ou então riscado nas raias da mão. Para as pessoas atacadas de quebrantos bastava apenas por o curandeiro uma mão no alto da cabeça do doente e dizer uma reza em voz baixa para o mal logo desaparecer; o povo convencia-se de que o diabo falava com o curandeiro durante a noite á porta da cosinha informando-o do que havia de acontecer e da qualidade das diversas molestias que atacavam uns e outros.

D'entre os curandeiros afamados das Furnas destacou-se um tal Francisco de Paiva Balhão cuja fama de curas extraordinarias ainda perdura, especialmente no tirar os máos espiritos do corpo de seus clientes.

Como deixamos dito a area vulcanica habitada pelo povo das Furnas prestou sempre pela utilização do seu calor, dos seus vapores, das suas aguas, dos seus mineraes, e das suas camadas geologicas auxilio á vida domestica, industrial, agricola e á medicina rustica.

Em buracos abertos no solo de um metro de profundidade podem ser cosinhadas em banho de vapor durante cerca de duas horas as refeições que tomam por este processo de cosedura um gosto muito agradavel.

Em um panno de linho juntam-se gallinhas, carne, batatas, enchidos etc., apertado e amarrado o panno, desce-se o fardo para o fundo do buraco cuja boca se tapa com folhas de feto verdes, ficando de fora a ponta da corda para depois se poder extrahir.

A cosedura do milho, dos inhames, dos ovos, das castanhas, maçãs, etc., e a depennagem das gallinhas na agua fervente das caldeiras é facil e rapidamente executada e a agua quente para banho diario é colhida pelas camponezas das proximidades das caldeiras em talhas de barro de Villa Franca do Campo. Especialmente na caldeira denominada de Pedro Botelho vão ellas tambem fazer as suas barrellas.

Um trecho das Caldeiras

Os cesteiros ahi descascam os vimes e os que soffrem de inflamações cutaneas e da garganta tomam agua Santa, os que padecem dos olhos lavam-nos com agua Prata, os doentes do estomago bebem a do caldeirão juntamente com um ovo e assucar, os rheumaticos banham-se em agua sulfurosa onde diluem *polme* extrahido da bocca da caldeira do mesmo nome, ou fazem fricções com essa lama acinzentada.

Esta curiosa area, pequena em extensão, mas abundantissima em riquezas mineraes accusando phenomenos curiosos taes como quasi junto a uma nascente de elevada temperatura brotarem outras de agua fresquissima, apparece na imaginação popular envolvida sempre n'uma atmosphera de mysterio, passando sobre ella como que um temor latente determinado pelo aspecto infernal das aguas escaldantes que continuamente jorram do chão, pelos ruidos subterraneos denunciadores da existencia proxima do fogo invisivel, mas do qual a tradição ainda fala como tendo surgido do solo em chispas vivissimas na Caldeira Grande pelos fins do seculo XVIII.

Não poderia a acção oppressiva de semelhante meio physico deixar de exercer uma certa influencia nas superstições populares e de, a imaginação rustica, se excitar divagando em fantasias terroristas.

Columnas de fumo denso subindo em caprichosas ennovelladas e em movediças espiraes na atmosphera, aguas brotando fumegantes em estrepitosa violencia, sons cavos e profundos produzidos pelos jactos de vapores sulfuricos e de aguas

lodacentas impellidas atravez os canaes subterraneos, respirações offegantes que em algumas caldeiras lembram as pulsações agitadas de um coração de gigante, manchas ferruginosas, brancas, ou de amarello purissimo; o cheiro acre e penetrante das emanações sulfureas, eis os phenomenos que mais vivamente impressionam fazendo em seu conjuncto nascer em quem pela primeira vez os observa um fundo receio de álli permanecer.

Em volta das caldeiras foi-se creando uma crença animista, uma vida propria lhes foi sendo attribuida com reacções immediatas, visiveis, palpaveis; assim para que ellas se zanguem arremessam-se pedregulhos, ellas enfurecem-se então, jorrando agua fervente com maior impetuosidade e mais violento estrepito. A alma de Pedro Botelho, cuja memoria não é sympathica ao povo, jaz na caldeira que lhe tomou o nome e ainda hoje ao atirar-se a pedra á cratera ouve-se dizer "arrenega Pedro Botelho" fazendo-se assim *reinar* o seu máo espirito que, eternamente perverso, attrahiu uma vez a si um homem que logo morreu.

Era natural que o aspecto tenebroso d'essas crateras levasse o povo supersticioso a consideral-as como habitações de demonios e de phantasmas assombrosos.

Esses entes horrendos sahem a altas horas da noite por aquelles orificios fumegantes, vindos das profundezas da terra todos vestidos de branco, sobem na atmosphéra em grandes magótes, dançando nos ares em côro macabro de ais e de lamentações e desapparecendo logo que os primeiros alvores da aurora clareiam o ceo.

E' esta uma concepção identica á que se nota em alguns pontos do continente por exemplo em Turquel onde os phantasmas, como materializações dos maos espiritos, são vistos sob a forma de figuras humanas de grandes proporções e de de côr sombria, por vezes alvacenta, apparecendo altas horas da noite, movendo-se no espaço e apagando-se ao nascer do dia.

Aos olhos porem dos primeiros povoadores o extranho espectaculo devia, por certo, ter impressionado o fundo supersticioso medieval que lhe era proprio por forma muito mais violenta, já pela novidade e pelo inesperado do seu aspecto, já pelo facto de atravessar a vida vulcanica de então uma phase de maior actividade.

Fructuoso vem-nos confirmar esta supposição em pontos diversos do capitulo que dedicou ao valle das Furnas, cujo nome lhe foi dado por «n'elle existirem as Furnas, assim chamadas, por parecerem boccas do inferno» accrescentando depois "n'estas descidas têm mais felicidade que quando se tornam, os que desceram, a subir por ellas», como diz Virgilio, «facil é a descida para o inferno; mas tornar a subir e escapar para os ares superiores do alto, aqui está o cansaço e o trabalho».

Logo ao começo, ao descobrir-se o valle deve ter surgido a visão infernal ao espirito dos povoadores attrahidos para o local por uma grande lingua de fogo que sobre o ar apparecia sahindo da terra.

Gente vinda da Povoação desceu ao valle acompanhada por um clerigo, segundo narra ainda o chronista, surprehendendo as caldeiras que "estavam mais altas e furiosas que agora (1580 approximadamente) por então estar ainda junta maior materia de fogo e mais fortes vieiros de enxofre que as faziam ferver com a maior furia e mais espantosas».

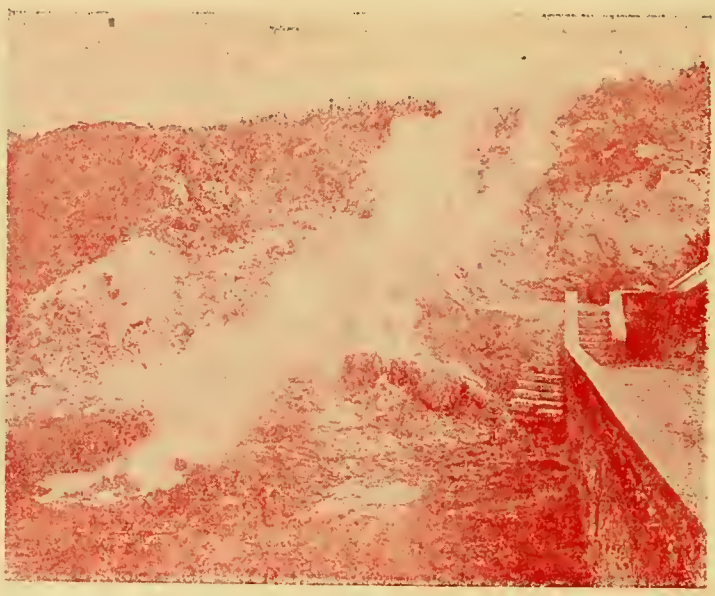
A approximação das caldeiras com o inferno vae-se accentuando sempre na curiosa descripção quinhentista; assim como em vivo relevo vae ficando a impressão de terror causada pelo extranho aspecto da região.

Assim apparecem referencias aos *grandes fumos* e a *temerosos estrondos* que faziam as Furnas; ao tratar de um olho fundo, aberto na terra accrescenta que «fazia terror pelo espesso fumo que d'elle está sahindo», e falando de uma outra caldeira mais funda ainda termina por dizer que «pelo seu continuo movimento e furia com que sahia, matinada que fazia e côr encarvoada que apresentava foi chamada

a furna dos ferreiros por se assemelhar á forja de Vulcano, a mais furiosa, temerosa e espantosa de todas».

Uma dualidade constante de protecção e perseguição exercidas pelo meio physico no povo circumvizinho é o que se nota no decorrer dos seculos, já prodigalizando conforto e bem estar nas curas de terriveis doenças taes como a *flegma*, a *salsa* e a *sarna* reconhecidas já no seculo XVI, no agasalho dos seus terrenos quentes protegendo os gados contra os frios do inverno, na culinaria e no amanho domestico, pois já os pastores d'aquelle seculo nas caldeiras cosiam e pellavam os seus leitões, as cabras e os cabritos; já revelando em exteriorisações assombrosas todo o espirito maligno e traiçoeiro que em certos pontos chegavam como ainda hoje acontece, com seus "fumos e fedores infectos» a matar os passaros, os animaes domesticos e mesmo os homens (acido carbonico) e que se manifestava em abalos scismicos e em rumores subterraneos e no rolamento constante do seu fumo feito de phantasmas.

Estes eram em alguns casos a figuração do proprio demonio que depois se transformava em bode e se escondia no forno de coser o pão teimando em não sahir d'alli o que se reconhecia pela difficuldade de atear o lume ou se coser a comida nas panellas; n'estes casos queimavam-se cascas de alhos tendo-se primeiramente delineado atraz da porta da rua uma cruz, assim, o demonio sahía de casa restabelecendo-se a normalidade nos affazeres da cosinha e remediando-se as desordens e perturbações domesticas por elle provocadas. D'entre os trabalhos da cosinha rustica sobresae a manipulação do pão de milho base da alimentação ainda hoje do camponez. O pão, ás vezes custa, a levedar e então o inconveniente é remediado fazendo-se sobre elle uma cruz com a quina da mão e collocando-se no cruzamento dos seus braços um dente de alho como defesa contra os ares máos. Para que o pão levede diz-se *São Mamede e levede se São Vicente te accrescente.*



Trecho das Caldeiras

Ao ser feito o pão de trigo em dias de festa, a mulher sacode os restos da farinha que ficam na toalha para cima das brazas disendo—*"cresce com a Graça de Deus, cresce por esse mundo»*—isto faz-se e diz-se ao metter o pão no forno ou então *«assim cresças como Deus cresceu pelo mundo»*.

A preoccupação supersticiosa acompanhava a vida em todos os seus transes, o trovão era a voz do demonio, o ruido das caldeiras a chiada do inferno; já os pastores do seculo XVI diziam, segundo Fructuoso, que quando ventava dos quadrantes do sul, leste e nordeste as caldeiras ferviam tão violentamente que parecia n'ellas andarem os demonios "tão feias e furiosas são estas Furnas e tanto horror põem em quem as vê e ouve o grande estrondo e arruido que fazem, trabalhando em continuo movimento que parece uma confusão e semelhança do inferno»...

Dentro pois de uma cultura espiritual puramente medieval viveram os furnen-

ses até ha cerca de setenta annos tendo a sua imaginação povoada por esse immenso cortejo de entidades mysteriosas—os phantasmas e os lubishomens, as feiticeiras e as bruxas, as almas penadas e os entreabertos a que depois nos referiremos como vestigios dos antigos cultos dos mortos; a cada passo surgia o torpeço de um máo agouro, ou o temor de uma superstição, a cada instante sobrevinha uma visão atormentadora ou um signal denunciador de influencias de alem tumulo.

A vida decorria de uma maneira geral como que n'um máo sonho, n'um delirio sem limites, n'uma superexcitação constante, sendo a maior de todas as preoccupações a das feiticeiras.

Pelas ribeiras, pelas grotas, pelas mattas e nas encruzilhadas dos caminhos ellas corriam a altas horas da noite sob a forma de luzinhas azuladas, dando grandes gargalhadas e armando balhos de parceria com os lubishomens em volta do diabo com pés de cabra a quem cumprimentavam beijando o trazeiro.

A crença nos lubishomens considerada pelo Sr. Dr. Teophilo Braga como reminiscencias do culto solar é ainda hoje bastante viva.

O pastor ao encontrar entre as suas rezes um bezerro a mais, pica-o com o aguilhão, fazendo-lhe sangue e logo o animal se transforma em homem; é o caso de havendo sete irmãos e não tendo sido o septimo baptizado pelo mais velho ter ficado lubishomem até que alguem o fira.

D'esse dia em diante não mais se transforma no animal que primeiro encontra ao sahir de noite de casa o que é levado irresistivelmente a fazer.

N'esta versão do lubishomem a sua extranha situação relaciona-se directamente com o baptizado o que representa uma variante d'esta superstição que se encontra em diversos povos como o slavo, o francez e o allemão.

As feiticeiras desempenham sempre missões malfazejas, urdindo constantemente ardis cavilosos.

Um dos nossos interrogados contou-nos que a forma de se conhecer se a mulher que nos entra em casa é feiticeira consiste em virar com a sola para o ar uma das galochas por ella deixadas á porta de entrada; feito isto, a mulher se é feiticeira pede immediatamente perdão dos seus peccados mesmo sem saber da experiencia; depois soubemos que esta pratica é igualmente usada em outros pontos da Ilha: disse-nos mais esse velhote ser caso sabido o de ser victima das feiticeiras a mulher que ao acordar apresenta nodoas negras pelo corpo, ou melhor, ser signal *de que as feiticeiras entraram com ella.*

N'este caso o marido, na noite seguinte, fingindo que dorme, espera a luzinha que introduzindo-se pelo buraco da fechadura do tamanho de uma pataca vem saltando até chegar junto do leito para onde depois sobe, n'este momento, e ao colocar uma meada de linhas junto á boca da mulher que dorme e ouvindo dizer *toma*, responderá imediatamente *toma tu*; as linhas transformam-se subitamente em freio e a luzinha em cavalgadura, sentindo-se elle montado no animal que a toda a brida parte correndo por barrancos, montes e vallados até um pouco antes da madrugada.

Ao acordar o homem acha-se em pé no meio da casa e na noite seguinte para que a feiticeira não exerça maior vingança e para que deixe de uma vez para sempre o lar em paz e socego não utilizando mais a mulher como cavalgadura em suas correrias nocturnas, causa das referidas manchas negras no corpo, elle firma logo atraz da porta uma faca no chão que ficará com o gume para fora e que tenha cabo de chifre, e dependura n'ella, toca não toca no chão, um pequeno rosario.

A feiticeira ao tentar entrar em casa sentir-se-ha offuscada com a acção altamente protectora do chifre e do rosario e atemorisada com o gume cortante e bem afiado da lamina procura nova victima.

As meadas são attributos maléficos que acompanham sempre as feiticeiras: no continente nota-se a mesma particularidade assim por exemplo no artigo *Turquel*

folklorico de S. José Diogo Ribeiro publicado na Revista Luzitana vol. XXI lê-se.... "Toda a bruxa possue uns novellos de que não posso precisar particularidades; sei apenas por vagas informações que são para ellas, um indispensavel adminiculo e que nenhuma pode morrer sem ter a quem os deixar. A este proposito consta-me que estando certa bruxa nos mais angustiosos paroxysmos, não podia findar ainda assim por nenhuma das pessoas presentes se resolver a acceitar as diabolicas insignias «Herde-os aquelle pote!» este deu imediatamente um grande estoiro, despedaçando-se, e a bruxa pôde finalmente acabar. Os novellos fazem parte indivisa da herança segundo a opinião de pessoas bem informadas que dizem a modo de proverbio—"quem lhes herda os bens herda-lhes os novellos».....

Uma das utilidades dos novellos entre os furnenses é pois serem de freio e de redeas ao serem utilizadas certas pessoas como cavalgaduras.

Como deixamos dito, as feiticeiras balham durante a noite formando roda em volta do demonio que umas vezes apparece sob a representação de bode ou de porco preto; precisamente a forma como em alguns pontos do continente ellas se apresentam em suas reuniões nocturnas.

Trecho das Caldeiras

A musica preferida é a da *Chamarrita* e a cantiga resume-se em repetir sem mudança alguma os seguintes dias da semana—«Segunda, terça, quarta e quinta».

Uma vez um homem ousado que se atreveu a entrar no *balho* fez e disse tudo o que ouviu dizer e via fazer e assim alcançou do diabo o que pretendia; logo depois um seu visinho encontrando um balho n'elle entrou tambem mas disse todos os dias da semana sexta, sabbado e domingo dias destinados a Deus; o balho deu então um grande estoiro e a giba que elle tinha e que desejava que o diabo a tirasse augmentou consideravelmente de volume.

O demonio figurado n'um porco preto apparece em diversos pontos do continente e nas Furnas; é um insulto o dizer-se que alguem tem olhos, orelhas ou cabello de porco preto. As feiticeiras contrahem tambem matrimonio como qualquer outra mulher e sabe-se que se estão casando quando chove e faz sol ao mesmo tempo causa de grandes damnos para a agricultura alforrando as novidades.

A MORTE

Assim decorria a vida até que pela doença era minada.

O moribundo atormentado por vezes pelos maos espiritos revelados no seu olhar fixo em um ponto determinado do aposento precisava ser liberto d'essa terrivel influencia; espargia-se então esse ponto com agua benta da noite de São João com um ramo de alecrim; os espiritos nocivos e as más sombras dissipavam-se deixando em paz a alma do padecente.

Finalmente no estertor ajuda-se a morrer; bem junto dos olhos do moribun-

do coloca-se um registo, depois volta-se o corpo; mexe-se com elle ou tira-se-lhe bruscamente o travesseiro tantas vezes quantas as necessarias para que exhale o ultimo suspiro. Assim se presta um grande auxilio ao padecente, ajudando-se a alma a desprender-se do corpo sob a protecção do registo do santo.

O entreaberto não apparece aqui tão nitidamente como em outras regiões da Ilha.

A visão da pessôa morta com as costas em chamma é substituida pelos barulhos mysteriosos dentro de casa, que ao serem ouvidos exigem que—"se requeira» —"eu te requeiro em nome de Deus e da Virgem Maria que me digas o que queres»—e só depois se ouve a voz do outro mundo ordenando missas, pagamento de dividas etc. A alma penada apparece tambem em phantasma que sendo branco é inoffensivo mas que quando escuro é para receiar: n'este caso reza-se um creio em Deus Padre acompanhado do signal da cruz e remata-se a oração da forma seguinte :

Barrabraz e satanaz
No campo de gerafaz
Em mim quinhão não terás
Abrenuncio Credo
Santo nome de Jesus.

Em epocha mais antiga vinham logo que alguem morria as carpideiras que acompanhavam o defuncto até ao enterramento no qual nada se notava de particular a não ser a praxe de ser a primeira pá de terra lançada pelo parente mais proximo que alli se encontrava, este costume assim como o de não se accender o lume nem se beber agua do talhão durante o *dia da victima*, dia em que o corpo permanece em casa, ainda hoje usado em diversas freguezias da Ilha vão-se filiar nos usos romanos dos funeraes; o corpo estava em casa entre tres e sete dias; durante esse tempo não se accendia o lume e eram ainda os parentes do morto quem lançava a terra sobre o feretro.

Dos antigos banquetes funerarios resta ainda o pão que se offerece ás pessoas que acompanham o defuncto e o que se dá no dia seguinte ao do enterro por alma do finado.

ROMARIAS, BALHOS, DANÇAS E LENDAS

A's offertas já mencionadas feitas pelo povo aos noivos em seguida ao casamento reveladoras de um vivo sentimento de solidariedade e de auxilio mutuo poderemos juntar outra pratica que indica a sua feição hospitaleira e piedosa.

Esta encontra-se nas romarias.

As romarias organisam-se em uma freguezia e põe-se a caminho dando a volta á Ilha a pé durante oito dias; um homem mais illustrado faz-se mestre dos romeiros, convida vinte ou trinta companheiros que por devoção o acompanham e n'um determinado dia partem encorporando-se ás vezes tambem algumas mulheres.

Todos seguem descalços, levando um bordão *de contro*, uma *cevadeira* com pão, uma manta e lênço vermelho na cabeça cujas pontas atam sobre a nuca.

O mestre distingue-se pelo logar que occupa no prestito e pela campainha que leva.

Emquanto caminham nos campos vão rezando geralmente em voz baixa a Ave Maria, formando a dois e dois e levando adeante o procurador das almas e atraz o mestre; quando porem chegam ao povoado abrem duas alas na estrada e o mestre *inculca-se* ao Santo da Egreja dando-lhe uma *salva*.

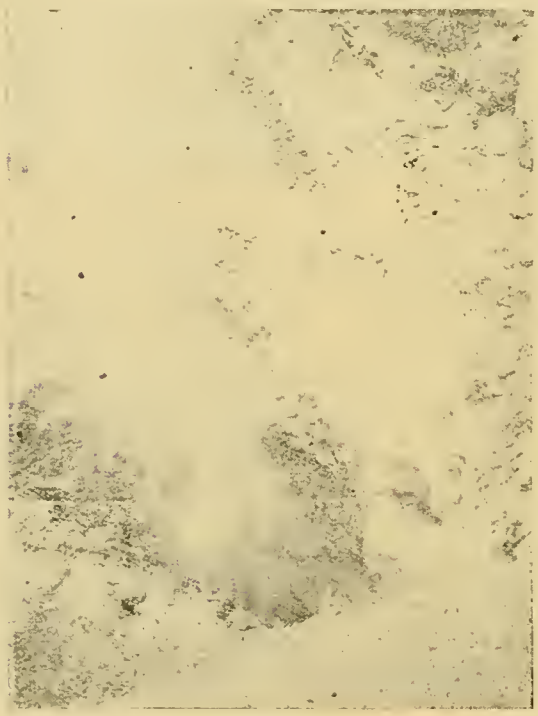
"Deus vos salve Mãe de Deus Padre, Deus vos salve Mãe de Deus Filho, Deus vos salve ceo claro da Santissima Trindade» e os romeiros acompanham todos com —amen—depois faz uma oração e offerece ao Santo todas as rezas da romaria durante a caminhada desde o ultimo povoado.

E assim vão rodeando a Ilha até chegarem á sua aldeia.

A romaria em certos casos reza tambem em voz alta ao atravessar os campos e ao ouvil-a os camponezes descobrem-se emquanto dura a toada.

Chegados os romeiros aos povoados á noite, são colhidos pelo povo que os distribue por suas casas onde ficam geralmente aos dois, dando-lhes ceia, agua quente e dormida.

O romeiro logo que chega offerece o seu rozario ao dono da casa para por elle rezar por intenção dos seus defunctos, restituindo-o depois de o haver beijado assim como os restantes membros da familia.



A Caldeira do Polme

O sentimento de respeito, de piedade e de sympathia pelos romeiros é ainda hoje muito visivel e quando elles passam rezando a sua oração plangente acompanhada de campainha e arrimados aos seus pesados bordões n'um rhytmo professional, infundem uma emoção bastante triste.

Como nota final falaremos nos balhos onde se avivam as sympathias e se declaram os amores, estimulos fortes para o desabrochar do sentimento artistico popular revelado na musica, na poesia e na choreographia.

Os balhos estão hoje bastantes desusados, antigamente porem não era assim.

Nas cantigas do *pésinho* e da *bella aurora;* na da *Chamarrita de braço* e na *singella* e ainda no *mangerico* a mais interessante dança michaelense e de musica mais original e harmoniosa, a nosso vêr, acompanhadas com a tradicional viola de seis, outo e dez cordas de tampo recortado em corações, exteriorizava-se todo o sentimento da gente moça radeante de alegria e enthusiasmo n'um mixto de religiosidade e ironia, de superstição e de crendice.

Oh Maria! Oh Maria!
Não saias de noite á rua
Q'o diabo é macaco
Quando quer fazer a sua.

O sol pensa que me engana
E sempre lhe ando ao geito
Quando sahe é que me ergo
Em se pondo é que me deito.

Toma cuidado ao passar
De noite pelo Passinho (1)
Estão almas ruins soffrendo
Lá junto do ribeirinho.

(1) O Passinho é a pequena ponte hoje de pedra e outr'ora de madeira por onde se segue para a agua azeda na baixa das Caldeiras.

Pr'o quebranto e olho mau
Rama de alecrim queimar
Com o fumo da casca de alho
Tudo foge lá pr'o ar.

Alem d'estes balhos viam-se tambem as danças de origem processional hoje completamente desapparecidas.

O theatro popular, as tradicionaes comedias usadas particularmente para occidente da Ilha, nunca existiu nas Furnas segundo nos informaram e uma unica lenda conseguimos colher, a da encantada que apparece no Salto da Agua Branca, no Espigão da Briosa lá para os lados da Alegria.

Ella mostra-se a quem passa perguntando o que mais bonito é, se o seu rosto se o pente de ouro lavrado que tem na mão; como o pente é de rara belleza todos respondem ser este mais formoso, ella então some-se na espuma branca da agua e atira com o pente que se transforma em carvão.

Como nunca conseguirá que digam ser ella mais bella, condição para se dar o seu desencantamento alli viverá eternamente confundida n'aquellas aguas tumultuosas, no mysterio da sua toada, no encanto da sua alvura e na tortura do seu constante movimento.

Eis o que conseguimos registar, do que de certo interesse folklorico encerra o viver furnense e o que resultou da conversa por nós surprehendida entre os dois camponeos que descansavam perto do miradouro da Avenida Pereira Athaide n'aquella encantadora tarde dos fins de Junho de 1918.

O relato pois que deixamos feito afigura-se-nos ter algum interesse pela circumstancia de nos offerecer em certos pontos originalidade, razão esta porque o damos á publicidade.

LUIZ BERNARDO L. D'ATHAIDE

CHRONICA MORAL

A felicidade é muitas vezes a bola que a pessôa vem para apanhar e dá-lhe antes com o pé; no mundo psychico levantam-se dramas que dominam as energias e a natural tendencia do individuo succumbe no trabalho. Deixar alastrar no espirito essas más ideias que corroem os sentimentos optimistas propulsores da prosperidade humana, é um estado pathologico que carece therapeutica immediata para não haver corrupção social; porque a corrupção social é a consequencia fatal d'essas excitações cerebraes desenvolvidas n'um meio imbuido do damno e da desorganisação impregnada de paixões fracas e doentias. Assim como no espirito se enfraquecem as faculdades intellectuaes, nas sociedades os costumes concorrem ou não para a producção e para o progresso, nos estados, de mesmo, a legislação é factor correspondente e é d'ella que pode emanar a civilisação ou a desmoralisação.

A fonte da prospriedade social é a vida domestica. Quando ella é baseada na confiança mutua dos esposos, a felicidade resplandece em redor d'essa força luminosa entregues os seus membros á actividade d'um trabalho regular, quando a inveja, a cubiça, a vaidade, a ambição, sem a justa comprehensão das forças disponiveis, toma a razão, o mal sahe as portas do lar, os sentimentos tornam-se paixões cegas e violentas e cae-se na degradação do commettimento dos mais nefandos actos de violencia.

José Maria Raposo do Amaral Jr.

Em Portugal a Maria da Fonte e o 14 de Maio de 1916 são um exemplo frisante do que pode praticar uma massa entregue ao desvairo de vontades mal orientadas e nutridas pela doença da alma; em França o 89 degenerou em chacinas que durante annos regaram de sangue o paiz que se disputava a democracia e o regimen parlamentar á aristocracia e ao governo absoluto.

E essas chacinas foram ellas apenas provocadas pela acção politica revolucionaria no entre-choque dos principios e das doutrinas? Não... a população excitada não se contentava em ouvir os oradores publicos e dar livre pratica aos conselhos que recebia; ella propria excitava-se os animos e as paixões lançando mão dos meios mais perversos e picantes. Theroigne de Mericourt, a côrtezã do Luxemburgo vestida d'amazona e chapeu de feltro do tempo, plumas á Henrique IV, é uma d'essas entidades que desde o comicio á acção revoluccionaria excitou as paixões dos parisienses durante os annos de revolução até que um bando de mulheres que se achavam em frente a um dos terraços das Tulherias aonde ella passeava depois de defender Brissot (31 Maio 1793) a agarraram e lhe deram açoites.

E o amor! quanta exploração se faz á sua custa para deprimir os caracteres e provocar o odio e a raiva? Mirabeau viu-se um dia sem a sua esposa, e Napoleão consorciou-se com a amante de Barras.

Costa Cabral em Portugal n'este periodo que antecedeu a Regeneração e que foi fertil em revoltas não foi tornado um typo d'explorador de fundos publicos em proveito pessoal e em detrimento da collectividade? E não se levantou o paiz em massa para combater os sobreditos desmandos dos fundos do Estado?

A actividade marcha com a moral e os exemplos veem das remotas civilisações, e a Inglaterra que é hoje indiscutivelmente a nação que melhores instituições possue para garantia das prerogativas e privilegios dos cidadãos salvaguardando com a complicada legislação os interesses dos seus subditos dá multiplos exemplos do que vale um regimen d'esta natureza para a civilisação do Estado.

Tem sido muito discutida a acção politica durante o meio seculo que passou no decurso da monarchia. Preparada no estudo e correcção dos erros da politica Cabralista, a regeneração e o progressismo alternaram-se n'uma acção pelo contrario prospera para os interesses do districto de Ponta Delgada. Os homens foram de natural honradez e n'ella estabeleceram as rodagens em que os negocios publicos andaram durante esse tempo.

No ultimo periodo o Senhor José Maria Raposo do Amaral Junior que a morte levou em 16 de Dezembro do anno passado de 1919 na sua residencia da rua do Frias em Ponta Delgada como ex-chefe do partido progressista, foi dos homens que mais se dedicára á causa politica. Um dos oradores que á beira da sepultura proferiu panegiricas palavras para a memoria do morto disse que com elle findava um passado politico.

Era numerosa a assistencia e aquella gente cobrindo-se e descendo a alea central do Cemiterio de S. Joaquim vinha tristemente pensando no que tinham sido estes 70 annos ultimos de politica partidaria.

O que ella era na presente occasião estavam todos a sentir no tumultuar das paixões sociaes disputando-se o funccionalismo, a auctoridade, os cargos publicos a serem desempenhados sem haver o mandado popular, as nomeações sem responderem ás legalidades dos regulamentos e concursos estabelecidos, os governos locaes a terem á sua testa coripheus de propaganda.

A' lucta pela vida vinha-se associar a lucta pela politica e o lemma a Republica tudo acobertou á força entre friorentos e calorentos sem respeitar a resistencia physica de cada qual. Por isso as doutrinas politicas timidamente se esquissam na confusão das theorias sociaes que jorram de todos os lados expressas como documentos de illustração e d'instrucção n'uma sociedade que se afogava no jogo e na aposta e que pouco estudava e que portanto pouco apta se achava absorvel-as e recebel-as.

Para onde ia esta politica desvairada?

Alguns teem-na querido restabelecer no antigo regimen do rotativismo em que os partidos tinham trez annos de opposição e outros trez de governo pelo menos e nos bons desempenhos da missão essa confiança prolongava-se por outro periodo equivalente. Mas a paciencia, a arte da critica que consistia na opposição o elemento principal da victoria pois que era d'ella que se ia elevando ás vezes o edificio governativo para mais tarde e ao mesmo tempo o controlo fiscalisador e o criterio social, ambos esses dons não eram do actual momento.

Eis no que pensava sem duvida aquella bicha de agente que se movia a passo cadenciado e rapido pelas ruas do Cemiterio, pelos portões e se bifurcava na rua de São Joaquim para o poente e para o nascente, sob a impressão e influencia das palavras do orador que dissera que um mundo politico se findava com a morte do Snr. José Maria Raposo do Amaral.

Essa politica não póde findar porque as tradições são forças propulsoras nos mechanismos sociaes, porem como todos os mechanismos são susceptiveis de se escangalharem, assim as tradições não se movem porque ás vezes ha parafusos partidos e é preciso substituil-os. Presentemente enroscam-se as porcas e depois de tudo ajustado, a machina partida trabalhará, a fabrica continuará a dar o seu rendimento como d'antes.

No fim da monarchia o Senhor José Maria Raposo tinha attingido o limite da grande obra de consolidação partidaria que lhe entregára seu illustre pae antes de morrer, e baixando com o evento da nova Constituição e com o desenrolar dos acontecimentos revolucionarios ainda pôde unir os seus correligionarios no regimen republicano para os effeitos das eleições em 1917 levando a maioria ás corporações administrativas e aos corpos legislativos, prova em como não estava extincta a chamma que alimentava a agremiação progressista e do velho regimen politico creado com a regeneração.

A regeneração que viera com o Duque de Loulé salvar á politica militar dos

marechaes a obra administrativa e de fomento de Costa Cabral, anniquilára tambem os processos d'este para oppor á força o regimen do bom senso e da regularidade baseada nos interesses neutraes e no equilibrio das forças publicas.

Desde que no dia 13 de setembro de 1847 os officiaes das forças de terra e mar, commandante de caçadores 5 Sebastião Francisco Gomes Cabreira e Francisco Soares Franco, commandante da corveta Iris, com os consules das nações extrangeiras e officiaes da marinha de guerra ingleza que se achava em Ponta Delgada afim de terminar com os governos irregulares estabelecidos com a guerra civil da Maria da Fonte, depuzeram as auctoridades constituidas, desde esse dia a politica michaelense ia-se moldar nas formas porque depois se manteve até 1910. Era então chefe do districto José Jacome Corrêa que depoz immediatamente o seu mandato conferido na qualidade de membro do Conselho do Districto de que fazia parte á morte do Snr. André do Canto e d'esse concelho consultivo e regulador da administração da Junta Geral para que fôra eleito José Jacome Corrêa viu-se com a responsabilidade do Governo do Districto n'uma occasião em que o supremo Governo pertencia a uma Junta local Governativa que resistia ao Governo de Lisbôa da Snr.ª D. Maria II.ª. Até então a politica debatera-se entre os marechaes que se disputavam o governo em constantes revoltas; tivera um bafejo liberal e democratico com Passos Manuel que captára as sympathias da nação durante algum tempo e assentava na ordem com Costa Cabral, mas imposta á força militar.

Costa Cabral fôra aqui juiz da relação e eleito em 1837, deputado por Ponta Delgada, tinha portanto uma maioria esmagadora no Districto e a lucta era minima. O Visconde da Praia e Antonio Vicente Peixoto e Francisco Affonso da Costa Chaves e Mello eram os trez dirigentes da Politica michaelense e cartista, assim designada depois que em 42 Costa Cabral deixava o seu primeiro ministerio em Lisbôa para ir implantar a Carta ao Porto em substituição da Constituição de 1826. Visconde da Praia representava a politica d'obras publicas que era uma das preocupações e orientações do Cabralismo e tinha o Cartista como jornal e Antonio Vicente Peixoto representava o Districto nas Côrtes e foi governador civil. Chaves e Mello dirigia o Monitor e foi egualmente deputado e chefe do Districto exercendo a mais intensa acção para levar as medidas d'ordem e cordura ás mais afastadas freguezias das Sédes dos Concelhos das duas Ilhas.

Os primeiros dissidentes do Cartismo são os membros da familia do Morgado André Diogo Dias do Canto e Medeiros que dispunha de grande influencia politica e que se tornaram na Regeneração um dos principaes baluartes de combate e quando pela Maria da Fonte as Cidades do Norte começam a estabelecer as Juntas Governativas são elles os promotores do movimento de Ponta Delgana de 47; no emtanto n'essa ocasião lá teem elles representação na Junta Geral e Concelho do Districto devido á sua importancia politica a fazerem administração publica inclinados para o Setembrismo, apezar de Passos Manuel estar offuscando-se ao sol nascente do Cartismo.

Mas havia ahi outros factores que tinham determinado a attitude na opposição da familia Canto e com ella a familia Pacheco ligada por parentescos estreitos com os Cantos. Dizia Antonio Vicente Peixoto que D. Maria II.ª devia agraciar o Senhor José Caetano Dias do Canto com um titulo attendendo a que Jacintho Ignacio Rodrigues da Silveira o tinha sido e o Visconde das Larangeiras tambem, tendo o Morgado José Caetano alojado Suas Magestades em 31 em Ponta Delgada e prestado não menos serviços á causa da Liberdade do que os outros titulares, attribuindo o retrahimento politico dos Cantos á ingratidão Regia; o que é facto é que Passos Manuel reunira á sua politica liberal José Estevão Coelho de Magalhães e o ilheu Manuel Antonio de Vasconcellos que fundara em Lisbôa o jornal «O Tempo» e com este combatia os governos Cabralistas com vehemencia a ponto de formar uma juncção que prevalecia á lucta do partido historico de Loulé contra os cartistas, José Estevão fazendo a revolução de Santarem da Maria da Fonte assentara ainda mais o espirito descentralisador que tão sympathico era

aos autonomistas michaelenses d'essa epocha e que tão apoiado se tornou depois na opposição com a volta de Costa Cabral ao governo e na constituição do partido Historico.

A juncção de Magalhães com Antonio Rodrigues Sampaio e a sua acção vae imprimir feição ao partido regenerador em que Antonio Rodrigues Sampaio se evidenciava dos defeitos de Terceira e Saldanha: Rodrigo da Fonseca e Fontes Pereira de Mello, formando esse partido, veem arrebanhar as forças michaelenses hesitantes, e talvez á espera da formação do partido liberal de José Estevam que nunca se constituiu por a morte arrebatar no entretanto o celebre tribuno.

No partido regenerador michaelense filiavam-se os autonomistas de 1821 quasi todos e depois quando este e o partido de Loulé se desenvolveu na nova feição com Anselmo José Bramcamp formando a opposição aos regeneradores n'um regimen politico d'ordem e de progresso com programmas identicos, uma nova facção se formou na Ilha para a qual a familia Raposo do Amaral contribuiu com duas gerações de chefatura. Foi moroso o seu desenvolvimento mas o senhor José Maria Raposo do Amaral, primeiro chefe, dum caracter tenaz, matisado das melhores qualidades civicas do cidadão foi consolidando as forças d'um pequeno grupo opposicionista que luctava em pessimas condições e em 20 annos disputava no mais equilibrado dos regimens politicos a maioria parlamentar e administrativa aos regeneradores.

Estes dois grupos que conjugavam os seus esforços com os partidos do Continente com as mesmas aspirações de progresso que tinham iniciado Loulé e Coelho de Magalhães offerecidos á causa das obras publicas, caminhos de ferro e vapor, com orientações distinctas, vieram estabelecer desde que Iôra implantado o regimen parlamentar em Portugal este rotativismo d'acção periodica determinada, preparado d'antemão nos centros e reuniões partidarias e regulado no exercicio do governo e dos Corpos Legislativos e administrativos.

José Jacome Correia chefiava um partido á sombra do qual os grupos independentes disputavam os seus principios; José Maria Raposo constituiu d'esses elementos dispersos uma organisação politica. O seu criterio recto, a bôa orientação d'um espirito franco, os seus modos ponderados e reflectidos, uma observação arguta eram qualidades para formar d'elle um bom dirigente de partido. Diz Simão Raposo que escreveu umas notas biographicas para as Photogravuras Autonomicas que elle era avesso a qualquer entendimento com o partido contrario; o que não é verdade para demonstrar as suas qualidades como chefe do progressismo. José Maria Raposo constituiu o partido nas melhores relações com os seus adversarios politicos e não tinha qualquer prejuiso que lhe pudesse contrariar a livre deliberação sobre qualquer decisão que se offerecesse com opportunidade para o partido ou para os negocios publicos. Foi mesmo n'essas bôas relações que se desenvolveu a vida politica do ultimo meio seculo da monarchia, e que é necessario descrever, porque ella representa uma epocha, a segunda phase do parlamentarismo monarchico, e a melhor, pois que ella foi caracterisada por todos os elementos que permittem o facil desenvolvimento do progresso, a ordem e a conservação da lei constitucional. Houve de facto occasiões em que os animos se acirraram e as eleições foram disputadas na presença da tropa de baioneta calada; o Governador Civil Narciso de Carvalho foi quem deixou assignaladas com a sua passagem pelo Districto essas scenas de desordem d'uma epocha retrospectiva, porem esses casos dispersos não são mais do que o reflexo da abolição social que já estava arrefecida pelo interesse das coisas positivas, a dedicação e a estima pela causa publica, a attenção ás conveniencias mutuas. A educação politica tinha limpado aquella espuma escura d'uma fervura demasiado intensa, o contacto com o ar e a extincção do fogo tornaram a agua á limpidez primitiva a esterilisação dera-lhe a pureza bacteriologica.

A esterilisação durára o periodo em que José Maria Raposo do Amaral pae dirigira os negocios do partido progressista, a agua fervida bacteriologicamente

pura esfriava agora com a chefia do José Maria Raposo do Amaral filho. E nós todos bebemos d'essa agua. A morte arrebatou José Jacome Corrêa que foi substituido por seu irmão Pedro Jacome, o deputado que por mais legislaturas passou, veiu esse periodo da autonomia de 1895 que juntou n'uma vontade commum todas as actividades politicas michaelenses reunindo progressistas e regeneradores, e a agua fria deliciosamente potavel era absorvida pura e sem bacterias por toda a população da Ilha.

O que houve para que se não turvassem as coisas foi uma grande sabedoria na verdadeira accepção da palavra, muita cordura, muita bondade. Exaltavam-se os animos? Eram immediatamente postas em execução as mais sanitarias medidas de prophylaxia politica. Deram-se mesmo radicaes golpes afim de normalisar as situações e evitaram-se conflictos sociaes, estou certo, agora que tenho visto n'estes ultimos dez annos, excitados os temperamentos e esse excitação alastrar n'um crescendo aterrador e perturbador da vida nacional em todas as suas manifestações d'actividade, e aprecio a avisada prudencia e energia d'essa gente nossa contemporanea que tão bem soube derramar a concordia na sociedade que applaudia o seu trabalho civilisador.

Analysemos a psychologia dos phenomenos sociaes e resolvamos a questão se é possivel banir um passado que durante meio seculo impregnou uma sociedade dos melhores sentimentos politicos. Meio seculo de vida exemplar é uma lição que jámais se perde na existencia d'um povo e os nossos antecessores merecem bem que nós lhes tributemos estes elogios, porque elles não deixaram atropelar as leis e não permittiram expansões de manifestações que perturbassem a ordem publica e irritassem os mais fortes animos com torpezas e villanias.

Essa persistente quadra de sabia politica não se perdeu e nós gozamol-a traduzida em multiplos beneficios; a natureza saltita como um passarinho sobre a terra quando deixa a sua natural maneira de se transportar pelo vôo, mas depois do salto vem o vôo estavel, essa maravilhosa faculdade dos seres humanos de congraçarem os seus esforços sob as conveniencias mutuas e laborarem n'esse sentido.

Agora nós saltitamos mas em breve desprenderemos esse vôo sublime para as regiões do progresso garantidas pela ordem porque as tradições de mais de meio seculo de bôa harmonia publica deixam-nos egualmente o exemplo do que pode na vida das sociedades o bom senso e o respeito mutuo.

A conducção dos negocios politicos pelo partido do snr. José Maria Raposo teve todas as caracteristicas da segunda phase da politica da regeneração: na primeira phase o chefe do partido abstem-se de assumir cargos publicos; no principio da carreira e da vida do partido exerce funcções administrativas de quando em quando e por fim nem isso mesmo, entregue inteiramente ás preoccupações partidarias. E' o phenomeno da ramificação d'actividades que dá logar a este eclipsamento d'auctoridade tão notavel depois do periodo Cabralista em que os chefes exerciam o Governo Civil centralisando em si as direcções partidarias politicas e administrativas em constante exercicio de funcções. O Senhor José Maria Raposo do Amaral pae pouco exerce os cargos publicos; elle vae tecendo a malha partidaria e n'isso emprega todos os seus esforços, e a sua facção em breve adhere a si um formidavel partido d'opposição.

O Senhor José Maria Raposo filho herda a chefia do partido constituido em solidas bases e gere o governo civil e toma assento na Junta Geral, mas a sua natural inclinação é pela administração Camararia; é ahi que elle exerce uma acção interessante na organisação dos serviços publicos deixando a sua passagem assignalada por efficazes obras. A canalisação, a illuminação, a distribuição das aguas teem hoje uma prosperidade impressa pelo partido progressista durante a gerencia do Snr. José Maria Raposo do Amaral filho.

Mas o centro politico é a grande obra do Senhor do Collegio. Proprietario do grande edificio, aonde os jesuitas celebraram mais de seculo e meio o predominio da religião e do ensino, por herança de seu avô Nicolau Maria

Raposo, que o comprou em praça depois do Marquez de Pombal extinguir a ordem em Portugal, alli se celebraram n'aquellas velhas salas lageadas e abobadadas as grandes reuniões e os conselhos decisivos para a marcha dos negocios publicos.

E' esse Collegio, aonde o Senhor dos Passos recebe a devoção dos fieis como as bellas obras de talha são altamente admiradas pelos artistas, e na egreja o Governo autonomista de 1821 instituiu a missa militar e que ainda em nossos dias foi conservada nos costumes do Commando do Quartel de S. João, junto á egreja um vasto convento, pateos espaçosos e cercas vicejantes. Muitas vezes esses recintos se encheram de gente e receberam-se alli as ordens para as eleições. Listas de propaganda eram distribuidas, conselhos eram dados, elucidações sobre candidatos eram prestadas e essas cohortes votavâm em massa pelos seus correligionarios. Os regeneradores executavam differentemente: Chefes locaes entendiam-se geralmente por escripto com o chefe em Ponta Delgada e todos dirigiam os trabalhos partidarios na lucta eleitoral e quando se tratava de recommendações d'empregados publicos, de collocações de funccionarios, de accordos partidarios de conveniencia politica, as mesmas trocas de correspondencia, tudo arranjavam, tudo previam.

Varias vezes se estabeleceu conflicto quando a uma collocação disputavam candidatos progressistas ou regeneradores; e numerosas foram as occasiões em que se gritou traição, porem nada havia de irregular n'essas protecções partidarias á burocracia pois que os concursos é que regulavam as admissões e os juris dos concursos eram constituidos por pessôas independentes, estranhas a partidos.

Tambem os extra-partidarios accusaram os partidos de recorrerem a expedientes pouco dignos para conseguir fins de ordem partidaria, outra aleivosia que nunca passou da atoarda para a historia. Uma occasião estava-se em vésperas de eleições e chegava um dos vapores da carreira trazendo o chefe do partido progressista a bordo. As auctoridades sanitarias prohibem a livre pratica ao navio por vir de Lisbôa aonde houvera casos de doença epidemica grave; corre immediatamente que fôra por suggestão do Governador Civil regenerador que actuava em harmonia com o designio do chefe do Partido que fôra prohibida a livre pratica ao vapor da carreira.

Mas estas puerilidades são bem attenuantes nos males d'essa politica que tem tantos detractores nos descontentes. Mas é certo que esses descontentes nunca constituiram um partido por pequeno que fosse. A maçonaria chegou a ter influencia extra-partidaria elegendo deputados por uma propaganda energica; mas ephemeros lampejos d'uma politica muito occulta nunca elles se repetiram a ponto d'esclarecer o ambiente social. Os maçons fóra das lojas foram sempre progressistas e regeneradores e aquelles que dentro da associação expandiram as doutrinas independentes não conseguiram arrebanhar os ellementos partidarios que ahi se dispersavam; esta é outra prova de formidavel força partidaria do rotativismo da regeneração e do progressismo constituido já com o desmembramento dos clubs no periodo liberal e do Cabralismo.

Mas quão pequenos são os attritos d'essas epochas passadas comparados com o tumulto das doutrinas n'esta 1.ª phase da Republica! O Governo de Lisbôa do 1.º Governo Provisorio institue na vida portugueza as bases da sociedade futura.

Esse trabalho é feito por professores, por homens eminentes da vida republicana do tempo da propaganda republicana; o paiz acata-os, recebe-os com jubilo e os enthusiasmos monarchicos morrem a vóz alevantada dos heroes do democratismo; porem quão breve é essa acção!? depressa se revoltam os animos abatidos em face da execução administractiva. Era essa execução administrativa que fizera a força dos homens da Regeneração.

Os elementos historicos do partido republicano constituem na administração uma facção importante, mas a questão social absorve-os e elles succumbem no

conflicto economico e administrativo. Ahi se constata a difficuldade de desprender uma sociedade das velhas tradições partidarias da regeneração e do progressismo.

Elementos estranhos á velha politica vieram para a administração publica introduzir doutrinas novas; na Camara debateu-se o municipalismo, na Junta a emancipação da administração districtal; e ainda que as doutrinas fossem bôas, a acção não teve o alcance que devia ter porque as correntes estranhas aos elementos componentes das Corporações não acceitaram de bom grado os trabalhos administrativos.

A Camara estabelece mal o municipalismo porque exerce-o n'uma fraca orientação economica e as bôas doutrinas são absorvidas n'uma deficiente execução administrativa; a Junta lucta contra a crise surgida pela guerra e os seus trabalhos apenas veem coroados os esforços empregados por uma mais justa arrecadação de contribuições que aggravam de mais cem contos as receitas da Corporação.

As preoccupações da republicanisação trazem difficuldades politicas aos eleiçoeiros no regimen republicano e o Snr. José Maria depois de 6 annos de tentativas frustradas para organisar um partido monarchico, consegue juntar as forças dos dois antigos partidos rotativos da monarchia n'um novo partido aonde o Sr. Dr. Aristides Moreira da Motta, um autonomista, acena ás massas com um programma de regionalismo que é o lemma da sua creação. Esta feliz iniciativa do Senhor do Collegio trouxe para o sentimento das populações o tradicionalismo que forma as grandes forças das nacionalidades e prova ao mesmo tempo que não estava extincto o passado da politica progressista no districto com os seus defeitos de absorver actividades nas consolidações partidarias e de crear sinecuras no funccionalismo.

O Senhor José Maria Raposo viveu como um patriarcha no seio da sua familia. Não foi um orador que demonstrou ás sociedades pela palavra a senda do progresso a trilhar, nas corporações publicas orientou a acção administrativa com as suas ponderadas e judiciosas opiniões e a sua auctoridade emanante d'essa forte moral adquirida na vida domestica entre as preocupações da gerencia da sua casa e a consolidação do partidarismo na vida politica michaelense, impoz a bôa ordem e a bôa disciplina administrativas.

Se formos estudar Voltaire nas suas concepções philosophicas sobre os sentimentos, nós vemos que elle concebe o amor, reconhecendo-lhe os significados correntes de sentimentos da saudade e de desejo d'approximação, em caprichos de dias, em ligações sem dedicação, em affeições sem estima, em momices de sigibeu, em habitos frios, em phantasias romanescas, em prazeres seguidos de rapido enjôo: desde as funcções physiologicas da propagação nos animaes á existencia em commum em que o amor sensual consolida a confiança e a estima dos seus agrupados no lar, elle mostra no diccionario philosophico ter-se occupado da questão estudando-a com a importancia que ella merece e chega á seguinte conclusão que me parece do maior alcance para a analyse da felicidade dos povos, se o amor chamado platonico ou socratico, isto é, o que é mantido entre os individuos para a bôa harmonia e progresso sociaes, é um amor honesto, era digno d'applauso, se era deboche, dizia o sabio de Ferney, que era motivo de vergonha para a *Grecia*. E' que a dissolução e a corrupção das velhas civilisações commentadas pelos escriptores do tempo demonstra de sobejo que a lucta entre as artes, as industrias, as sciencias e as lettras são absorvidas pela satisfação das paixões sensuaes e pelos costumes desmaselados que entregam á sociedade aquelles individuos que devem consagrar-se á execução de trabalhos productivos ou ao gozo e distribuição ligados á economia nacional.

Falar na moral não é precisamente o que convem aos interesses da collectividade que precisa sabel-a e talvez mesmo esquecel-a nas occupações uteis, mas os povos devem tel-a como motor da vida e expor as vantagens gravitantes em sua

roda; Solão e Socratas pela legislação e pela palavra exerceram benefica influencia em Athenas e este ultimo, como moralista independente, não se agrupando ás facções politicas e soffrendo mesmo perseguições e censuras e acabando na morte, considerado como nefasto, elevou-se dos meios corrompidos ás altas espheras das doutrinas ethicas e implantou á roda dos bons costumes as bôas crenças d'uma só divindade derruindo o culto dos deuses pernicioso á acção laboriosa.

A opinião publica dirigida com principios de moral actua naturalmente sobre a acção geral, quando a moral por ella derramada só interessa certas classes ou individualidades, é fraca a sua influencia e as outras classes depauperam; por isso os principios de moral servem á generalisação de qualquer classe social e elles devem ser variados como são as classes.

Os moralistas ilheus que acompanharam esse periodo politico michaelense até ao findar da monarchia foram os jornalistas; na Junta Geral, José do Canto entre outros accentuam principios d'administração que ficaram na rodagem administrativa, mas na moral creadora, ninguem se lançou n'ella pela imprensa. Costa Rezendes foi um poeta visionario e satyrico que disse mal de tudo e de todos e previu a implantação da Republica em Portugal n'um breve prazo de tempo. Mas para que era preciso moral na imprensa, alem da natureza moral que a caracterisava? Todos a tinham no seio das suas familias e pensavam n'ella como no baluarte da salvação politica. Havia, era certo, a emigração que representava os defeitos d'uma engrenagem incompleta e que apparecia nos destinos da sociedade michaelense como as praticas dos genios máos d'este inferno da vida, e que a moral nunca chegou a dominar em conflicto com a liberdade d'acção de todo o cidadão, mas quantos rectos ensinamentos não emanaram d'esses actos publicos d'essa gente contemporanea do ultimo chefe do partido progressista de S. Miguel?! Revivel-os é hoje para a memoria dos povos os bons exemplos da politica rotativa dos ultimos annos da Monarchia, e provando a utilidade da sua prorogação appellamos para o bom senso e para os esforços dos homens bons da nossa politica para os ter sempre presentes a dictar a sua conducta nos negocios publicos. José Maria Raposo do Amaral pela sua vida, pela sua norma social, pelos actos da maior probidade politica e pelos cargos que desempenhou tornou-se uma das entidades moraes michaelenses mais notaveis nos ultimos 25 annos; a moral publica tem-no entre os seus mais notaveis exemplares de integridade.

José Claudio de Sousa & C.ª

Estabelecimento de Quinquilharias, Papelaria, Livraria, Louças e Vidros

Representantes da IMPRENSA NACIONAL—Lisboa, da **Manufacture Française d'Armes**, Saint Etiene—França, da **Tinturaria Cambournac**—Lisboa e da importante casa ingleza **Knowles & Foster**—Londres.

Endereço telegraphico—OIDUALC—Pontadelgada

Codigos usados RIBEIRO e A. B. C. 5.ª edição — CAIXA DO CORREIO n.º 18

7 Rua Antonio José d'Ameida—9 (Vulgo Rua Nova da Matriz) Ponta Delgada—S. Miguel—Açores

EUARISTO FERREIRA TRAVASSOS

Papelaria, Livraria e Artigos de Novidade

papeis e envelopes nacionaes e extrangeiros

Novidades literarias

Artigos para escriptorio

Postaes e albuns com vistas da ilha, assim como rendas e varios trabalhos manuaes de industria local

Lado Norte da Matriz N.º 23
Ponta Delgada—S. Miguel—Açores

Livraria Editora Andrade

Angra do Heroismo

Edita obras de fundo recebendo propostas de autores insulares e continentaes

PUBLICAÇÕES RECENTES

Os Açores de Portugal—A Guerra—Portugal no Século XVI—A Crise do Ideal na Arte—O Poeta Povo—Esboços.

Agente em Ponta Delgada
FORTUNATO SOARES DE MELO

PAPELARIA AMBAR

DE **ERNESTO SOARES DE FREITAS**

COMISSARIADO DA POLVORA

Nesta casa encontra-se sempre á venda um variado sortido em papeis e envelopes nacionaes e extrangeiros, livros em branco, pastas e mais objectos para escriptorios, tintas para aguarelas em bonitos estojos, tela e tintas d'oleo, pinceis e mais artigos para pintura, carteiras, pasta e pós dentifricos, sabonetes, ocutos, galões dourados para oficiaes, romances, livros de ensino primario, secundario e normal, diccionarios, etc, etc.

Oficina d'encadernação perfeito acabamento, bom gosto e pontualidade.

Artigos para caça
Bilhetes postaes illustrados

RAPOSO D'AMARAL, SEVERIM & C.ta

(Casa Bancaria)

Depositos á ordem e a praso

Emprestimos sobre letras, hypothecas, titulos, acções, etc.

C/CORRENTES

saques sobre o Paiz e Extrangeiro

Seguros na Companhia de Seguros «SAGRES»

ADMINISTRAÇÕES e todos os demais negocios bancarios

MARCA REGISTADA

E' o chá nacional que melhor aceitação tem nos Açores, Madeira e Portugal

Jayme Hintze

GORREANA—S. Miguel, Açores

Á venda em todos os bons estabelecimentos

Pedidos ao depositario

Henrique Pereira da Costa

PONTA DELGADA

Cortes de fato!

Em boas casimiras e lindos padrões

desde 12.500 reis

Colossal Sortimento!

Receberam

Sousa & Cardoso

LOJA DO POVO

Frente da Matriz

INDICE

	Pag.
Documentos	581
Historia Documental da Revolução de 1821 na Ilha de San Miguel para a separação do Governo da Capitania Geral da Ilha Terceira —por Ayres Jacome Corrêa	705
Nota e Estatistica da Ilha de San Miguel—pelo Engenheiro Francisco Borges da Silva nos principios do seculo XIX	730
Estatistica	737
Poeiras do Passado — O theatro em San Miguel—por Annibal Bicudo	740
Folklore do Valle das Furnas — por Luiz Bernardo L. d'Athaide	766
Chronica Moral	784